

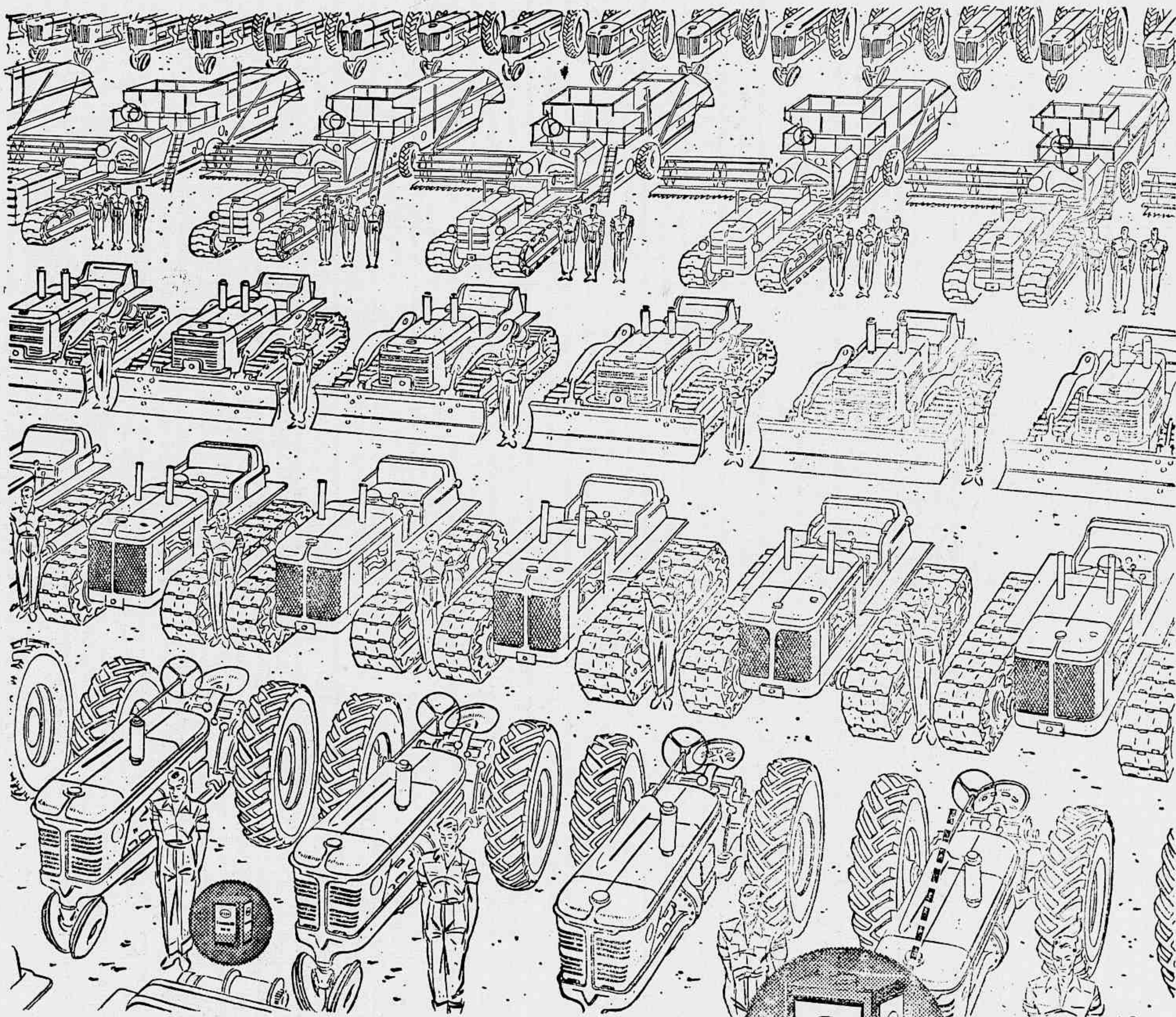
REVISTA DA SEMANA

CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL



2-7-49





O Exército Que Está Crescendo

Em menos de 10 anos, o Brasil duplicou o número de seus tratores. Eles são agora cerca de oito mil. Amanhã, serão quinze ou vinte ou cinquenta mil, porque o progresso deste país não se mede pelo tempo, mas pelo fôlego das suas coisas milagrosas. Esse número crescente de tratores e de outros maquinismos agrícolas, a quantidade também ascendente das máquinas das indústrias ou das ferrovias, o número cada vez maior de caminhões, ônibus e outros veículos da riqueza ou do progresso deste país, exigem grandes quantidades de produtos petrolíferos, comuns ou especializados.

É para atender a essa marcha acelerada do progresso brasileiro que, com firme confiança no futuro desta Nação, a Organização Esso vem elevando ao mais alto grau de eficiência o seu equipamento humano e material.



*Esso a Serviço
do Progresso*

**STANDARD
OIL COMPANY
OF BRAZIL**

A CIDADE NO ESCURO

NA primeira noite em que a luz sumiu, envergonhada, as moreninhas da redondeza saudaram o escuro com gritos de alegria. Foi um movimento em minha rua, uma satisfação, umas risadas! Estavam tão contentes! Penso que eram as únicas criaturas satisfeitas em toda a cidade.

Pois é. Quando todo mundo resmungava, enfurecido, e andava remexendo de gaveta em gaveta atrás de uma vela esquecida há anos, as meninas faziam roda e cantavam.

Se não me falta a memória, parece que andou se repetindo uma escuridão igual a essa, no bom ano de 47. Nesse tempo o pessoal tinha vela. Tinha, sim! Não p'ra bonito, como é costume, nuns candelabros de prata, lindos, e que não se usa p'ra não arranhar, nem para gastar as velas tão finas, tão coloridas, tão... tão elegantes! Tinham velas porque precisavam! Ninguém podia se pintar no escuro, nem comer, nem dar o nó na gravata. Todo mundo comprou! Gostei de ver! Não por mim, mas pelos bolicheiros, pelos donos dos mercadinhos, coitados, tão comidos pelos impostos. Todo mundo se zangou com o preço das velas. (Coitados! E' de um acontecimento assim que eles tiram alguma coisa para quando as vacas emagrecerem de súbito.)

Apesar de subir o preço dia a dia, o pessoal comprou, gastou e' cheio de um otimismo confortante, esqueceu os tócos pelas gavetas de velharias. Porque a gente não ia usar mais aquilo, não era mesmo? Vela é para igreja, velório, promessa. E para os ranchos.

Quando as moreninhas cantaram de contentamento pela súbita escuridão, o resto da cidade embrabeceu. Embrabeceu, que eu sei! Então era coisa que se admitisse faltar luz numa cidade tão bonita e tão adiantada como a nossa? Era? Podia acontecer? Podia? Pois podia, sim, senhores! Tanto podia que até faltou luz, inteiramente! E todos, resmungando, remexeram gavetas, tiraram velas dos santos esquecidos a um canto, ou mandaram a empregadinha ("Vai correndo, hein! Senão fecha!") buscar velas no bolicheiro da esquina ("Traz só quatro. A gente não vai gastar mais do que isso! Depois ficam aí, rolando"). Ah, o nosso bondoso e eterno otimismo!

Mas tudo saiu errado! Erraram os cálculos. Já não precisaram quatro velas; precisaram tantas que lá se foi a conta! E no fim a gente resolveu comprar um lampião. ("A gente" é o modo de dizer. Os outros! Eu não, que já tenho o meu sempre em dia, há muito tempo. Pensam que sou boba? Não vou mais nessa onda de sorrisos e otimismo!)

Quando vi o nosso candieiro crioulo andando em mãos gráficas, que antes tanto repudiavam coisas nossas e só queriam artigo estrangeiro, dei uma sonora gargalhada. Gargalhada de galpão. Por que não? E' tão nossa! Nossos bisavós riam assim. Para que vou importar risada à Bette Davis, ou à Ingrid Bergman? Não, senhores! Risada de galpão, sacudida, saboreada como risada de cordeona à beira do fogo, em noite fria e chuvosa. Porque há muita gente, muita mesmo, que procura esquecer o mais possível nossas coisas e adaptar-se, também o mais possível, às coisas estrangeiras. Pois não é que essa mesma gente anda agora de candieiro na mão, tal qual uma chinhoquinha dengosa, com ares de quem fugiu de um baile de rancho, nalguma noite escura, perdida no tempo?

E o candieiro anda por aí... Coitado! Talvez até fique ofendido com a brutalidade e ignorância com que o tratam. E talvez ande com saudade de mãos calosas e de cheiro de assado. Saudoso, sim! Pensando, com resignação de velho carreteiro: — "Qué que eu fiz prá cá nessas biboca? E quando é que isso vai acabá, prá que eu dê vorta pro rincão? Também tenho saudade da querência, ora essa!"

Sossega, candieirinho! Dizem que "desgraça pouca é bobagem", que falta luz, que falta água, que falta gente decente, que o preço das velas e dos sorvetes está subindo. Eles dizem. Eles — os outros. Porque tu, eu sei que não te lamentas. Tu só queres voltar para o campo, ficar em paz e à vontade no teu rancho de chão batido, como certas criaturas humildes quando vão passar o domingo em casa dos parentes ricos. Vontade de voltar! De nunca ter ido lá! Vontade de sumir!

Eu te compreendo, candieiro. Mas escuta. Há esse ditado de que "desgraça pouca é bobagem" e que não sai mais da boca de toda essa gente, mas há também outro, candieiro, que reza assim: "Há males que vêm para bem". Há, mesmo! Esse, agora! Não é bom que a cidade escureça para que faças tua reaparição? Para que venhas te divertir com a falta de jeito dessa gente que não sabe lidar contigo, que te enche de tísica, que te lambusa de querosene, e deixa torta a tua mecha? Não é bom que tenhas aparecido? Pelo menos assim, enquanto dura a escuridão, essa gente vai aprendendo. E talvez, algum dia, aprendam a estimar-te e até a encontrar a poesia singela que trazes pendurada em tua alça e, quem sabe, talvez também aprendam a recordar, à luz escassa de tua chama, essas histórias de nossa gente, que andam de boca em boca pelos galpões, mas que parecem ter medo de vir à cidade.

Talvez, sob a força de tua presença, agora tão obrigatória em todas as casas, obrigues os outros a se aproximarem um pouco dos ranchos, dos galpões, das canchadas, das várzeas onde se reúnem os vagalumes para fingir de lampião ao carreteiro que vai ermar pouso, das coxilhas onde os quero-queros acampam para sondar a noite.

THEREZA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

S u m á r i o :

SEÇÕES PERMANENTES

A cidade no escuro (Thereza de Almeida)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
Correio da REVISTA	50

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	38

CARICATURA

Sete dias em revista (Théo)	7
Bom humor	11
O mundo manca e a mula murcha	54

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
-----------------------------------	-------

REPORTAGENS

O heroísmo de sessenta judeus (Harold Green)	14/17
Congados em Congresso (Renato de Alencar)	32/37
Quarenta anos de Senado (Herculano Ruy)	55/58

NOVELA

Deslealdade (Anita Lugo)	18
--------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Para a tarde	20
Botões	21
Para o frio	22
Detalhes e novidades	23
O amor é assim	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Aigrettes	24
Camisolas	25
Mães e filhos	25
Novidades de Hollywood	26
Elegantes	27
Week-end na cozinha	28
Interiores	28
A beleza ao alcance de todas	28
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	29

CONTOS

"Sem Futuro" (Maria Adelaide Miranda)	30/31
Um perfeito homem de negócio (J. Resende)	42

CINEMA

Cine-revista	40/41
--------------	-------

RADIO

Broadcast	43
-----------	----

TEATRO (José Fomm)

ARTES PLASTICAS (Angelus Ravel)	51
---------------------------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	50
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	47
-----------------------------------	----

ILUSTRADORES

M. Queiroz	
Fernando Pereira	
Orlando Matos	

REVISTA DA SEMANA



NOSSA CAPA

Brenda Marshall, a encantadora "estréla" morena que tantas "performances" nos tem apresentado, foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Depois de quase dois anos de afastamento das "cameras" de Hollywood, Miss Marshall voltou novamente ao convívio dos fãs no filme da Paramount "Abutres humanos". (Foto Paramount.)



Gabinete do Diretor-Presidente



O AUTOMÓVEL CLUBE DE S. PAULO

UMA ENTIDADE NOVA QUE SE AGIGANTOU DENTRO DE UM PROGRAMA
HONESTO DE ASSISTÊNCIA AOS SEUS ASSOCIADOS

O "ACESP" — Automóvel Clube do Estado de São Paulo foi um sonho que se converteu em realidade magnífica. Para comprovar esta assertiva é suficiente rememorar a história de sua existência. Ela não é longa eis que se trata de uma entidade jovem mas gigante. Um reduzido grupo de homens,

sem ter embora o dom de adivinhos, mas, confiantes no poder do trabalho organizado, na junção dos esforços, encorajando-se mutuamente, resolveu lançar as bases de uma sociedade, cujo escopo seria o amparo e o incentivo ao automobilismo. Contando com o incentivo valioso da entidade máxima no país, o Automóvel



Departamento de Seguros



Departamento de Despachos

Clube do Brasil, fundou, na data de 1 de junho de 1935, na cidade de Campinas, o Automóvel Clube do Estado de São Paulo.

Nasceu ele pequeno, como obedecendo às leis da natureza, mas, fadado a um desenvolvimento precoce porque o futuro se abria à sua frente, convidando-o a palmilhar a estrada do progresso.

Fundado que estava, entrou o ACESP na fase preparatória dos empreendimentos, das realizações, com uma audácia digna de aplausos. Esse período teve a duração de pouco mais de um ano, pois que já em agosto de 1936, realizava-se a sua primeira assembléia.

Quem, na ocasião, se desse um trabalho de observação, comprovaria desde logo que aqueles homens estavam e continuariam por algum tempo a braços com graves dificuldades e pesadíssimos encargos. O balanço que então se apresentou, acusava um saldo devedor de Cr\$ 65.977,10 que, para a época, era quantia assás vultosa. Os homens do ACESP, porém, eram daqueles aos quais as dificuldades em vez de fazerem retroceder, incentivavam ao avanço. Sua vontade batia nos obstáculos como as ondas do oceano ultrapassam os escolhos. Conhecido o débito no dia 22 de agosto, já no dia 28 se procedeu à reforma dos Estatutos com a finalidade de ampliar-se o quadro de associados, do que resultaria aumento de receita.

Para compensá-los dos seus esforços, o destino já fizera com que várias vitórias lhes sorrissem. Cinco meses após sua fundação, a entidade se fazia representar no 1.º Congresso Geral de Transportes, no Rio Grande do Sul, e em diversos certames, corridas e acontecimentos sociais de interesse do automobilismo, muitos dos quais de iniciativa do ACESP mesmo.

Suas atividades não se restringiam ao âmbito nacional. Quando da realização das corridas de Rafaella, na República Argentina, viu-se na pista, tomando parte ativa, um "Fiat", de propriedade do então presidente do ACESP, dirigido por Francisco Landi, o volante paulista hoje de fama mundial.

As finalidades do Automóvel Clube não eram apenas promover certames ou neles se fazer representar. Aquêles que contribuíam financeiramente para o seu desenvolvimento, tinham também direitos e não apenas deveres. Por isso, em 1937, se iniciaram os serviços de auxílio efetivo aos associados.

Nessa mesma época, reconhecendo seus integrantes que o ACESP era uma entidade de caráter estadual, deliberaram instalar sua sede central em São Paulo.

Os obstáculos de ordem econômica persistiam, entretanto, a entrar a marcha da entidade. Em 1941, tinha ela um débito superior de Cr. 100.000,00, o que fez com que novas modificações sofressem os Estatutos, sempre para melhor. Em face dessas medidas norteadas unicamente pelo amor à causa comum, o débito começou a decrescer, novos associados vieram engrossar as hostes sociais, os percalços começaram a ser vencidos. Os serviços da entidade se foram projetando não só no Estado de São Paulo, mas, em todo o país, indo mesmo além de suas fronteiras.

A diretoria que hoje tem a seu cargo os destinos do ACESP se propôs a árdua tarefa do seu rápido desenvolvimento. Um plano metódico de ação foi traçado e pôsto em execução logo após solvidas as obrigações anteriormente contraídas. Atualmente o Automóvel Clube do Estado de São Paulo desfruta uma situação de nível consideravelmente elevado.

O incentivo proporcionado por essa Diretoria se reflete sob vários prismas. O entusiasmo foi contagiante. Basta citar que em maio de 1945, o corpo social era de 138 automobilistas e 50 cotistas beneméritos. No mês seguinte, o número daqueles subiu a 786, em dezembro a 1.438 e atualmente ultrapassa de 3.000. O progresso é vertiginoso, iniciando todos os setores da entidade uma nova fase de assistência efetiva aos associados. A situação da entidade é hoje invejável. Nenhuma dívida onera sua economia. Sua sede está perfeitamente instalada com móveis que obedecem rigorosa-



Serviço de Contabilidade



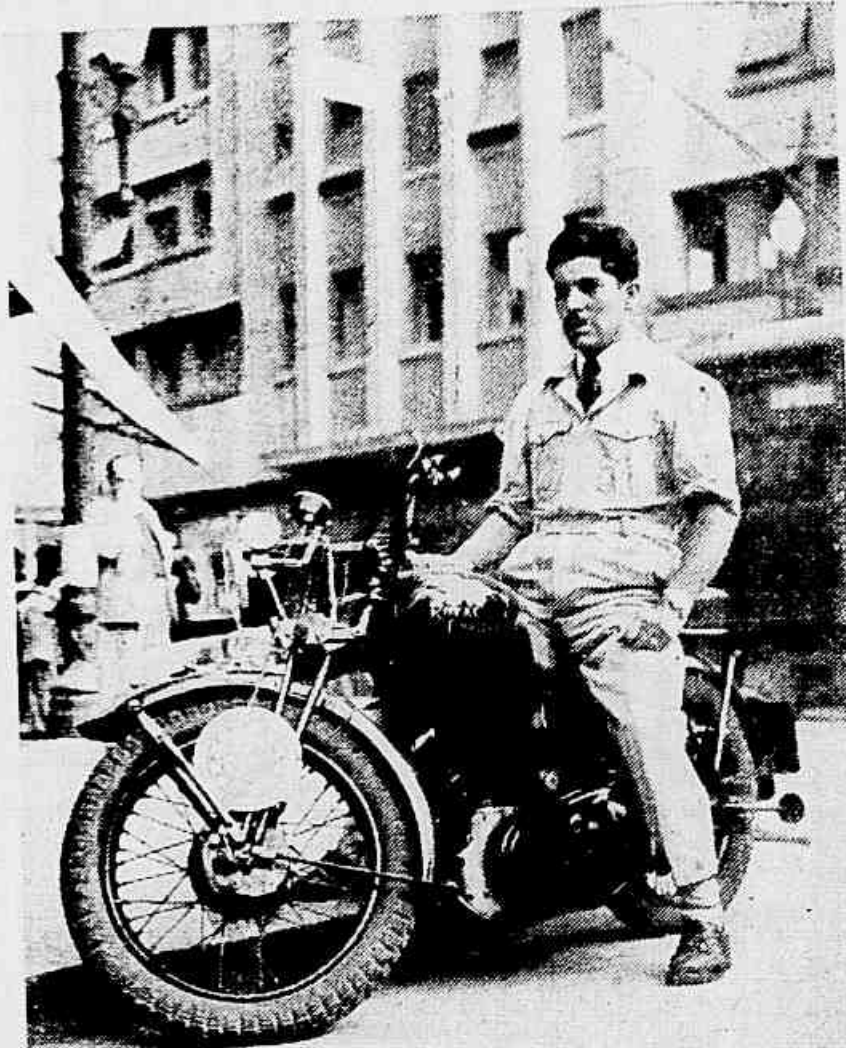
Serviço de Multas



Expedição — Adressgráfica



Um aspecto da Secretaria



Fiscalização do serviço de socorro

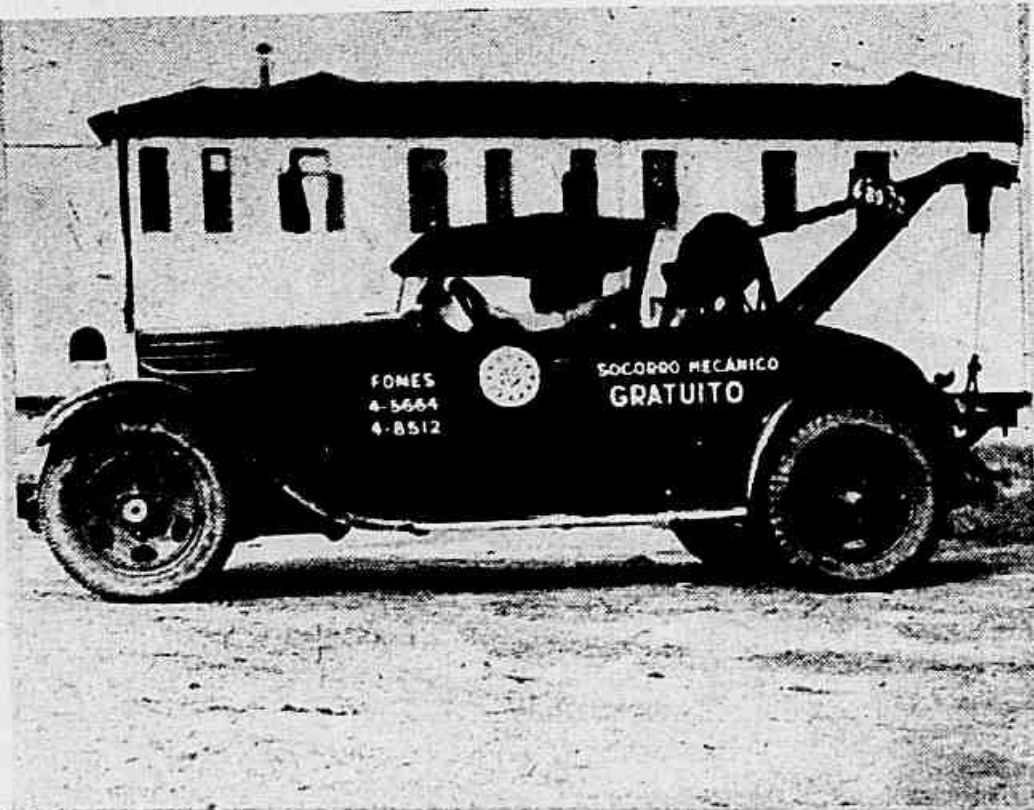


Prontuário e Arquivo

mente à técnica moderna. Seu contencioso é avaliado, por si só, em cerca de Cr\$ 150.000,00. Dispõe de ótima frota de carros guinchos e uma flotilha de motocicletas para socorro leve, oficina completamente aparelhada, serviço de socorro no alto da serra de Paranapiacaba, serviço de compra e venda de carros entre os associados para evitar encarecimento pelos intermediários, publicação de um boletim mensal preparativo da edição de uma revista. A frota de carros de socorro do ACESP é avaliada em Cr\$ 450.000,00. Como parte de seu programa de disseminação de filiais, mantém ele em Santos uma com instalações aprimoradas.

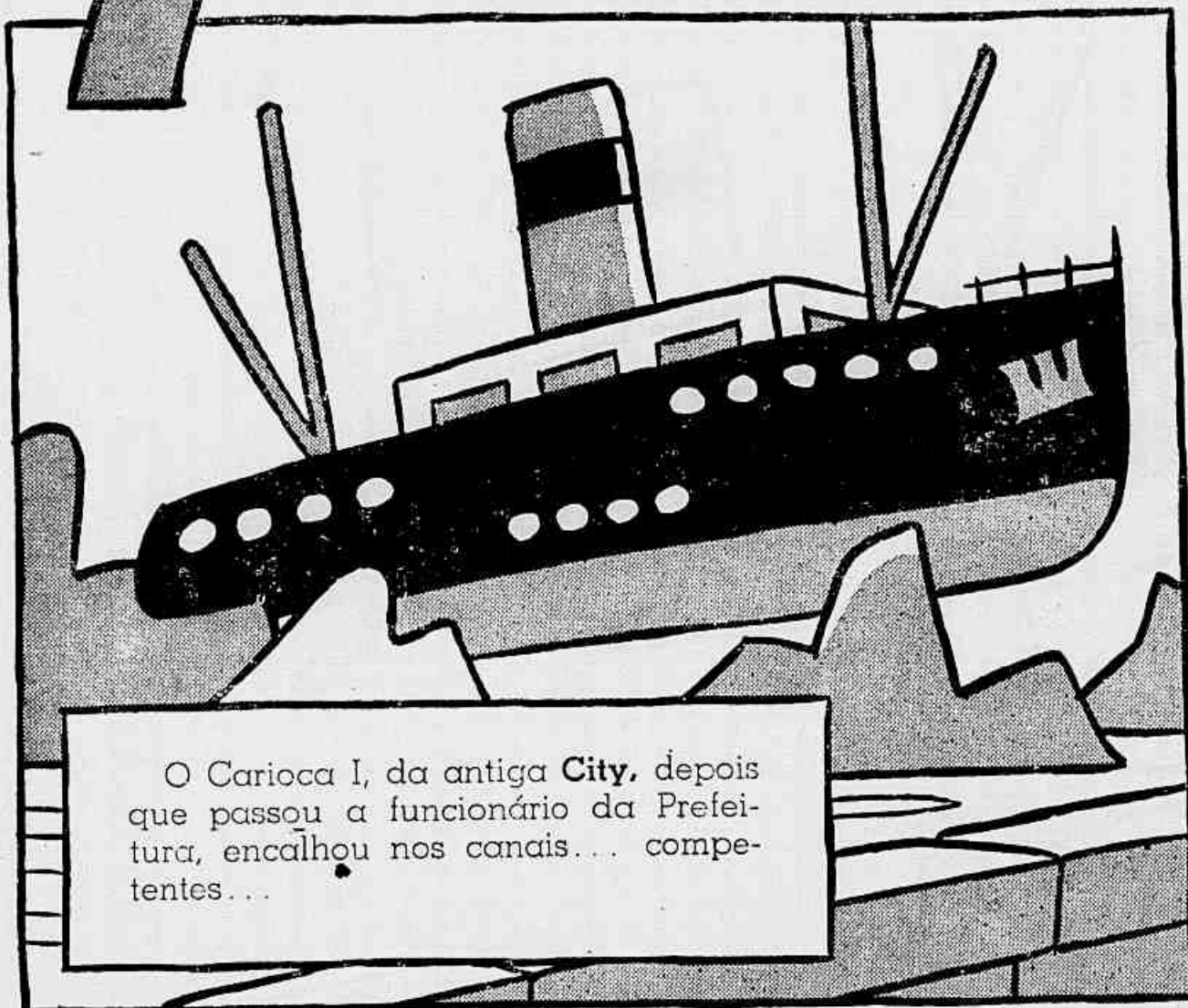
Ser associado do ACESP é para todos os automobilistas um meio de gozar de reais vantagens. Mediante o pagamento da módica mensalidade de Cr\$ 30,00, o automobilista se desobriga não só de muitas despesas, como ainda de perda de tempo tão valioso em nossos dias. O Automóvel Clube de São Paulo lhe dispensa desde assistência mecânica, orientação em qualquer circunstância, socorro imediato em caso de desastre ou pane, pagamento de multas, licenças, etc., até assistência judiciária. Pelo que nos é dado observar, pode o ACESP ser considerado uma entidade digna de confiança de todos os automobilistas.

No dia 30 de junho próximo passado, comemorou ele mais um aniversário, com solenidades dignas de nota e no meio do júbilo de todos os seus associados que, num ato de reconhecimento, demonstraram o apóio e a solidariedade de toda uma classe à sua sociedade.

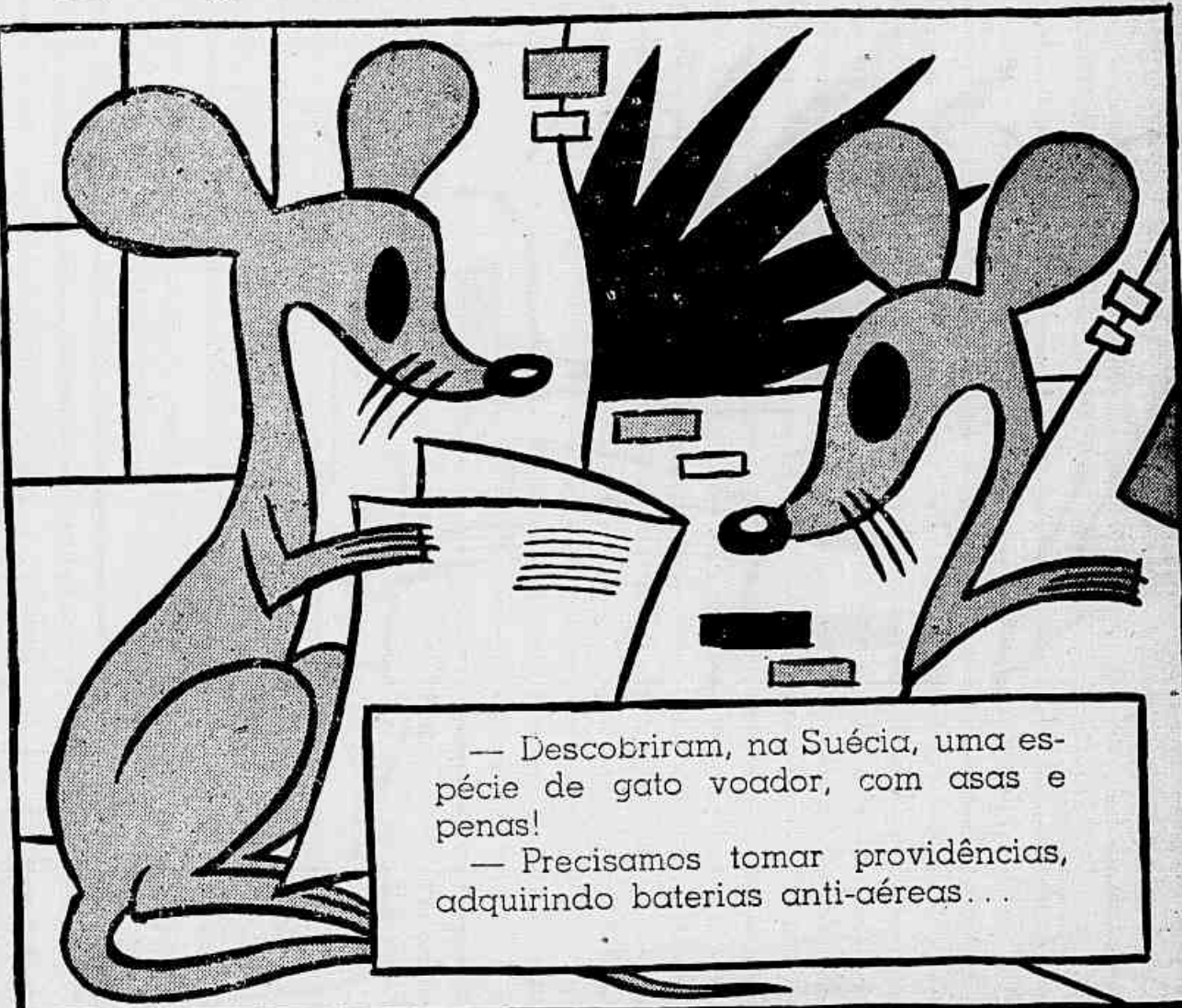


Frota de socorro

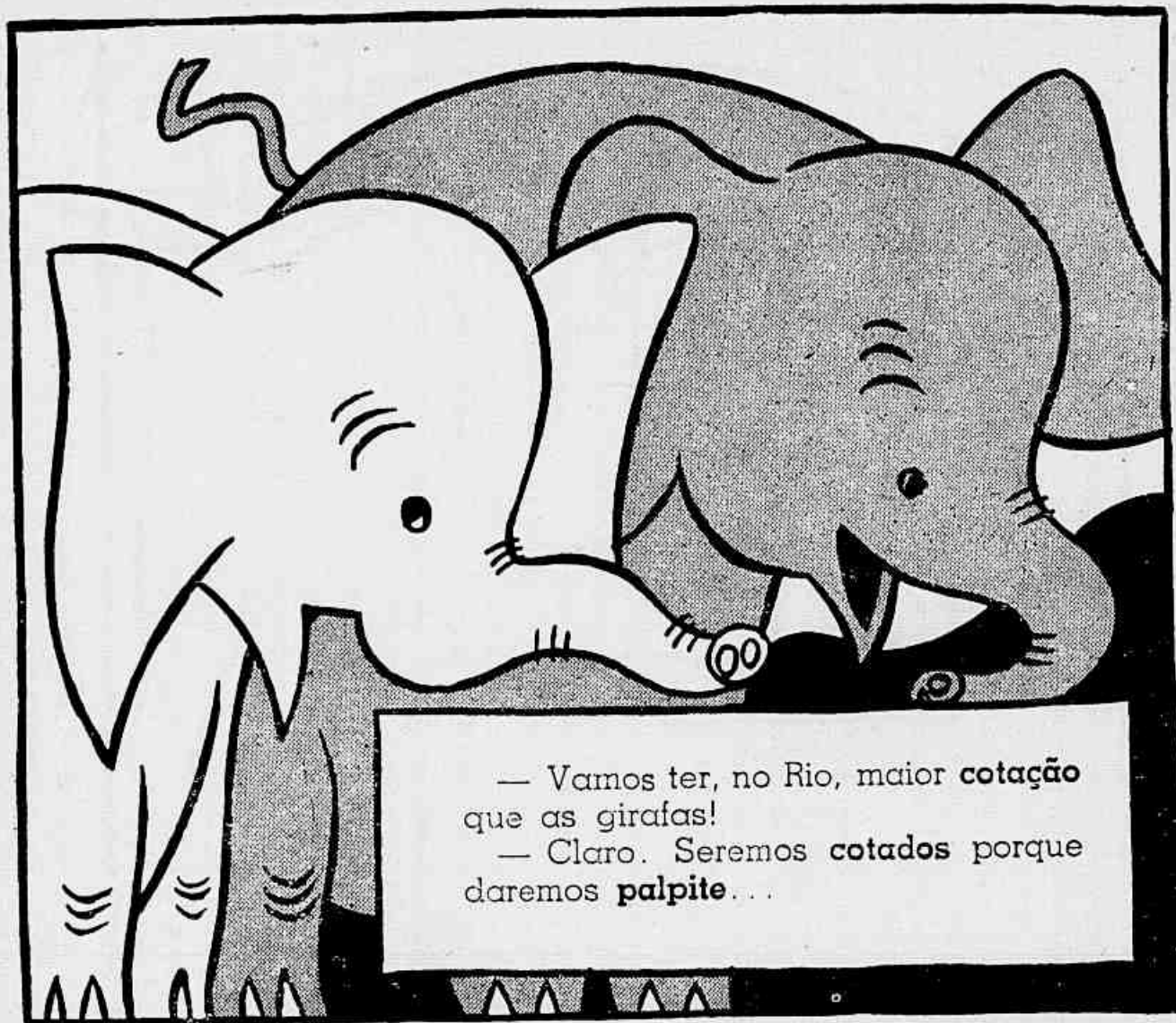
7 dias em REVISTA



O Carioca I, da antiga City, depois que passou a funcionário da Prefeitura, encalhou nos canais... competentes...



— Descobriram, na Suécia, uma espécie de gato voador, com asas e penas!
— Precisamos tomar providências, adquirindo baterias anti-aéreas...



— Vamos ter, no Rio, maior cotação que as girafas!
— Claro. Seremos cotados porque daremos palpite...



— O Flamengo jogou contra o Rapid com um Gringo!
— Isso não é vantagem. Eles jogaram com onze!



Vai ser inaugurada a estrada de rodagem Rio-Bahia.
Será caminho para o Catete?!



Na Bahia estão distribuindo carne de graça!
— De graça?! Com certeza estão distribuindo ossos com cheques!

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Foram divulgados comentários de diversos círculos em torno dos resultados da reunião dos quatro chanceleres das grandes potências efetuada em Paris. Os srs. Bevin e Acheson ao chegarem respectivamente a Londres e a Washington fizeram declarações sobre a Conferência dos Chanceleres da capital francesa. Declara Truman que os progressos alcançados pela Conferência de Paris são uma porta aberta para a consecução da Paz. O sr. Gruber, chanceler da Áustria, falou, com satisfação, sobre o tratado de Paz com seu país. Festeja-se em Viena o tratado de Paz. Não ficou satisfeita a Jugoslávia com o tratado de Paz concluído entre as potências ocidentais e Rússia, de um lado, e a Áustria, do outro. Chocando-se com uma mina ao dirigir-se ao porto de Dover, naufraga o navio belga "Princess Astrid", salvando-se os seus duzentos passageiros e tripulação. Embarcará para o Brasil o famoso escritor francês Albert Camus. Declara-se que é bastante difícil a situação de monsenhor Beran, arcebispo de Praga, em face da política do país. Apresenta a Rússia ao Conselho de Segurança uma proposta para admissão à O.N.U. de novos membros. Acheson, secretário de Estado dos Estados Unidos, pede mais uma vez ao Senado que ratifique o Pacto do Atlântico. É novamente atacado por aviões nacionalistas, que bloqueiam o porto de Xangai, o navio inglês "Anchises". Envia o governo inglês mais reforços para Hong-Kong em face da situação da China. É apresentado ao presidente Truman, pelo embaixador chinês em Washington, um plano de defesa do governo de Chiang-Kai-Shek. O governo português mandou para garantir o porto de Macau dois batalhões da infantaria nativa da colônia de Angola. O governo da Transjordânia comunicou que aceita a proposta da O.N.U. acerca da nova reunião judaico-transjordana sobre a paz. Violento tufão, causando milhares de vítimas, varre diversas regiões do território japonês. Morre o maharajá de Capurtala. Acentua-se cada vez mais a desinteligência entre o governo tcheco e a corrente católica chefiada pelo arcebispo Beran. Diz Bevin acreditar num próximo entendimento entre as potências ocidentais e a Rússia. Insiste a Jugoslávia nas suas reivindicações territoriais contra a Áustria em face do tratado de paz que beneficiou esse último país. Comentários da imprensa soviética aplaudem os resultados obtidos na recente Conferência dos Chanceleres em Paris e dizem que isso representa um passo em favor da paz mundial. É descoberto um movimento nacionalista entre os árabes. O secretário da Defesa dos Estados Unidos pede a Truman que o país melhore sua máquina de guerra em face do poderio militar da Rússia. Os ferroviários grevistas de Berlim se mantêm inflexíveis e não aceitam as propostas do governo soviético daquela cidade. Foi condenado à morte o assassino de Gandhi, Naturam Viniac Godse. Foi enforcado em Praga o general Heliodoro Peca, por crime de traição e espionagem durante a última guerra. Chega ao Rio, vindo de Lisboa, o padre Américo Monteiro de Aguiar, fundador da Casa do Gaiato, em Portugal. É encomendada por uma companhia brasileira à Tchecoslováquia a montagem de uma usina de petróleo em São Paulo com capacidade para vinte mil barris diários. Decree-se em Pernambuco a mortalidade infantil. Por iniciativa do Ministério do Trabalho está sendo executado um inquérito sobre o salário mínimo no Brasil. É preso em Illinois o sr. Gilbert Green, ex-presidente do Partido Comunista dos Estados Unidos. Correm rumores de que vai ser depreciado o valor do cruzeiro. Inaugura-se no Rio o II Congresso Nacional de Aeronáutica. Manifesta-se no Rio de Janeiro grande movimento social e estudantil em favor do empresário Pascoal Carlos Magno a fim de evitar o fracasso de suas tentativas para dotar o nosso país de um serviço de teatro clássico e de óperas. Truman pede ao Congresso dos Estados Unidos a abertura do crédito de 45 milhões de dólares para auxílio às nações atrasadas do mundo. Os exilados bolivianos que se internaram no Chile ameaçam fazer a greve da fome, pedindo que os mandem para a capital do país. Juliet Curie escreveu um artigo num jornal soviético de Moscou atacando os Estados Unidos pelo uso que esse país fez da bomba atômica contra as cidades japonesas sem nenhum objetivo de guerra. Pede o Partido Conservador da Inglaterra que o governo tome providências econômico-financeiras no sentido de evitar que a Grã-Bretanha caia na situação humilhante de potência de terceira classe. Um camelo que fugiu de um circo comeu as antenas de rádio de uma emissora de Lyon, na França. Apertam os navios de guerra de Chiang-Kai-Shek o bloqueio da cidade de Xangai e outros portos em poder dos comunistas. Sobretudo assustadoramente a temperatura nos Estados Unidos, ameaçando agravar a seca que assola a região do Atlântico Norte, uma das maiores destes últimos 40 anos. Dizem de Praga que o arcebispo Beran goza de boa saúde e de plena liberdade de locomoção e de exercícios sacerdotais. Morre o psicanalista seguidor de Freud, Wulf Sachs. Em face da censura que o Congresso aprovou contra a política financeira do governo do Uruguai, renunciou todo o gabinete daquele país, não sendo aceito esse gesto pelo presidente. Será uniformizada, mas desarmada, a guarda internacional da Organização das Nações Unidas. O governo da Dinamarca apresenta aos governos dos Estados Unidos, França e Inglaterra uma nota de reclamação contra refugiados prussianos que estão na fronteira daquele país causando complicações. São criticadas pelo Senado norte-americano as atividades e atitudes internacionais do secretário de Estado Dean Acheson. Grande número de senadores dos Estados Unidos repele a idéia de reconhecimento do governo comunista com sede em Nanquim. O prefeito do Distrito Federal autoriza a entrega ao sr. Pascoal Carlos Magno da importância de 300 mil cruzeiros referente ao auxílio ao Teatro do Estudante. Nos festejos de S. João no Distrito Federal foram registrados numerosos acidentes, especialmente com crianças, alguns de caráter grave. O governo norte-americano vai publicar um "Livro Branco" contendo provas contra o governo de Chiang-Kai-Shek, que malbaratou os enormes recursos fornecidos pelos Estados Unidos na guerra civil. Grevistas da zona ocidental de Berlim sugerem um bloqueio ferroviário contra a zona russa. Efetua-se expurgo no Partido Comunista húngaro. É aprovado o maior orçamento militar da França. São presos no México alguns líderes da invasão dominicana. Morre o "premier" grego, Themistocles Sofoulis. Crise no Partido Radical com o rompimento de Videla, presidente do Chile. Reunem-se no Rio governadores de vários Estados para debater o problema da sucessão presidencial. Outra oferece ao Catete um almoço aos políticos e governadores da U.D.N. e P.S.D.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

Lustres de Cristal

FRANCÊSES E TCHECOS

O maior, o melhor e o mais
deslumbrante sortimento

na

PRINCEZA DOS CRISTAIS

A MAIS FINA CASA DE LOUÇAS

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

UM POUCO ACIMA DE TUDO

Versos de
FERREIRA GULNAR

S. Luis — Maranhão
1949

Na organização destas cem páginas de versos em geral belos e bons, o sr. Ferreira Gulnar se preocupou com a escolha que, entre eles, poderia ou deveria efetuar. Eis um problema grave. Separar, neste caso, é correr o risco de trocar o melhor pelo pior, procurar o que verdadeiramente se não encontra e não saber, afinal, como pôr termo à dúvida: se aproveitando tudo ou tudo destruindo de uma vez. Por isso, tantas vezes os livros de versos dão a impressão de não conterem tudo quanto seria necessário e, outras vezes, se diria oferecerem coisas em excesso e, portanto, penosas de comportar. Como encontrar o justo, impecável critério? Um dos piores sem dúvida seria o que conferisse ao sentimento ou ao engenho alheio o cuidado da definitiva seleção... Mas, por outro lado, não acontecerá que o criador, o artista se torne o mais desavisado, mais desassazado julgador de si próprio? Não se apontam frequentemente os casos de preferirem os pais, para seu orgulho e seu enléo, os filhos menos predestinados, tanto de atributos físicos quanto das virtudes da inteligência ou do coração? E não poderá tal predileção justamente provir da tendência instintiva, em pai ou mãe, para, então, negar ou disfarçar aquilo que toda as outras pessoas estão vendo e apreciando? Assim se dará com mãe e pai, assim também com os poetas. O autor de "Um pouco acima de tudo" encontrou, em ligeira nota liminar, a imagem mais fina, para exprimir a hesitação, a espécie de escrúpulo, de consciência sentimental em que se debateria na escolha dos seus versos: como dar a estes o êxito e a notoriedade e condenar aqueles ao abandono das gavetas e ao fatal esquecimento?

"Imagina, Bizuza, quanto dói a um pai ver os filhos saírem para passear, enquanto outros, à falta de roupa boa, se deixam ficar a um canto, olhos longos e tristes, assistindo à saída dos irmãos"...

Há neste livro obras que, pela preocupação da forma como pela orientação do conceito, visam a feição chamada moderna ou modernista, com prejuízo daquela que poderia ser ou, de algum modo, teria que ser a poesia de todos os tempos. Neste ponto, perdoe-me o poeta, mas quem, acertada ou desacetadamente escolhe — em todo caso, quem escolhe sou eu. Assim é que não hesitarei entre certas páginas sem rima nem ritmo nem qualquer arte ou regra até agora definida, e beleza tal como, por exemplo, a do soneto que se intitula "Um lenço rasgado":

Paro, ao ver, a meus pés, sobre a calçada,
um lenço de cetim que o sol descora
— uma nesga de vida, abandonada
por mãos ingratas que a jogaram fora.

E os farrapos sem côr do lenço, a cada
sopro da viração, lembram-me, agora,
pálidos braços, na ansia incontentada
de alguém que, em desespero, aos céus implora!

Hoje és um trapo descorado... E penso
ver lágrimas brilhando sobre o lenço
— prantos que ele enxugou de olhos tão cheios...

E no vento, a soprar gélido e fino,
anda uma voz dizendo: — Eis o destino
de quem vive a enxugar prantos alheios!

Será essa, porém a mais formosa ou impressionadora página do livro? Talvez não, para o autor, para qualquer dos leitores, para mim próprio, relembrando algumas delas. E por que não será este outro soneto: o "Soneto da minha convicção"?

Eu, que tenho motivo de ser triste,
não desejo fugir do desencanto:
— de nada vale desejar-se tanto
se só existe o bem que não existe.

Só quem sofre e sorri, sofre e resiste
acha que a vida é boa e o mundo é santo.
Pois a ventura de viver consiste
em sofrer e cantar. E eu sofro e canto.

Mas, embora vivendo na certeza
de que a vida é ruim, sinto a beleza
na alegria dos outros, nos prazeres...

E eis a razão por que não me lamento:
— sei que concorro, com meu sofrimento,
para a harmonia universal dos séculos!

MESTRES DA PINTURA NO BRASIL

Histórico e comentários
de **F. ACQUARONE**

Livraria Francisco Alves
Rio de Janeiro
1949

Um belo livro, com excelente apresentação. O sr. F. Acquarone esmerou-se, nestas páginas, em todos os sentidos. Fêz obra de artista, obra de erudito e obra bem sua. Não há, parece-nos, se não que dizer bem e muito bem de tal empreendimento. Cumpre, além do mais, observar que tal livro devia ter importado numa fortuna. Todos estes elementos de execução e todo este material certamente foram custeados a peso de ouro. Desde o prego do papel até aos pormenores da tarefa gráfica, tudo obedeceu a um capricho exemplar. Para além disto, só mesmo as edições de luxo hoje em dia acessíveis unicamente a milionários. O autor em pessoa ilustrou a obra. A sua destreza de desenhador, há muito comprovada, lhe permitiu aliar a correção à fantasia. As "capitais" representam obras de arte, com motivos de "atelier" sempre interessantes; ao final de cada biografia vêm outros modelos de graça ligeira; os retratos documentam em hábeis improvisos, as fisionomias célebres de uma geração que principia em Victor Meirelles; e a escolha das obras apresentadas, quadros históricos, de figura, composição, paisagem, todo gênero, obedeceu a um critério magistral.

Em nota liminar, acentua o sr. Acquarone a feição geral do livro, sem a preocupação rigorosamente crítica e tendendo, mais que tudo, a render homenagem aos mestres — incluído na conta o sr. Cândido Portinari — pois se trata de uma seleção, um escol. Assim, o fundo apreciativo atende, tanto quanto possível, ao respeito e à imparcialidade. Não há nenhum propósito especial de classicismo ou "revolucionismo". Nenhuma disciplina fixa de escola ou grupo, combate ou louvor intransigente. Nem sombra de "parti-pris". E, depois de um capítulo de reconstituição histórica, em cinco partes ou épocas: "A arte da pintura no Brasil", vêm os vultos eminentes da pintura em geral, desde Meirelles, Zeferino da Costa, Pedro Américo, Almeida Junior, Amoedo, Belmiro, Henrique Bernardelli, Batista da Costa, Parreiras, Visconti, Oscar Pereira da Silva, até aos Irmãos Chambelland, Raimundo Cela, Osvaldo Teixeira, Portinari.

Nestas duzentas e cinquenta páginas em amplo formato, nos apresenta o sr. O. Acquarone um trabalho que vai muito além dos programas de divulgação e mesmo de panegírico; nobremente se inclui na feição educativa, de verdadeiro ensinamento. Honra, por isso, lhe seja.

CRÔNICA DE S. JOÃO DE BRITO

Por **JOAQUIM LEITÃO**

Edição Oficial
Lisboa
1949

dade existente na figura de S. João de Brito. Deu ao martírio daquele que principiara por se cognominar o Apostolinho, o contingente de imaginação interpretativa que mais adequado ou propício lhe pareceu à sua glorificação. E, certamente, fêz bem.

O gênero "história romanceada" não anda, de há tempo a esta parte, nas boas graças do público leitor e menos ainda lhe assistem os favores da crítica. Bastante, para isso, se abusou da produção, poderíamos dizer, da fabricação literária de vários países: a França, a Inglaterra, os Estados Unidos... O rótulo novelesco parecia permitir toda sorte de liberdades... inclusivamente as proibidas. Levava-se o direito de fantasia até ao escândalo e ao absurdo. No anedotário da indústria de livraria, se conta, entre inúmeras outras do tipo em questão, uma obra inspirada em Napoleão — excusez du peu. E' na campanha do Egito. O grande Bonaparte inspira o mesmo sentimento amoroso a duas filhas do Nilo, qual delas mais formosa e arrebatada. As pirâmides, do seu alto, o contemplam; ele, porém, só tem olhos, ora para uma ora para outra das duas egípcias fascinantes. A vitória que, segundo o glorioso cabo de guerra, consistiria em lhes fugir, nem elas a consentem nem ele pensa em alcançá-las. Naqueles encontros e arremetidas em que as duas se esforçam, vai o vencedor de tantas batalhas — sem falar das perdas — so-

frendo derrota sobre derrota. Até que, um dia, desvairada de paixão e de ciúme, uma das duas amantes se atira definitivamente à outra — e mata Napoleão.

Deus do céu, longe de nós a idéia de qualquer confronto ou analogia... Apenas uma historieta a propósito ou talvez fora de propósito e simplesmente para alegrar uma notícia... O sr. Joaquim Leitão adotou a forma em grande parte dialogada, quase teatralizada, mas sem sombra de desrespeito ao celestial personagem. E' a maneira de se exporem os episódios que lhes dá certa animação e verossimilhança. Os personagens se movem em torno do protagonista, exprimindo-se em majestoso fraseado da época, às portas do século XVIII. O ambiente da corte de D. Pedro II respira mistério e prodígio. A consagração do Beato se anuncia da porta do Paraíso. E a tragédia termina com a cena de inspiração patética, em que D. Pedro "pouca, soluçando, os lábios no cutelo que degolou o V. P. João de Brito e que está ainda manchado do sangue do mártir".

Aqui, por volta de setenta páginas, termina a história propriamente dita. Vai, porém, com as gravuras, além de duzentas. A ela se segue copiosa documentação histórica, toda sorte de informações e dados de biblioteca ou de arquivo. Passa-se depois às formalidades e grandes cerimônias da beatificação do mártir, em maio de 1947. Todo o império português teve em Roma a sua representação oficial, política e religiosa. A isso se juntaram, na edição de grande formato e grande luxo, as pompas da iconografia; quadros célebres do museu do Vaticano e outros; profusa cópia de ilustrações gráficas; os retratos, em fotografia ou tricromia, do presidente Carmona, dr. Oliveira Salazar, S.S. Pio XII, cardeal Cerejeira e capitão Teófilo Duarte, ministro das Colônias. E a obra monumental se remata com estes períodos edificantes:

"Somos, em planos diferentes, necessariamente diferentes, o que eram os nossos antenatos históricos". Que homens deviam ser, então, os portugueses, e que esforços extraordinários fêz este povo de heróis! Nunca se viria uma nação com tão pouca gente fazer tão poucas coisas!" escreveu G. Raynal, célebre historiador francês do século dezoito.

Acompanha-nos a serena convicção de que aos portugueses de hoje, simbolizados e guiados pela visão genial de Salazar, os futuros historiadores se hão de referir com o mesmo merecidíssimo respeito."

QUARTEIRÃO DA FOME

Romance de
RAIMUNDO NONATO

Pongetti
Rio de Janeiro
1949

fêz questão de inventiva nem de fabulação. Bem mais lhe interessou o elemento descritivo, a paisagem, os motivos regionais, a observação, o curioso ou o pitoresco dos costumes. Pelas duzentas páginas do livro se vão oferecendo as características de ambiente ou de tradição. Sucodem-se as festas religiosas, de novena, procissão ou romaria. E as práticas de São João se desenvolvem por muitas páginas, animadas de ternura familiar e rústica jovialidade, amores quer inocentes quer ousados, muita poesia e um pouco de superstição, da que não faz mal a ninguém e dá graça às narrativas.

Na pacata cidade que se chama, como tantíssimas localidades brasileiras, Bela Vista, a vida se entremeia com os episódios e aspectos de uma fazenda sertaneja. Ora nos entretém o trabalho dos campos, a larga e livre animação das lavouras e dos rebanhos, ora nos sentimos envolvidos pelo cenário das, as ligeiras alterações na rotina local, as novidades que se irradiam da farmácia e do armazinho por toda a povoação e redondezas. As lutas políticas decorrem pachorrentamente, porque não há muita vontade de os partidos se digladiarem. Em geral, mesmo entre adversários ferrenhos, reina cordura e paz. E, como sucesso belicoso, apenas se produz algum assassinato avulso ou uma sortida de cangaceiros — para variar...

Não falta, no entanto, ao livro do sr. Raimundo Nonato variedade de assuntos nem passagens interessantes. E a linguagem, na sua singeleza expressiva, realmente nos convida à leitura.

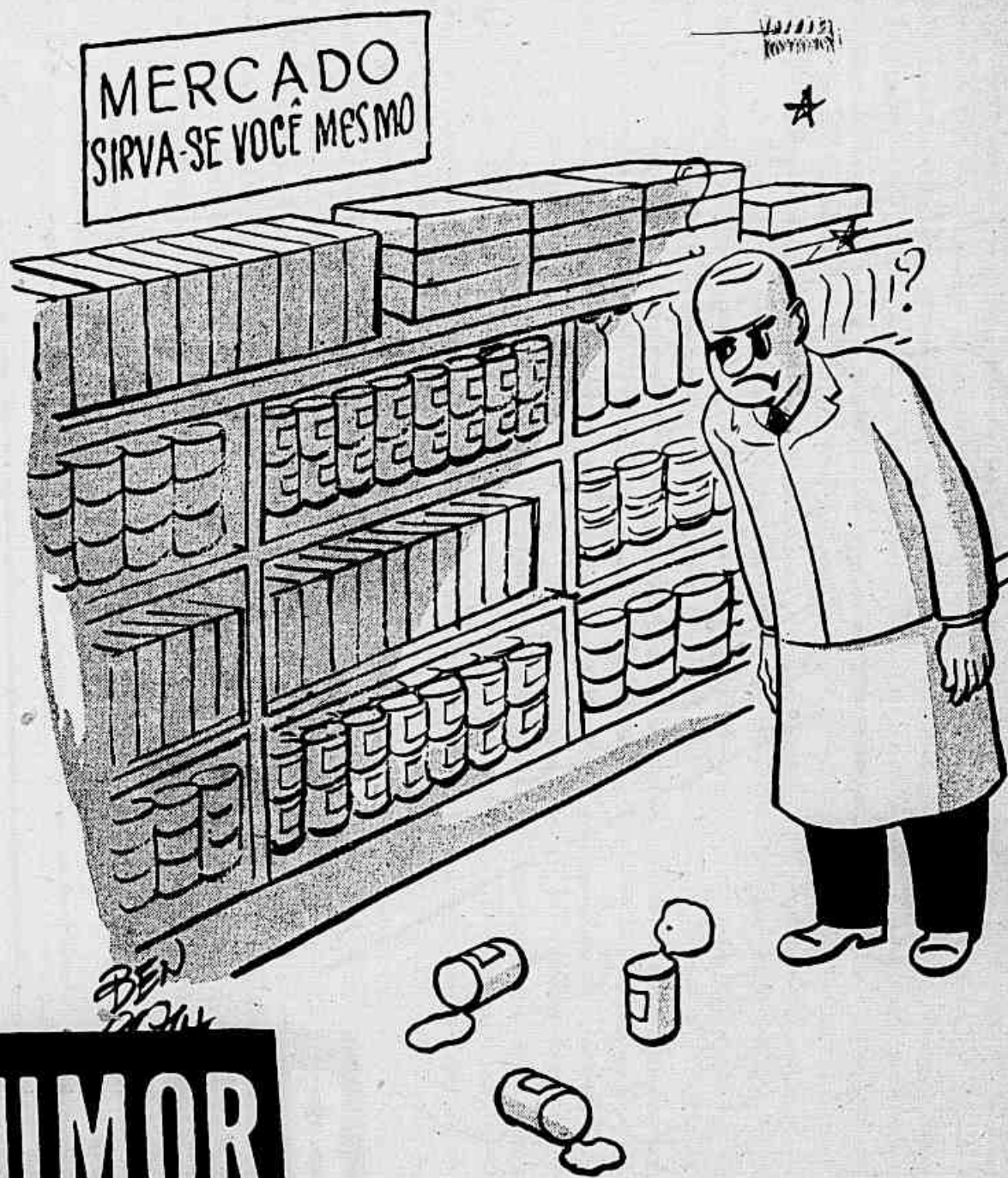
A este romance, mais apropriadamente e não no sentido pejorativo, poderíamos chamar crônica de província. A ação, propriamente, é curta e tênue. De vez em quando, muda de direção, de sentido, ou se dilui em incidentes mais ou menos arbitrários. Em verdade, o autor não



BANDO LIN

Querida, permaneça imóvel por um instante, quero guardar para sempre a beleza deste momento inesquecível.

BOM HUMOR



BEN BRIN



BRANSTALL

"Hap-py birt-h-day to you! Hap-py birt-h-day to you! Hap-py birt-h-day, Eminha..."



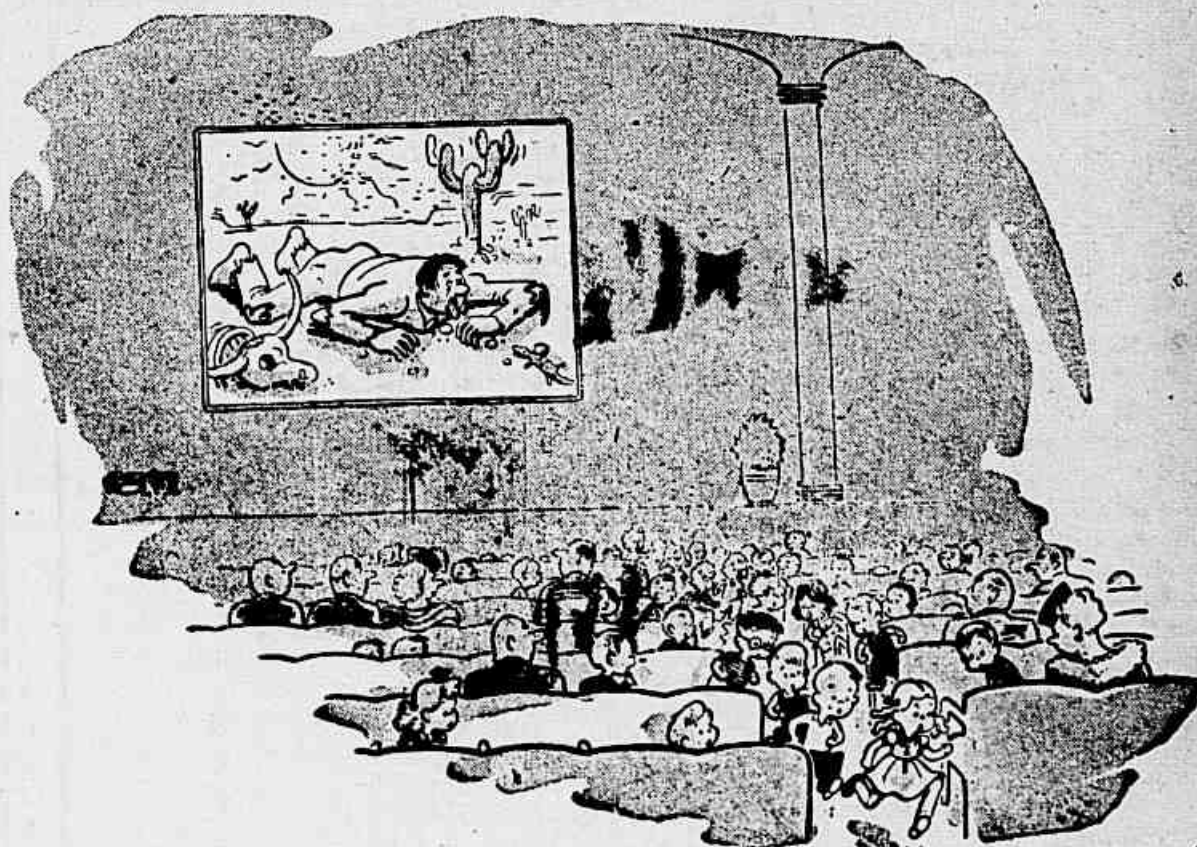
GOLDSTEIN

Entre querida, venha se divertir...



TOM HENDERSON

Aposto que a Maricota andou lavando os sobre-tudos outra vez...



Água, Água, pelo amor de Deus...

Dez QUEIMADOS

CAPÍTULO XXVII

— Pobre senhora... — dizia consigo mesma Jennifer, lembrando-se do convite de Mrs. Giddings — mas não poderá comprar-me...

Entrou no elevador ainda a sorrir, quando deu face a face com Sid Borrows. Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

— Alô, Jennifer! — disse ele.

— Oh! Alô... — respondeu ela vagamente como se uma dor íntima lhe houvesse paralisado o ânimo.

— Não podia olhar-me com maior asombro e frieza ao mesmo tempo como acaba de fazer, Jennifer — continuou ele a rir. — Que há de novo com você?

— Que há de novo comigo? É que vou casar-me amanhã — declarou ela com firmeza.

— Não diga! Vai casar-se amanhã?... Conte-me isso! Quem é o felizado?

— É o capitão James Lippincot. É médico do Exército. Oh! isso me parece um sonho, uma felicidade incrível!

— Olhe... — voltou ele cnicamente.

— Posso ir vê-la de quando em quando?

— Você bem sabe que eu não desejo vê-lo mais, Sid. Nunca mais!

— Jennifer — tornou ele, insistindo. — Não podemos esquecer o que não é esquecível. Nós éramos jovens então. E eu era um louco. Aliás, ainda sou e serei sempre, do contrário não teria sido culpado de tudo aquilo a seu respeito. Reconheço que fui um desmiolado. Mas isso pertence ao passado, Jennifer. Não o tragamos à tona. Não desejo tal coisa, nem você tampouco. Você está bela, com esses olhos sempre encantadores; mas agora você vai casar-se com esse soldado e perder toda a personalidade de jovem livre como sempre esteve, embora passe a ser, espero, a criatura mais feliz deste mundo! Será, naturalmente mais venturosa do que eu, e isso já é uma consolação para mim.

Posso jurar-lhe perante Deus que jamais encontrei em toda a minha vida uma pessoa de quem gostasse tanto como a você.

Jennifer o ouvia em silêncio e percebeu que aquelas palavras podiam provocar uma tempestade em seu espírito. Ela era uma jovem impressionável e temia uma transformação em seu ânimo.

Sid prosseguiu:

— Porque não podemos continuar amigos? Por que não nos podemos ver um ao outro, de quando em quando? Não mais voltará você aqui, não é verdade? Por que, então, não me permite vê-la onde passar a viver? Telefone-me. Continuo a trabalhar no mesmo escritório, junto ao meu tio. É provável que me esqueça dos meus velhos tempos de jogo de polo e vá servir na Marinha, o que não pode haver nada de pior para mim! Mas meu tio me disse que ele poderá conseguir meu engajamento na Aviação. Bem. Adeus Jennifer, e conserve sempre seu rosto erigido!

Ela nada respondeu. Estava em imensa confusão. Entrou no salão da loja e se deixou cair numa cadeira atordada, as mãos nos bolsos do uniforme, olhos no espaço, sem nada ver...

Seu espírito mergulhava em tremenda perturbação e os pensamentos a sufocavam. Sentia um mal estar terrível e todo o passado com Sid, com a família de Betty, as meninas, suas lágrimas, suas noites de insônia, tudo lhe veio à lembrança. Mas procurou reagir e afastar do espírito aqueles pensamentos. Já não era a mocinha inexperiente de dezito anos e sim a mulher de vinte e cinco. Sid já se fora. Não estava mais ao seu lado.

Deu graças a Deus quando a casa fechou e ela saiu para a rua em busca de seu lar.

No dia seguinte seria o de casamento. Dia do seu casamento! Mas voltava a atormentá-la o desejo de confessar a Jim os seus amores passados com Sid. Era necessário! Ele, com certeza, generoso como era, lhe perdoaria. Era necessário dizer tudo. Não por ela, mas por ele. Era a solução para aceitar o casamento.

Dessa confissão resultaria seu futuro, pois não poderia manter o espôso na ignorância de uma situação mentirosa e falsa. Teria que revelar o que se passara. Jim o merecia e ela não desejava fazer papel de farsante.

A noite estava muito quente e silenciosa. Jim deu umas voltas em companhia de Jennifer, que parecia muito jovial. Ao regressarem à casa de Mrs. Flood ele não se conteve e declarou:

— Penso, querida que você nunca esteve tão bela e tão delicada como nesta noite!

— Talvez por estar um tanto cansada ou talvez porque me encontre excitada...

— Não sei. Mas quando estivemos em casa de Mollie e quando andamos através da cidade, esta noite, não havia no mundo ninguém mais feliz do que nós.

Jim fazia esta declaração em voz baixa, com sinceridade, com as mãos a enlaçar as dela.

La ele dar-lhe o último abraço e despedir-se com um saudoso "até amanhã", quando notou que Jennifer parecia preocupada. Mas não seria senão a sensação da véspera de um grande dia: o do casamento.

Jennifer o acompanhou até o vestibulo.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Ritchie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrasta, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vítima de um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desolou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violonista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregada no grande magazin "Vogelsang", ganhando muito mais e onde, contra a sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violonista Stanislaus, que, embora casado, vivia seduzido pela jovem. Verificando Monty, o pintor, que Jennifer estava sendo, aos poucos, seduzida pelo violonista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem. Com a nova afecção que surgiu entre Jennifer e a pequena família Flood, mudando-se bastante seus hábitos, especialmente no que diz respeito à frequência na igreja, a vida da jovem começou a refletir com outras esperanças, máxime depois que observou que seu coração não era indiferente a Jim. A afecção de Jim começou a aumentar e ele a pediu em casamento. Mac logo depois, com a eclosão da guerra, foi servir num hospital no leste, em Baltimore, ficando Jennifer morta de saudade. Jennifer tentara revelar todo o seu antigo namoro com Sid Borrows, mas Jim não quis permitir. Ela ia casar-se no domingo seguinte e nada mais importava a ele.

— Agora, Jennifer — disse Mary — é preciso que vá para a cama, do contrário parecerá uma naufraga amanhã...

— Ainda tenho que escrever algumas cartas — disse a jovem noiva, hesitante.

Logo que ficou só, começou a escrever. Traçava as linhas, mas, de quando em quando se detinha sem saber que rumo tomasse.

E escreveu:

"Caro Jim.

Em virtude de certo fato que sucedeu há anos, eu não devo casar-me amanhã...

Não servia. Rasgou a folha e começou outra carta:

"Prezadíssimo Jim.

Não posso casar-me com você amanhã. Com todo o meu amor — Jennifer."

Mas esta também não lhe pareceu satisfatória. Contudo, era o bastante para o seu caso.

Também fez umas linhas a Mary e concluiu com esta confissão: "Tenho o coração despedaçado".

Jennifer estava com menos de dez dólares, mas, na segunda-feira poderia retirar mais dinheiro do Banco em que guardava suas pequenas economias.

Silenciosamente passou a arrumar tudo o que era seu numa valise. Colocou as duas cartas que escrevera sobre a mesa da cozinha de maneira que Mary as encontrasse logo que se erguesse, e ganhou a rua. Caía sobre a cidade uma chuva muito fininha.

Mais adiante tomou um ônibus, saltando

dele para tomar nova condução. Junto a ela ia uma senhora já idosa com uma senhorita, e ambas conversavam em voz baixa, saltando também. Pelo que dizia a senhora, ia ela muito excitada e nervosa, ao contrário da calma da senhorita que não parecia partilhar daquele estado de nervos.

— Será uma macada — dizia a senhora — perder esse trem!

— Ora, mamãe! Com esse nervoso a senhora ficará horrível daqui a minutos!

— Minha querida Emily! Se você não vai, fico em situação má, perante aqueles amigos. Vamos ver se você também vai perder o ônibus. Eu vou para casa, pois estou resfriada.

Nesse instante um senhor moreno, com uniforme de tenente da Marinha de Guerra veio até perto de onde estavam elas. Jennifer viu que a moça se despedia de sua mãe com um beijo e ia encontrar-se com o naval, abraçando-o como se fossem dois corações num só.

De súbito viu Jennifer, com surpresa, que a moça voltava e se sentava junto dela, perguntando-lhe:

— Por favor, quer dizer-me seu nome?

— Jennifer Ritchie.

— Eu me chamo Emmeline Waskell.

Em dez dias poderia Jim ser enviado lá para os mares do sul! Em dez dias poderia Jennifer voltar ao seio da casa de Mary Flood, entregando-se aos trabalhos caseiros.

— Bem... Eu posso ser sua substituta até que você assuma seu posto lá em Davenport... — disse Jennifer sem saber nem ao menos onde ficava essa Davenport, ou disso tendo apenas uma vaga idéia. O que ela queria era desaparecer, escapar, fugir...

Emily estava exultante. Nervosa e agradecida, falou a Jennifer, agarrada ao seu braço:

— Aqui está o meu bilhete de viagem. Todas as cartas que mamãe escreveu e toda a correspondência de Mrs. Crittendon para mamãe. Durante a viagem a senhorita poderá ler tudo isto, no ônibus. Diga-lhes que me casei hoje, isto é, se a senhorita achar bom dizer; mas diga também que Ken embarcará imediatamente e que eu, então, aparecerei por lá. Os Crittendons estão indo para Washington amanhã; com certeza ficarão indignados se ninguém aparecesse para tomar conta da garota.

Emily riu com muita graça e com ingenuidade. E se despediu com efusão:

— Obrigada! Obrigada! Obrigada! Nunca poderá calcular o bem que fez por mim! Adeus!

— Adeus! — respondeu Jennifer, encaminhando-se para o lugar de embarque.

Durante a viagem Jennifer caiu numa espécie de abstração de sonho indefinido pensando em tudo aquilo assim tão depressa, acidentalmente...

Quando chegou ao fim da viagem, estava nervosa; mas, ao saltar do ônibus, notou que um senhor bem parecido e vivo, de uns cinquenta e cinco anos, olhava ansiosamente para dentro do veículo como que a procurar alguém. Ao vê-la, com a maleta, bradou com alegria:

— Oh! Graças a Deus! A senhorita é Emily Waskell? Vamos! Ela aqui está, Kanel! — exclamou para uma senhora idosa.

A mulher se aproximou enquanto o chauffeur tomava a valise e todos se encaminharam para um auto que os esperava.

Jennifer teve então oportunidade de explicar sua presença ali. Ninguém lhe fez qualquer objeção sobre essa troca de Emily por Jennifer. Parecia que somente uma coisa os preocupava: podermos fazer a viagem no dia seguinte, deixando Glória os cuidados de uma "nurse" de confiança.

Glória era justamente o tipo das meninas que compravam suas roupas na "Vogelsang". Era muito linda, de bela cor sem manchas, formosos cabelos bem cuidados a cair-lhe pelos ombros; olhos bonitos e claros, lábios corados e puros. Toda a sua roupa era de primeira ordem e feita com muito gosto. Possuía exatamente o gênio que já esperava Jennifer. Era voluntariosa e meiga; amiga por vezes e por outras vezes se enraivecira; em tudo uma jovem que chora e ri, se enraivece e se amega em poucos momentos.

No dia seguinte, depois dos adeuses e beijos de despedidas, Jennifer retornou àquela casa que a recebera na véspera. A chuvinha fina passara e grossas nuvens rolavam pelo espaço tangidas pelos ventos do sudoeste. Ao luzir do sol, belíssimo panorama se descortinou aos olhos deslumbrados de Jennifer. A casa em que estava servindo situava-se sobre o topo de uma colina, de onde se descortinava magnífica vista sobre a baía de São Francisco. Uma nova vida se desenrolou diante de Jennifer. Muito conforto, excelente passado e quase nada que fazer. Na mesma hora em que chegou, pediu Jennifer ao pai de Glória que lhe fizesse o favor de telegrafar a Mary Flood comunicando-lhe que estava bem, mas evitando dar maiores detalhes. Recomendou ainda que esse telegrama fosse expedido de S. Francisco. Queria despistar...

Jennifer tomou conta de Glória como se

Eu e minha mãe perdemos o trem de Glendale. Iamos em visita a uma tia, e eu, deliberadamente perdi o trem...

— Sei... fez isso para encontrar-se com o seu tenente! — disse Jennifer a sorrir.

— Mas mamãe de nada sabe... Mas eu vou revelar à senhora: nós já nos casamos!

— Oh! Como é feliz! — murmurou Jennifer inesperadamente.

Emily se mostrou muito satisfeita com isso e a convidou a vir mais para a ponta do banco em que se sentaram, assumindo ares de quem vai fazer uma confidência:

— Sim... casamo-nos às seis horas. Disse então à minha mãe que ia sair para fazer umas comprinhas, pó de arroz, etc. Encontrei Ken e... nos casamos! Agora, ouca-me: a senhora vai a Davenport, onde chegará às onze e meia. Lá estão à minha espera. Pode preveni-los de que não pude ir, mas que estarei lá dentro de 10 dias? Ken terá uma licença de dez dias...

— Minha filha — disse Jennifer como vida — eu não vou a Davenport!

— Aquêle homem ali dos bilhetes me disse que a senhora ia para lá! — e prosseguiu: — Peguei um embrêgo com Mrs. Crittendon, amiga de minha mãe, para ama de companhia de uma jovem a quem eu devo servir. Chama-se Glória; mas... se eu pudesse livrar-me dela por uns dez dias...

fôsse sua irmãzinha, dedicando-lhe todos os cuidados. Ia com ela ao cinema, jogavam bridge, acompanhava-a três vezes por semana, depois das 3 da tarde ao ginásio para um curso especial, passeavam de auto e a pé. Havia belíssimas colinas em torno da residência, mas Glória nunca sugeriu transpô-las. Ambas se compreendiam bem e Jennifer muitas vezes se recordou das duas filhas de Betty, com saudade.

CAPÍTULO XXVIII

Um dia, depois de acompanhar Glória a São Francisco para um passeio e reunião elegante, Jennifer foi com o chauffeur até à residência de Mrs. Flood. A velha estava só em casa e chorou de alegria ao abraçá-la. Jennifer explicou tudo o que lhe sucedera e perguntou o que houvera naquele domingo de seu premeditado casamento.

— Logo que Mary se levantou e foi à cozinha, apanhou e leu a carta que você lhe dirigiu, telefonando imediatamente a Mollie, que se encarregou de participar a Jim. Ele somente à tarde veio aqui, pois estivera em serviço na baía; conversou muito com Mary acerca do episódio. Quando seu telegrama chegou, ficamos mais tranquilas e, em seguida, Jim viajou, a serviço de guerra. Só o vi uma ou duas vezes depois que você se foi. Jim parecia muito triste, magoado...

Jennifer estava disposta a sacrificar toda a sua felicidade. Deixou com Mrs. Flood uma incumbência dolorosa: — pedir, em seu nome a Mary e à família Evans que a esquecessem para sempre. Que lhe perdoassem o procedimento.

— Quando eu entregar a Miss Waskell o pêsito, voltarei a meu trabalho aqui em S. Francisco novamente; talvez Mollie e outras das minhas velhas amizades não queiram mais falar comigo...

— Não, Jennifer! Todas elas continuarão a ser suas amigas, e nada neste mundo poderá desmanchar essa efusão. Tire isto de sua cabeça.

Na véspera do décimo dia, isto é, um dia antes de expirar o prazo para que Jennifer entregasse à legítima dona o seu emprêgo, Glória, juntamente com outras três mocinhas jogou, fora das vistas de Jennifer, uma memorável partida de bridge. Estavam as quatro na sala de visitas e as partidas eram a dois centavos o ponto. Fumavam e bebiam de um vinho que sua mãe proibira terminantemente que nele tocassem. Jennifer, aproveitando a diversão das garotas, subira às colinas próximas povoadas de eucaliptus. O dia estava lindo e primaveril. Ao chegar ao topo do monte, parou. Estava muito suada e fatigada; mas satisfeita pelo passeio dado. Havia um vale entre as colinas, com belas vivendas e floridos jardins.

Um senhor já idoso descia em sentido contrário e Jennifer lhe perguntou:

— Esta parte também pertence a Davenport?

— Não, senhora — respondeu. — Davenport só chega até ali. De lá para cá, já estamos em Giddings Manor.

— Oh! Que coincidência! — exclamou Jennifer. A senhora Giddings é uma de minhas amigas, isto é, pelo menos a conheço. Mora ela numa dessas belas casas?

— Não! Ela reside no antigo solar dos Giddings. Eu sou seu cunhado e moro com ela. A casa fica mais acima, à esquerda.

— O senhor é?...

— Coronel Archibald March — respondeu.

— Sabe o senhor se Mrs. Giddings está em casa agora?

— Está, sim. Acabo de deixá-la.

Jennifer tomou à esquerda, com subidas e descidas, numa estrada que ia direito ao solar dos Giddings, conforme lhe ensinara o coronel.

Quando lá chegou, a jovem foi recebida com afeto pela aristocrática velhota, chegando a dizer-lhe que "ela agora havia encontrado seu caminho".

Jennifer estava encantada com aquela vivenda. Luxuosa, opulenta, sóbria e elegante na vestes de seus anos de edificada. Notou, porém, que a velhota lhe falava com um tom de grande afeição, como se fôsse ela pessoa da família, parenta próxima...

Durante a palestra cordial, disse-lhe Mrs. Giddings:

— Menina... você sabe quem é mesmo?

— Sei, sim... Sei também que, embora sonhe com uma casa assim... não poderá isso passar nunca de um sonho...

— Pode tornar-se em realidade, pois não!

— Ah! Isso não é possível...

— Por que não! Você não se recorda de já ter andado por estas salas e quartos quando ainda era criança?

Jennifer respondeu que não; mas fitou o rosto da velhota. Estaria malucando? Mrs. Giddings prosseguiu:

— Pois eu descobri uma coisa muito importante depois que minha sobrinha Nancy almoçou com você e conversaram na loja "Vogelsang". Você é de nossa família e se parece muito com seu pai. Mas não tem nada de sua mãe. Onde anda seu pai, Jenny?

— Morreu quando eu tinha apenas três anos.

— Sua mãe ficara de voltar para aqui quando seu pai morresse; mas nunca me escreveu uma linha...

— Minha mãe faleceu primeiro, Mrs. Giddings. Penso que tivera outro filho e com ele morrera. Meu pai ficou sem saber

como tomar conta de mim, conforme sempre me disse Betty. Então ele se casou com Betty...

— Mary morreu!... — Mrs. Giddings parece que falava consigo mesma. — Eu nunca o soubei. Carne de minha carne, sangue do meu sangue, e eu jamais o soubei! Sempre pensei que ela não se ido morar longe, talvez nalgum Estado distante; mas que não me houvesse esquecido. Deve ter morrido alguns meses depois de ter deixado esta casa...

Jennifer estava atordoada, sem poder compreender nada. Para esclarecer, um pouco, tentou uma pergunta, com voz tímida:

— Então... a senhora quer dizer que... Isto é, que...

— ...que você, Jenny, é minha neta!... Eu sempre julquei que você soubesse disso, mas que estivesse proibida de falar por ordens de seus pais — concluiu a velha

com impaciência e rapidamente. Depois prosseguiu: — Sua mãe era a minha única filha. Ela estava para casar-se, quando me chegou às mãos um bilhete dizendo que resolvera desposar um preparador da Universidade, três vezes mais idoso que ela. Tudo sucedeu contra minha vontade. Eu a esqueci, mas adorava você que nasceu aqui...

Jennifer estava cada vez mais surpreendida. Então ela era a herdaira daquela imensa e opulenta propriedade? A seu espírito vieram recordações da sua desgraçada infância, de seu crescimento quase como criada das filhas de Betty, embora fôsse tratada com toda a distinção. Como se lembrou das duas meninas que pareciam suas irmãzinhas mais moças! Não pôde conter as lágrimas e continuou a ouvir o relato de sua avó.

(Cont'nua)





Um árabe veio até ao acampamento dos israelitas e lhes apertou as mãos em sinal de amizade. Dali por diante podiam estar certos de que nada lhes aconteceria, podendo trabalhar em paz



"Close-up" de um dos sessenta jovens israelitas, fundadores de sua colônia judaica "Na Tempestade", em históricas regiões da Galiléia, desde há muito abandonadas pelos beduínos

Horas após à chegada àquela nova Terra da Promissão, esse casal de sionistas olha a inóspita zona que o destino lhe reservou, e medita nas incertezas que aguardam esses heróis

Se bem que a luta estivesse paralisada naqueles dias, não havendo guerra entre judeus e árabes, esta moça restaura uma cerca de arame farpado, para evitar intrusos

O HEROISMO DE SESSENTA JUDEUS

TÊXTO DE HAROLD GREEN



FOTOS KEYSTONE

A PESAR de já estar reconhecido por muitos países o novo Estado de Israel, e com assento na O.N.U., já havendo mesmo o substituto do Conde Bernadotte dado por terminada sua missão entre aqueles povos desavindos, não é fora de propósito trazermos ao conhecimento do leitor um episódio sobremodo impressionante que se passou na Palestina, há mais de um ano.

Com a luta sangrenta entre árabes e judeus, toda a população israelita espalhada pelo mundo se entregou às suas orações e procurou também contribuir

com o seu próprio sangue para conseguir a formação de um Estado Judeu emancipado e com assento entre as demais nações do mundo.

Houve, como todos estão lembrados, tentativas de desembarques de judeus na Palestina, prisões em massa, pelas patrulhas marítimas da Inglaterra, campos de concentração em ilhas do Mediterrâneo, um conjunto de infelicidades que não tinham mais fim.

Enquanto tudo isso ia acontecendo, os israelitas não desanimavam e prosseguiram nas tentativas de restaurar seu Estado

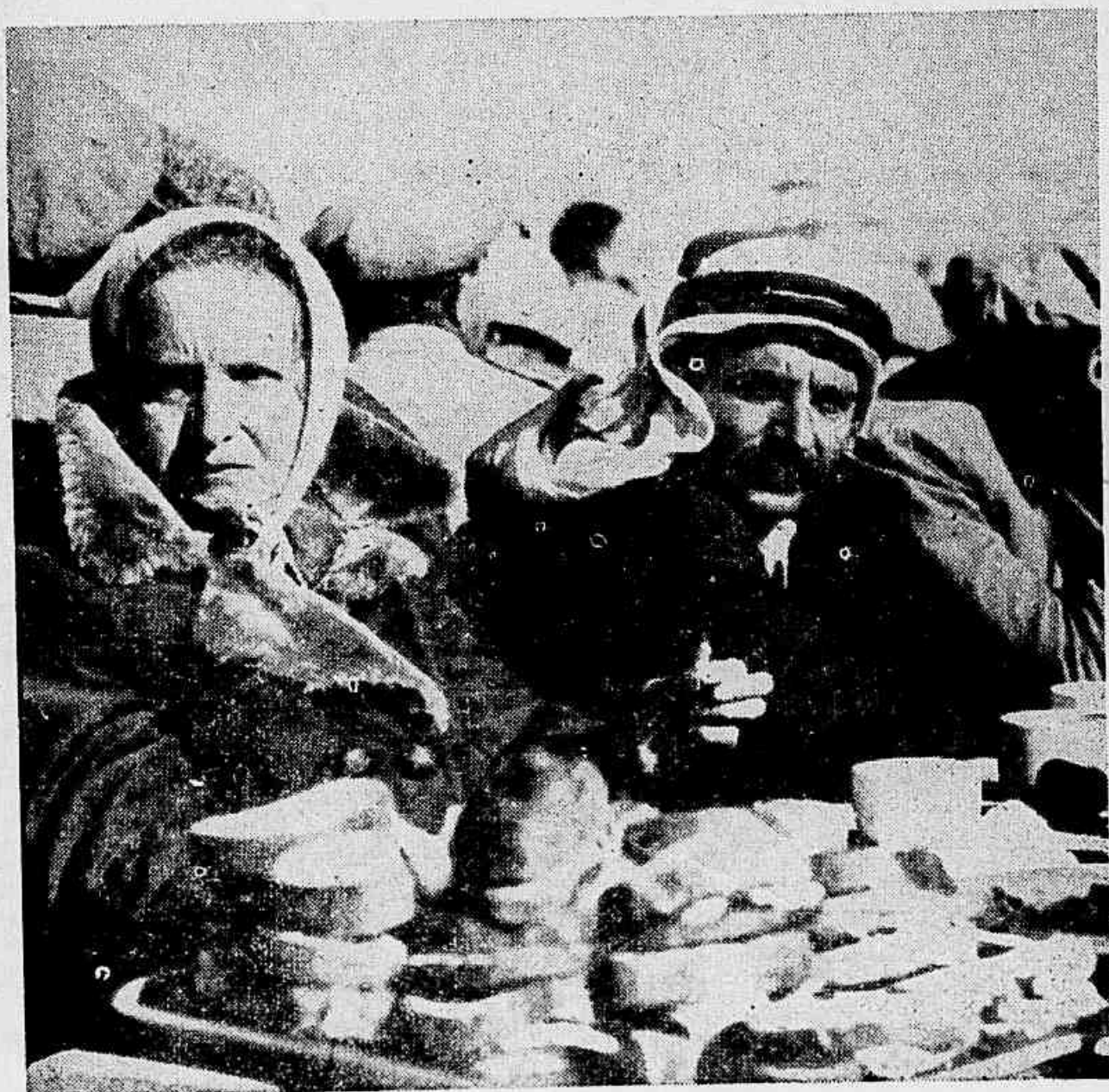
sob forma soberana, emancipada, reconhecido por todas as nações do mundo, e, por fim, ser admitido na Organização das Nações Unidas.

Mas, nesse problema da Palestina há entrecabos de vários aspectos. Há o caso político, o caso econômico, o caso da segurança das nações ocidentais, o assunto petróleo, canal de Suez, enfim, uma série de complicações que estão mais ou menos no conhecimento do público, e, muitos deles somente conhecidos da alta diplomacia, nos segredos das embaixadas.

Diante de todos os embaraços, porém, os judeus não ensarilhavam as armas, não faziam alto na marcha para a emancipação. Persistiam a tentar a formação de sua nova pátria.

Um dos mais emocionantes episódios passados há mais de um ano, foi aquele em que sessenta jovens judeus residentes na Inglaterra, formados por pessoas de ambos os sexos, decidiram sair da Inglaterra legalmente e ir fundar em desertos da Galiléia, uma colônia israelita.

O caso provoca a mais justa admiração, quando se sabe que, àquele tempo, a In-



Pouco tempo depois, os jovens celebravam os primeiros êxitos de sua iniciativa e convidaram árabes e druzos para a festa, reinando entre todos a maior harmonia

Numa demonstração de cortesia e boa-vizinhança, árabes e druzos vão ao campo judaico para saudar os recém-chegados e lhes desejar toda a sorte de felicidades



Alguns dos jovens judeus que foram da Inglaterra à Palestina para fundar uma colônia israelita. Como vários deles serviram no Exército Inglês, conservam armas e bandeiras

Num daqueles dias de incertezas e temores, houve a quebra do armistício. Como, entre os colonizadores havia soldados e armas, eles montaram guarda, enquanto outros trabalhavam o solo



glaterra continuava na sua política de hostilidades contra a formação de um Estado Judáico e, pelos seus atos, sempre quer a entender que prestigiava os árabes e os egípcios contra o mundo de Israel.

O reconhecimento do governo inglês em favor dos judeus era uma coisa considerada remota e problemática. Foi nesse momento que nada menos de sessenta jovens judeus de ambos os sexos resolveram deixar a Inglaterra e fundar uma colônia na Palestina.

Eles não eram refugiados, nem fugitivos, nem guerreiros à procura de briga; eram verdadeiros idealistas. Vinham de várias regiões da Inglaterra, quase todos nascidos em terra inglesa, embora mantendo sua fé em Israel.

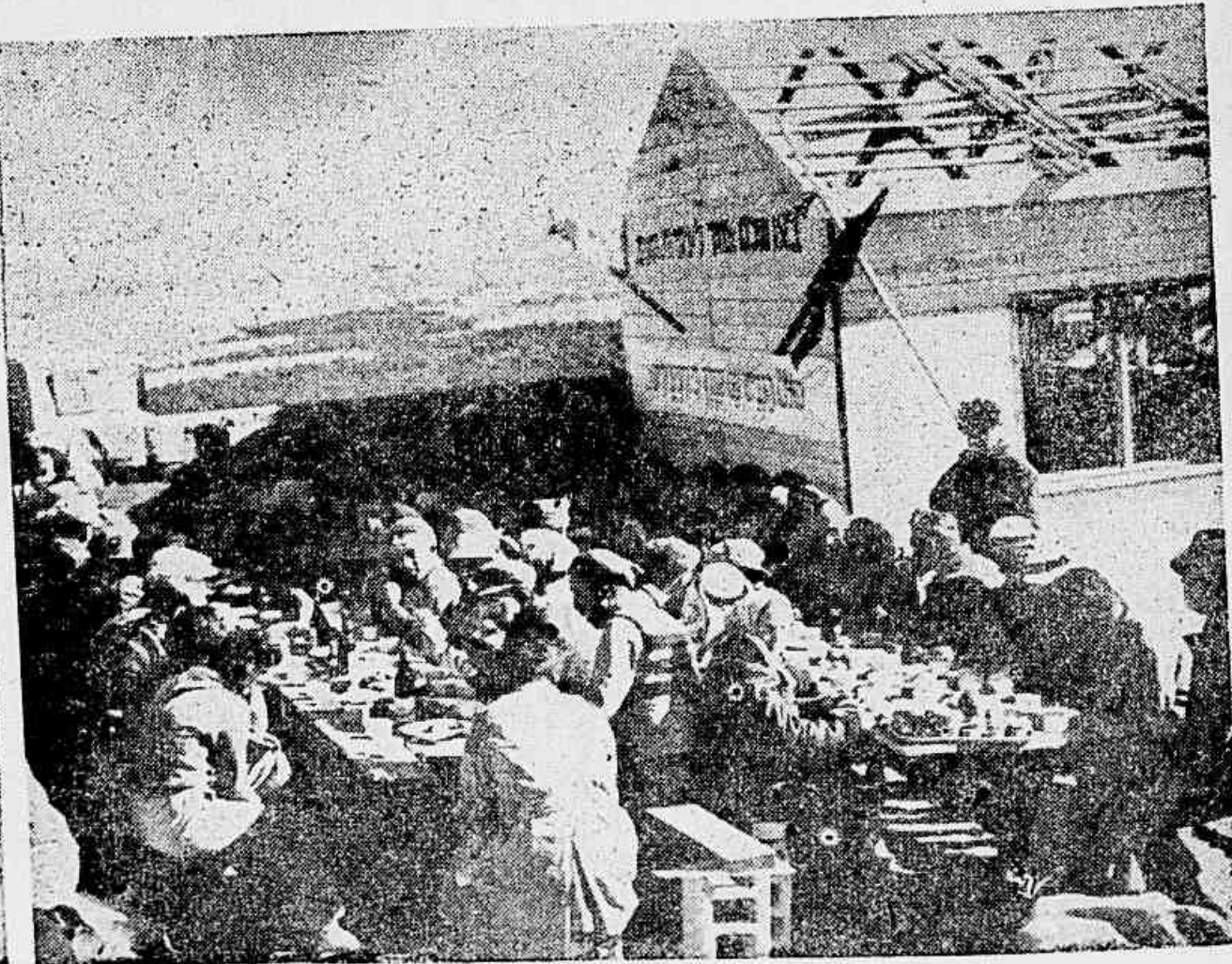
Contudo, tiveram que entrar na Palestina à base de quota e não como se lhes fosse permitido uma invasão à vontade; assim, se submeteram às pressões a que estão sujeitos os emigrantes judeus na sua própria terra. Nada, porém, os abateu. A confiança no êxito de sua deliberação era cada vez mais viva.

Logo que desembarcaram na Terra da Promissão, foi-lhes indicada uma faixa de território da Galiléia, a qual eles deviam ocupar, cultivar e dela tirar os efeitos para sua subsistência.

Em virtude da natureza do terreno e das condições de que a expedição se cercou, esses sessenta jovens judeus batizaram o novo Eden, com o expressivo nome de "Yasour", ou seja, em nosso idioma, "Na Tormenta".

Uma coluna de jovens judeus vindos da Inglaterra para fundar na Galiléia a colônia, todos alegres, confiantes na vitória de sua causa. Vão muito cedo para o trabalho

(Continua na pág. 47)



Foi árduo o trabalho de acomodação dos colonizadores. Enquanto um caminhão chega trazendo mercadorias, vários jovens montam as primeiras casas do tipo pré-fabricadas

Celebrando os primeiros triunfos sobre a terra, os judeus oferecem aos trabalhadores um banquete, ao qual comparecem muitos árabes das vizinhanças, confraternizando alegremente



Os sentimentos patrióticos dos judeus são muito apurados. Logo que tomaram posse da nova terra, eles ergueram um mastro e, sobre ele, desfraldaram a bandeira de sua pátria.

DESLEALDADE

NOVELA DE ANITA LUGO

NÃO sei mesmo o que senti quando vi, pela primeira vez o pintor Mário Riveroll, noivo de minha melhor amiga. Ao saber que ela estava ausente da cidade, procurei aproveitar-me da circunstância e frequentei o atelier de Mário. De começo notei que ele fugia aos meus encantos, às minhas tentações de mulher ardilosa e apaixonada. Mas, pensando melhor, decidi mudar de tática e o convidei a dar um passeio comigo num fim de semana, lá por Cuernavaca. Se ele aceitasse... Mas vamos ao que sucedeu.

— Suponho, Mário, que minha ousadia em fazer-lhe tal convite o leve a julgá-la louca. Entretanto esperava que você aceitasse. Para que são os amigos, não acha?

Ele conservou-se em silêncio como se estivesse ainda a vacilar, indeciso. Depois falou:

— Se você faz mesmo questão que eu a acompanhe...

— Claro que faço!

Meu coração se alegrou e eu procurei esconder-lhe meus olhos para que não descobrisse a esperteza deste meu recurso.

Dois dias depois corríamos de auto pela estrada ensolarada que une a capital do México a Cuernavaca. Era uma viagem curta, apenas de duas horas. Mas com ele ao meu lado o tempo parecia completamente todo o seu significado e somente via minha felicidade e meu desejo.

Quando chegamos aos arredores de Cuernavaca, não pude deixar de manifestar exclamações de júbilo. Alamedas cobertas de "bougainvilles", lindas vivendas floridas, os telhados contrastando com o fundo de intensa e opulenta vegetação, formavam maravilhosa paisagem.

— Isto aqui é como um conto de fadas — murmurei com emoção. — E' como que deixa o mundo para trás... Aqui poderia viver durante o resto de minha vida.

— Se por vida pretende dizer uns dias agradáveis... pode ficar sabendo que vai passar! — respondeu Mário com um riso malicioso.

Olhei-o com curiosidade, intrigada pela malícia de seu estranho sorriso; mas, se havia outro significado por trás de suas palavras, não o pude decifrar nem procurei interrogá-lo, uma vez que ele voltava a manter toda a sua atenção na estrada que seguíamos.

Antes de vir, já havia eu encomendado cômodos em um dos mais velhos hotéis da cidade e não foi por mero acaso que nossos quartos ficavam vizinhos e unidos por largo e poético balcão.

Chegamos ao entardecer e procurei imediatamente meu aposento, a fim de trocar de roupa. Ao descer já lá encontrei Mário a esperar-me no vestíbulo. Saímos a percorrer os pontos mais curiosos da localidade; mas, como já era hora do coquetel, conduziu-me ele a excelente e arejado restaurante de arcadas coloniais, com pavimento de reluzentes mosaicos vermelhos.

— Vamos tomar uma "tequila" com limão — disse-me — mas quero advertir que, mais de uma, é queda, na certa!

Fiz um gesto de ombros como quem está por tudo.

— Terei então que conformar-me — falei eu — se bem que sempre gostei de repetir as doses.

Puxei um cigarro de minha carteira e ao levá-lo aos lábios notei que tinha os dedos trêmulos.

— Que idiota sou eu! — raciocinei. — Estou deixando que a emoção me domine. Tenho que ser forte... corajosa até que chegue a hora decisiva.

De onde estávamos olhei para a praça fronteiriça cheia de gente que ia e vinha, num colorido pitoresco, em que se misturavam tipos civilizados com os elementos indígenas envoltos em suas mantas coloridas ou brancas, enfeitadas de franjas. Por todos os cantos os turistas buscavam novas emoções.

Isto aqui deveria ter sido um paraíso — disse Mário — antes de haver turistas e automóveis, há vinte anos passados...

— Nem diga tal! Isto aqui é uma beleza, mesmo com turistas e automóveis. Sinto até tentação de arranjar uma casa e ficar pelo resto da vida.

Mário fez um gesto de assentimento.

— Compreendo o teu entusiasmo, Tina. Conheci um casal de pintores da Europa

que terminou fixando-se aqui. Em verdade creio mesmo que os invejo.

Nada tinha Mário que invejáveis. Eu estava ali, ao seu lado, disposta e enche-lo de prazer e felicidade.

Passamos meia hora no bar enquanto o céu sobre as montanhas se transformava num manto azul escuro, envolvendo o crepúsculo. Ao sugerir eu outra dose de coquetel, Mário fez um gesto de desaprovação e voltamos ao hotel.

Dois dias se passaram assim, procurando eu manter ares de natural intimidade. Tomávamos a primeira refeição juntos, almoçávamos e jantávamos sempre unidos; à noite cedávamos e percorríamos a povoação. Em cavalos alugados íamos a pequeninas aldeias, com uma hora de viagem, transpondo-se a cadeia de montanhas. Era interessante ver que esses povoados ainda guardavam o modo de vida de três séculos atrás. Uma vez chegamos até Iguala e Taxco, que era como um livro mágico aberto nas cavidades da Sierra Madre.

Comecei a notar que Mário se ia libertando de todo aquele jeito de reserva como se já estivesse perdendo a lembrança de Vilma, sua noiva e minha melhor amiga.

Na terceira noite houve uma festa na cidadezinha, com fogos de artifício e baile na praça principal. Bandas de "mariachis" tiravam de suas guitarras melancólicas canções de amor.

Mário e eu lá estivemos por largo tempo e, logo que caiu a noite, regressamos ao hotel. Dei-lhe as boas-noites e entrei em meu quarto para desvestir-me e dormir. Sem ter retirado minha maquiagem vesti transparente negligê de chiffon azul.

Do meu quarto podia perceber os movimentos de Mário no aposento contíguo.

Apaguei a luz principal e deixei apenas acesa a lâmpada que ficava sobre uma es-

crivaninha. Em seguida fui à varanda, apanhei um cigarro e chamei o meu vizinho, suavemente.

Passou largo tempo até que ele apareceu de roupão.

— Meu isqueiro está enguiçado — expliquei — e não tenho fósforos.

Mário voltou ao seu quarto e me trouxe o isqueiro. Agradei e acrescentei:

— Sabe? Estou sem sono e o melhor seria conversarmos aqui à luz da lua, bebendo um pouco. E espero que não me deixes beber sozinha.

Ele riu.

— Bem, vou pedir por telefone umas bebidas e copos.

Apertei-lhe o braço com a mão direita e disse:

— Tenho contigo excelente conhaque. Basta mandar vir os copos. Quero que prove essa qualidade que tenho.

Logo que chegaram os copos começamos a beber ali mesmo na sacada ao leve sopro da brisa na linda noite enluarada. Notei que estávamos a beber demasiado. O vento muito brando colava a seda em meu corpo, desenhando minhas formas como se quisesse provocar o pincel de um artista. O quadro era inspirador.

Mário ergueu seu copo e me fez uma saudação, desejando-me venturas.

Eu me julgava à beira da felicidade. Estava certa de que aquele homem me pertenceria. A magia daquela noite me ajudava. O ar cheio desse perfume tropical que subia dos jardins do hotel e dos arredores. A luz da lua se filtrava sobre os vales e a cidadezinha calma que dormia a nossos pés. Só faltava para completar o romance aquele idílio de amor...

Cheguei-me mais a ele e o perfume de meu corpo se misturava ao do ambiente. Ao colocar meu copo sobre a varanda do

balcão, inclinei-me ligeiramente sobre seu braço.

— Tina... por Deus, não tente demasiadamente um homem.

— Que dizes, Mário? Que foi?...

Comecei a rir provocadoramente. Ele então me enlaçou com seus braços fortes e seus lábios procuraram os meus. Ao longe gemiam guitarras dolentes enquanto nos beijávamos rudemente, apaixonadamente...

Quando despertei pela manhã, notei que Mário já havia saído, e, por momentos me assaltou uma sensação amarga de insucesso. Mas isso passou, pois percebi que ele voltava novamente ao quarto e sorri aliviada. Continuei a sonhar acordada por uns quinze minutos, deitada em meu leito, antes de levantar-me tomar meu banho e vestir-me com um leve e elegante traje de linho verde, que tanto fazia sobressair a cor de minha cutis.

Pedi à portaria que mandasse o café e m'o servissem no terraco.

Comecei eu a saborear as iguarias matutinas quando Mário aparece com indícios de que não dormira bem.

— Francamente, Tina, nem sei mesmo o que dizer-te...

— Nada tens que dizer-me, Mário: somos dois jovens impulsivos, nada mais.

— Porém...

— Todos temos direito à felicidade

— Mas é que...

— Por acaso não gostas de mim?

— Claro que gosto muito de ti; mas... Quero que me perdoes...

— Nada tenho que te perdoar... Ambos somos adultos e podemos fazer o que bem desejamos. De que servirá agirmos como meninos de colégio? De nada...

Depois de tudo isso se passaram alguns dias. Passeávamos sem falar de amor, sem mais idílios. Mas as noites eram diferentes. Uma vez não podendo conter-se me abraçou e beijou com fúria. Parecia que lutava consigo mesmo. Nunca falava de Vilma. Também não dizia de nós dois ou de nosso futuro. Eu me sentia feliz até aquele dia em que me disse:

— Tina, tenho que regressar à capital. Vai haver uma reunião de artistas e preciso voltar sem demora, para a assembleia de amanhã.

Eu me limitei a concordar serenamente.

— Não há a menor dúvida, Mário. Não quero prejudicá-lo em seu trabalho. Voltaremos esta mesma tarde, se quiser.

Ele sorriu. Depois disse:

— És uma jovem admirável, Tina.

— Obrigada. Espero que sempre penses assim.

Voltamos, pois à capital. Já agora minha casa de Coyoacan me parecia tremendamente só e vazia. Não havíamos organizado nenhum plano ao separar-nos, mas eu estava certa de que Mário me telefonaria e viria ver-me naquela mesma noite.

Enganei-me, infelizmente, pois que não me telefonou nem cheguei a saber dele durante todo o dia em que se seguiu à nossa volta. Por vezes estive disposta a chamá-lo; porém, me continha. Ao terceiro dia tocou-me o telefone. Procurei disfarçar minha emoção na voz e cheguei a sugerir-lhe cedarmos daquela noite. Houve um largo silêncio na outra extremidade da linha até que ele respondeu:

— Sinto muito, Tina. Tinha muito prazer nisso; mas não posso deixar a Escola onde estou com muito trabalho.

Tive vontade de dizer-lhe que isso era uma evasiva mal arranjada, talvez para não provocar ciúmes a Vilma, porém me controlei e respondi com voz serena:

— Então, ficará para outra vez.

Eu bem sabia o que ele estava tratando de fazer; mas eu estava disposta a não permiti-lo. Na semana seguinte me chamou duas vezes, e sempre fui cordial e amável. Uma vez nos encontramos no centro e fomos tomar chá no "Reforma". Passaram-se duas semanas e eu o chamei:

— E' muito importante que eu te veja agora. Podes vir à tarde?

Vacilou e disse em seguida:

— Pois, não, Tina. Está bem às dez horas?

— Perfeitamente.

Quando se aproximava a hora, ordenei a Carolina que nos servisse chá no jardim. Finalmente, chegou ele. Parecia tímido, por detrás de uma forçada jovialidade. Explicou-me longamente o quanto ocupado havia estado e de quão pouco

(Continua na pág. 47)



A DOLESCÊNCIA... Palavra bonita, que reflete uma das mais belas fases da nossa vida... E' a primavera, é a época dos sonhos e das esperanças... Até mesmo a natureza coopera, dando às adolescentes essa graça e essa leveza que somente elas possuem. Quanta beleza e quanta alegria havia, há anos pasados, nesse período! O primeiro vestido comprido, o primeiro salto alto, o primeiro baile, o primeiro "flirt"! Tudo ali, sob os olhos vigilantes da mamãe, pronta a intervir à mais leve sombra de ameaça! Mas não havia perigo, a menina-moça concentrava todo o seu prazer ali, na sala repleta, onde, feliz, podia rir, dançar e brincar...

A adolescente de então sabia ser distinta, fina e educada. Sabia que estava iniciando uma nova fase da sua vida que muito podia lhe oferecer de bom, mas sabia esperar...

Que diferença da adolescência de hoje! Dessa adolescência que aos dezoito anos já "viu tudo o que tinha que ver", já "viveu tudo o que tinha que viver"... Dessa adolescência de experiências prematuras e de prematuros desenganos... Dessa adolescência que já não respeita os "velhos", que grita por independência e pelo direito de viver como bem entende!

Tudo seria realmente bonito se essa maneira de viver "como bem entendem" fosse bem interpretada e não consistisse apenas nessa sofreguidão doida de tudo conhecer, pondo de lado a moderação, a distinção, o pudor. Merece lástima essa moderna adolescência. No tempo em que as juvenzinhas de gerações passadas procuravam se educar melhor, apurar as suas "prendas", cultivar a boa leitura e a boa palestra, as de hoje se preocupam apenas com o tipo "alinhado" do "mocinho" em voga no cinema; com o último modelo "Bikini", com os namoradinhos e — que sabemos mais? — com tôdas as futilidades que lhes enchem a vida ainda assim tão vazia.

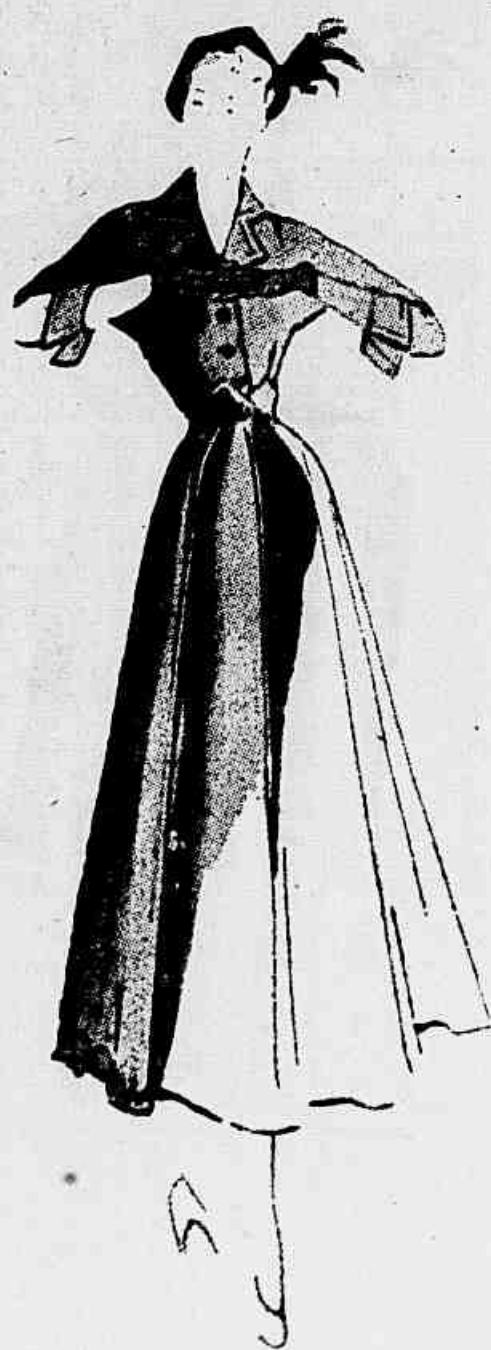
Infeliz adolescência, que julga estar "vivendo" a vida quando apenas está preparando a destruição do seu futuro e de tudo aquilo que de realmente bom a vida pode oferecer.

O. B.



De Jacques Fath: Original e elegantíssima criação em veludo negro com gola e reversos em tafetá listrado, vermelho e branco; ao lado o desenho original, que serviu para a confecção do modelo acima

NOS BASTIDORES FEMININOS



PARA A TARDE

ALGUNS sugestivos e encantadores modelos para tarde, temos aqui estampados nesta página. Na foto vemos duas criações sóbrias e distintas; uma em fina lã azul-marinho, a outra em lindo tecido brocado verde garrafa. Os demais modelos são algumas encantadoras sugestões para o seu elegante guarda-roupa.



BOTÕES

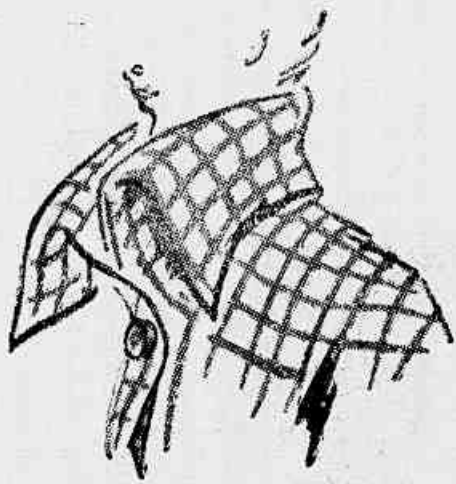
ELLES vivem agora os seus dias mais gloriosos. Ex-
traídos da sua função utilitária, eles passaram
agora a ser considerados elementos decorativos,
despertando, na imaginação dos criadores da moda femi-
nina, as mais curiosas fantasias. Alguns vestidos são
abotoados assimetricamente, partindo do decote e indo até
os quadris; outros abotoam duas bandas em "godet", pro-
duzindo excelente efeito; outros ainda abotoam uma saia
do lado ou atrás; outros, um vestido de alto a baixo;
outros aparecem também nas mangas dos vestidos. E'
esta, enfim, a época dos botões!





PARA O FRIO

Eis um punhado de sugestões elegantes para o nosso inverno. Os pontos fundamentais da moda para esta estação, são os "tailleurs", os "manteaux", as golas altas, os bôlsos, etc. Nestas páginas apresentamos algumas criações de Dior, Piguet, Rochas, Fath, etc.



Em cima: Gola alta, muito em voga; ao lado: Colête de lã verde sobre um vestido preto. Sugestão de Myrna Loy, da RKO



Pierre Balmain acrescenta um "bouquet" de violetas à um cinto de verniz preto

As pelerines estão em grande moda neste inverno



DETALHES E NOVIDADES



Com uma sala plissada, "sweater" preta bordada em "paillettes"

Jacques Fath completa um seu vestido com uma echarpe com barra em "piéd de poule"



Chapéu e echarpe de jersey, drapeadas e terminando em borla atrás

Uma pequena gola de renda dá um "toque" de feminilidade à um sóbrio vestido marinho ou preto



O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

CERTA vez, num dos Estados do Norte do Brasil, uma cigana leu a "buena-dicha" de um "ganjão". Sabe o leitor que significa esse nome? Na linguagem dos ciganos quer dizer: freguês, cliente, pessoa que dá a mão para ser lida a sorte.

O rapaz namorava uma jovem muito linda, mas muito pobrezinha. Para manter-se e à mãe viuva, com três filhos menores, ela ajudava a fazer doces, tapiocas de côco, pamonhas e outros produtos da culinária nordestina, e, muitas vezes lá com o tabuleiro vender a mercadoria nas feiras.

Moça de hábitos exemplares, ainda não encontrara noivo pelo fato de ser muito humilde e pobre. José estendeu a mão para a cigana e esta lhe anteviu um casamento próximo; porém desditoso, por ser a noiva uma jovem muito bonita, mas sem futuro nesse sonho.

José achou graça e se foi para a casa de Dulce. Era este o seu nome. Em meio à palestra que mantiveram, narrou ele o vaticínio da cigana. Não ligara importância. Ela também não era supersticiosa e não se impressionou com a profecia. Essas ciganas não passavam de pobre gente nômade que vivia a receber alguns cruzeiros para dizer bobagens.

Foram-se passando os tempos e, quando já estava próximo o casamento, surgiu entre ambos a figura de uma parenta de José. Era um tipo atraente, mas muito fútil, vaidosa e petulante. Tudo fez para conseguir afastar o primo da afeição de Dulce, até que o conseguiu.

Os seus pais e os dele aprovaram o namoro, depois o noivado, em seguida o casamento. Marcado o dia, o encarregado de preparar a festa, sem saber de nada, procurou uma boa doceira e fez a encomenda dos bôlos. A doceira era dona Emília! Tanto ela como Dulce estavam cientes do fato; mas se apuraram na encomenda, e, não raro, uma lágrima furtiva repontava nos olhos de Dulce... Ela, porém, procurava fugir da mágoa e aparentava indiferença e resignação.

No dia das bodas, José já se preparava para ir à Igreja, quando recebeu esta notícia tremenda. Sua noiva, ao atravessar a ponte, para livrar-se de um carro em disparada, caiu ao rio e desaparecera sob as águas revoltas e barrentas do caudal.

Louco, atordoado, saiu ele a correr em direção do ponto indicado. Já ali se aglomerava uma multidão de curiosos a lamentar a sorte da moça. As famílias de ambos se aproximavam da margem do rio e se ouviam gritos e lamentações, chôros e soluços.

Foi quando sucedeu esta cena indescritível. Dulce, que residia à beira do rio numa casinha modesta, assistia casualmente ao acidente e se lançou nágua para salvar a vida de sua rival.

Nadadora exímia, alcançou a noiva de seu amado e a puxou para terra, caindo ao seu lado exausta pelo esforço. Zélia ainda estava com vida.

(Continua na pág. 46)



DR. SABÓIA RIBEIRO

DOENÇAS CONGÊNITAS E GESTAÇÃO

Se por motivo dos males hereditários (sobretudo a sífilis e a tuberculose, como temos frizado) quer do homem quer da mulher é, sob todos os pontos de vista, necessário o tratamento preconcepcional dos mesmos, apurada no exame médico oportuno a existência de uma ou de outra dessas infecções, mesmo sob forma latente, dúvida nenhuma há, porém, que cabe à mulher um papel protetor maior ainda da saúde da prole.

É que, do momento da geração do ser, estabelece-se entre mãe e filho uma fusão íntima, na qual se confundem os dois seres num só e sempre repercutindo no feto o próprio estado do organismo materno, e além disso já durante a gestação lhe cabe tomar certos cuidados que prepararão o nascimento da criança nas melhores condições possíveis, mediante os exames pré-natais sistemáticos, da máxima importância, particularmente.

Destacaremos alguns aspectos que servirão para ilustrar essas afirmativas.

O "deficit" das reservas minerais e das vitaminas no organismo materno durante a gravidez, ensaia que a criança venha à luz em condições de menor resistência e já com uma perturbação da nutrição, que, aliás, longe de favorecer o momento do parto antes pode trazer condições desfavoráveis no seu normal desenvolvimento.

Uma carência, nessas condições, muito grande de fósforo e cálcio, no organismo materno, pode determinar o nascimento de uma criança com tendência espasmofílica, isto é, a criança nasce com uma excitabilidade anormal que, mais tarde, em face das menores causas, favorece ao aparecimento das convulsões.

Ao mesmo resultado pode levar o organismo materno se, durante a gravidez, padecer a mulher de uma carência de Vitamina D, o que pode ocorrer, inclusive, por falta absoluta de banhos de sol, sempre necessários à mulher, nessa fase, como outra que são de vitamina D nos organismos.

A carência de ferro, por seu turno, no organismo da gestante, cria condições de particular predisposição à anemia da criança; nasce então a criança com pouco depósito desse elemento, manifestando-se nela, já nos primeiros meses, a anemia.

Sendo a carência de vitamina C um dos fatores da anemia, é preciso reconhecer a participação que, também nesses casos, possa ter essa origem por sua quota insuficiente na alimentação da gestante.

Tudo isso mostra a solidariedade entre a gestante e o produto da concepção.

A repercussão que habitualmente traz à criança em gestação as doenças agudas da mulher durante a gravidez é outra circunstância a destacar nessa ordem de idéias.

As leucemias, discrasias das mais graves, são muita vez imputáveis às infecções maternas na gravidez. Outro é o mongolismo, que pode ter uma origem semelhante.

As causas tóxicas por certos desvios das boas normas a observar durante a gestação são outros fatores a que atribuir muitas infecções congênicas.

Tudo isso mostra, portanto, a grande responsabilidade que pesa particularmente à mulher em relação à saúde do nascituro.

Há mais.

Certos estados que ocorrem à mulher, nesse período, devem merecer-lhe o maior cuidado, e entre estes destaca-se o que denuncia uma placentação prévia, quando se verificam certas hemorragias, tanto mais sérias quanto mais para o fim da gravidez se mostram, o que não quer dizer que não tenha grande importância, por outro, as hemorragias, que possam surgir no começo da gravidez. De fato, toda hemorragia na gestante reveste sempre a maior significação.

Há um cuidado que nunca deverá ser desprezado pela gestante; é o que se refere à boa conformação da bacia. Uma bacia mais ou menos normal deverá possuir determinadas dimensões, abaixo das quais será considerada, muita vez, imprópria ao parto natural. Eis porque este cuidado é imprescindível em todo primeiro parto.

Outro cuidado que sempre deverá ser tomado é o que diz respeito à posição do feto. De fato, ele toma certas posições no ventre materno que cumpre corrigir em tempo, antes do parto, sob pena de não processar-se este nas condições normais.

Em falta desses cuidados elementares é que se mostram em muitas crianças não poucas afecções decorrentes do parto prolongado.

De fato, uma bacia estreita ou somente reconhecida como tal no ato parturitivo, leva muitas vezes à morte o feto pelo parto demorado, e só permitindo intervir quando o feto já sofreu demasiado ou mesmo já está morto.

Se ainda isso não se verificou e a criança nasce com vida, são comuns traumatismos diversos nela, no próprio cérebro, onde se passaram hemorragias muito sérias, que vão causar, às mais das vezes, paralisias indelévels na criança.

Muitas paralisias faciais e dos membros superiores e inferiores são unicamente devidas a isso.

Não raramente houve repuxamento dos músculos do pescoço, ou torção, dando-se rutura com derrame sanguíneo, com formação de um tumor, que obriga o recém-nascido a deitar a cabeça para o lado doente. A consequência poderá ser mais tarde um encurtamento cicatricial do músculo, ficando o pescoço da criança torto.

Um dos braços pode mostrar-se paralítico por um tempo variável, o que acontece quando foi lesado o plexo braquial no parto instrumental ou certas manobras que podiam ter sido evitadas com a assistência da gestante. Menos vale a assistência do parto sem a assistência anterior da própria gravidez.

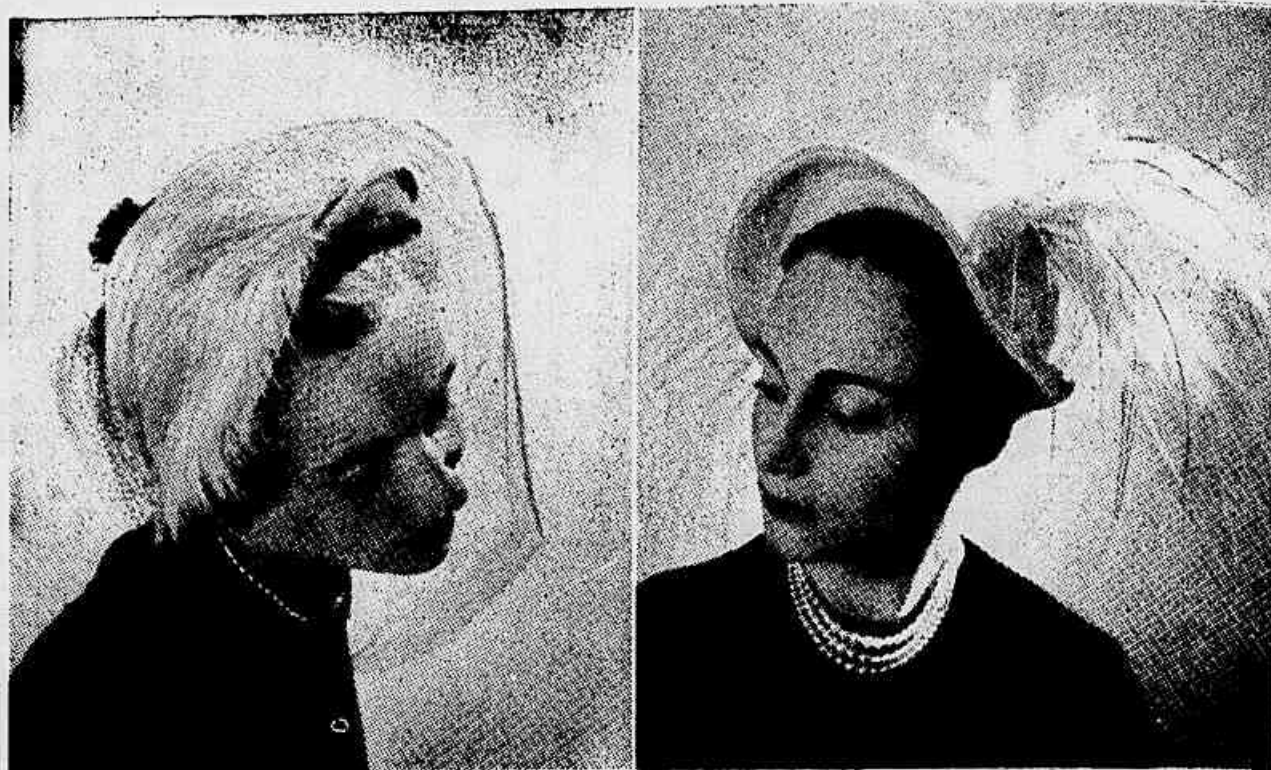
Quando o nervo facial foi atingido a criança chora ou ri de um lado só; o lado doente permanece inalterável, o olho desse lado sempre aberto.

E verificam-se, por vezes, fraturas, aliás mais raro, sendo as da clavícula as que mais acontecem.

Porém, muito frequentes são as mortes do feto por asfixia devida ao parto prolongado, em falta dos cuidados desprezados durante a gravidez.

Todos esses reflexos sobre o feto ou a criança criam, necessariamente, para a mulher deveres peculiaríssimos, que, aliás, beneficiam a ela própria, pois as causas do mau parto tanto atinge a criança como a ela, como acontece em geral em todos esses casos.

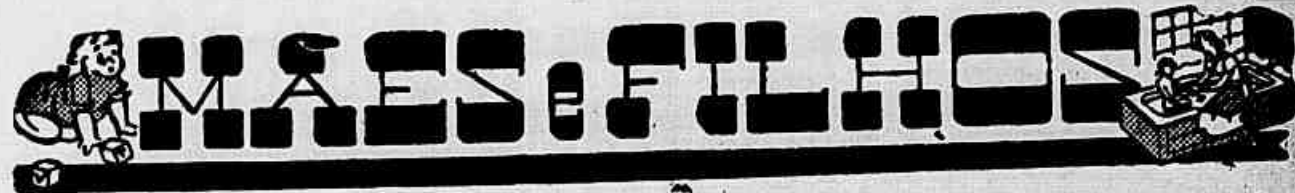
(Continua na pág. 40)

**“AIGRETTES”**

O chapéu para uma reunião elegante, para o teatro, para a noite, enfim, se torna muito mais atraente quando guarnecido de "aigrettes". Aqui alguns modelos dos mais famosos chapeleiros de Paris, como Gilbert Orcel, Paulette, Maut et Nano, etc., etc.



CAMISOLAS



DE ANAMARIA CÉLIA

PAIS TEIMOSOS

Porque "pais teimosos" e não "filhos teimosos"? Simplesmente porque a teimosia dos filhos outra coisa não é senão o resultado da teimosia dos pais.

Esquecendo que a criança representa um indivíduo e que como tal tem uma opinião que deve ser respeitada, os pais, na sua maioria, insistem em impôr a sua vontade em tudo e em todos os momentos.

Se o garoto escolhe um brinquedo, eles escolhem outro — julgam que o outro é mais adequado, esquecendo que em primeiro lugar deve ser considerada a preferência da criança, salvo é claro, nos casos em que esta pode ser prejudicial. Existem pais



recer-lhes aquilo que realmente ela deseja. Não procuram saber se o garoto se sente mais à vontade com o "bonet" tombado para a esquerda, como seria o seu desejo. Esquecem sempre que não é a criança quem deve se adaptar à eles e sim eles à criança.

Alguns, com a sua teimosia, chegam a colocar os filhos em situação ridícula perante os amigos e colegas.

E' preciso que deixem de contrariar a criança, que deixem de "experimentá-la", que deixem de impôr despoticamente a sua vontade e, quando realmente for necessária a obediência, procurem, com inteligência e lógica, mostrar-lhes as suas razões...

Não havendo pais teimosos, deixarão de existir também as crianças teimosas.

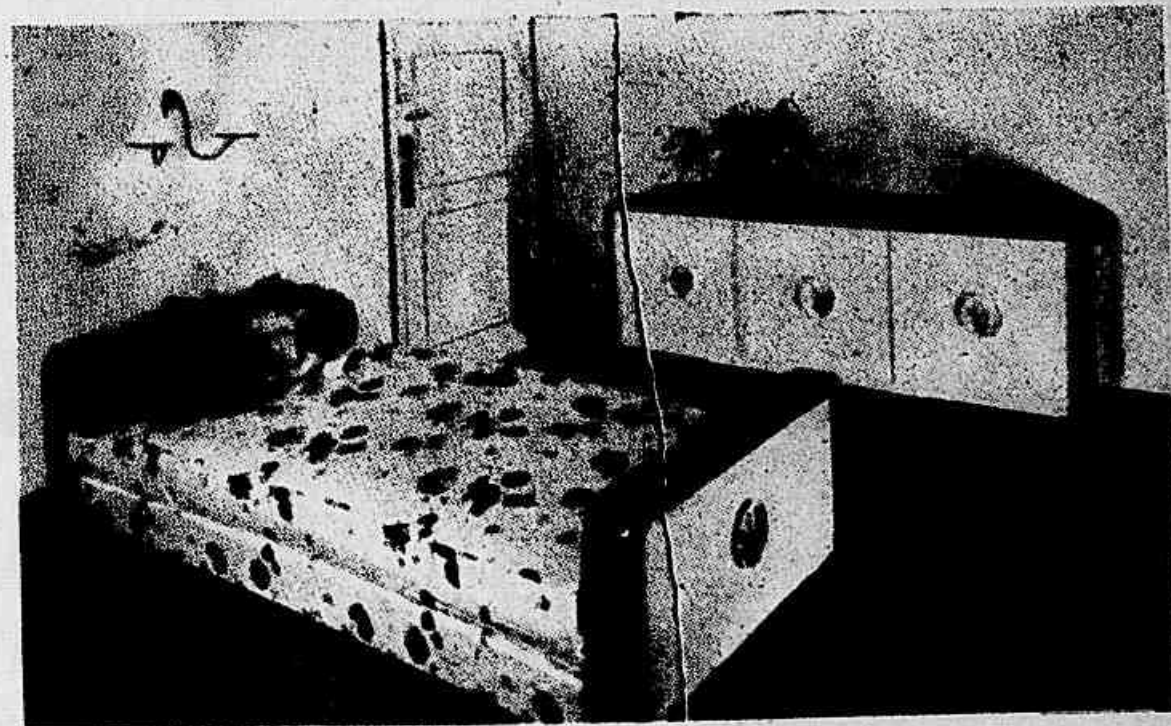
que comprem para os filhos aquilo que eles gostariam de ter; não procuram saber se os filhos têm o mesmo gosto.

Muitos contrariam a criança nas menores coisas: se quer comer uma pêra, insistem para que coma uma maçã; se o menino usa o seu "bonet" inclinado para a esquerda, acham que inclinando-o para a direita ele fica mais "bonitinho"; se quer brincar na rua, acham que seria melhor brincar em casa e se quer ficar em casa, acham que seria melhor que fôsse para a rua.

E assim é em tudo. Não existe aqui um pouco de exagero. Parece que os pais se convenceram de que para tornar os filhos obedientes é necessário contrariá-los. Não pode haver teoria mais errada.

O filho tratado assim, acabará naturalmente teimoso e a sua teimosia encontra justificativa na teimosia dos pais.

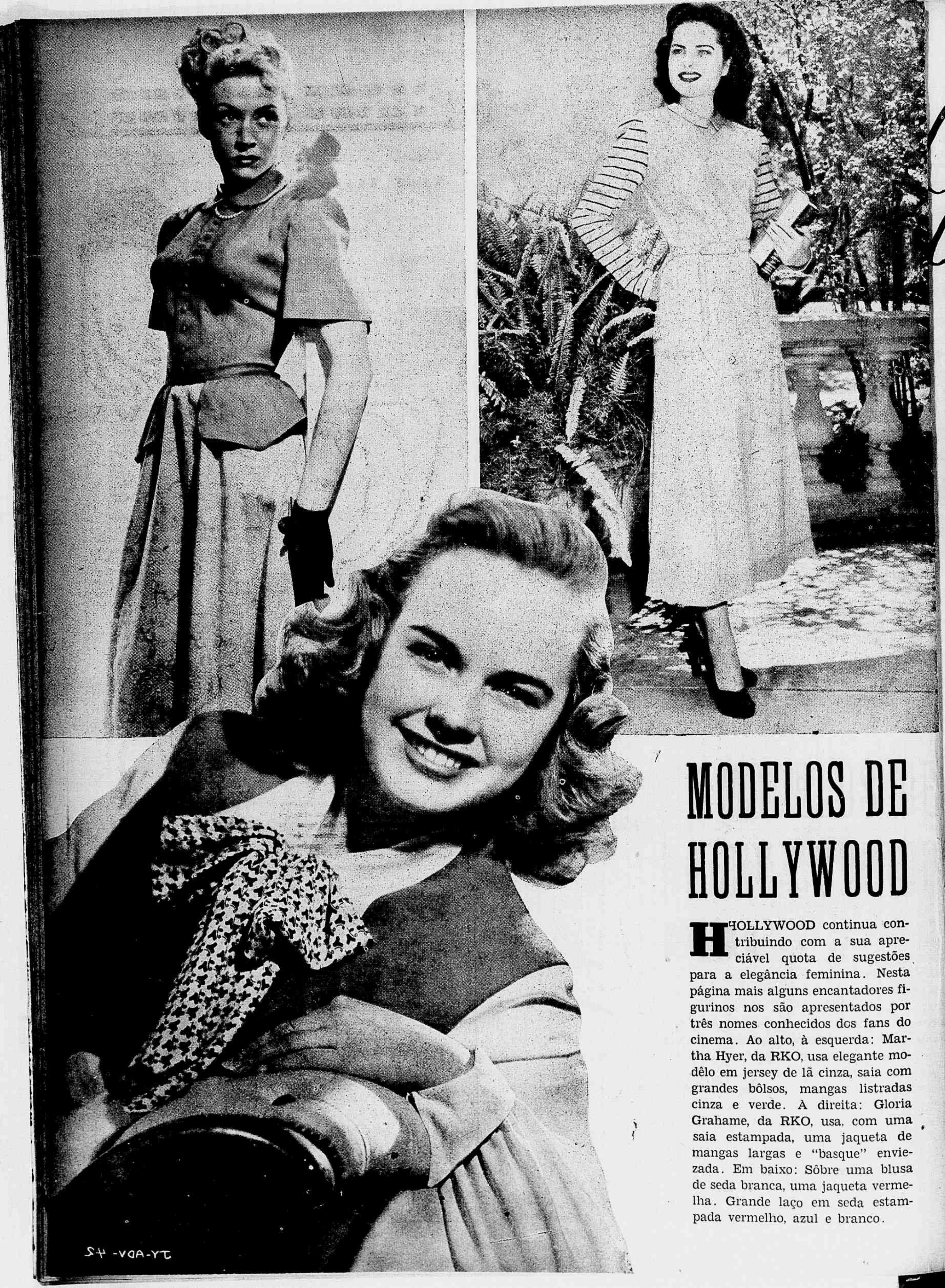
Em geral, não procuram conhecer as preferências da criança, nem ofe-



Quarto para menina. Poucos móveis, poucos babados e poucos franzidos. Tudo muito simples e muito arejado



Em cima, à esquerda: Em percal quadriculado. Bordado em cruz na gola e nos punhos. À direita: Algodão ou "plumetis". Babado franzido ao redor da gola. Em baixo, à esquerda: Em "foulard" listrado. Mangas e gola guarnecidos de babados franzidos. À direita: Em jersey vermelho, cintura alta, saia bem longa atrás



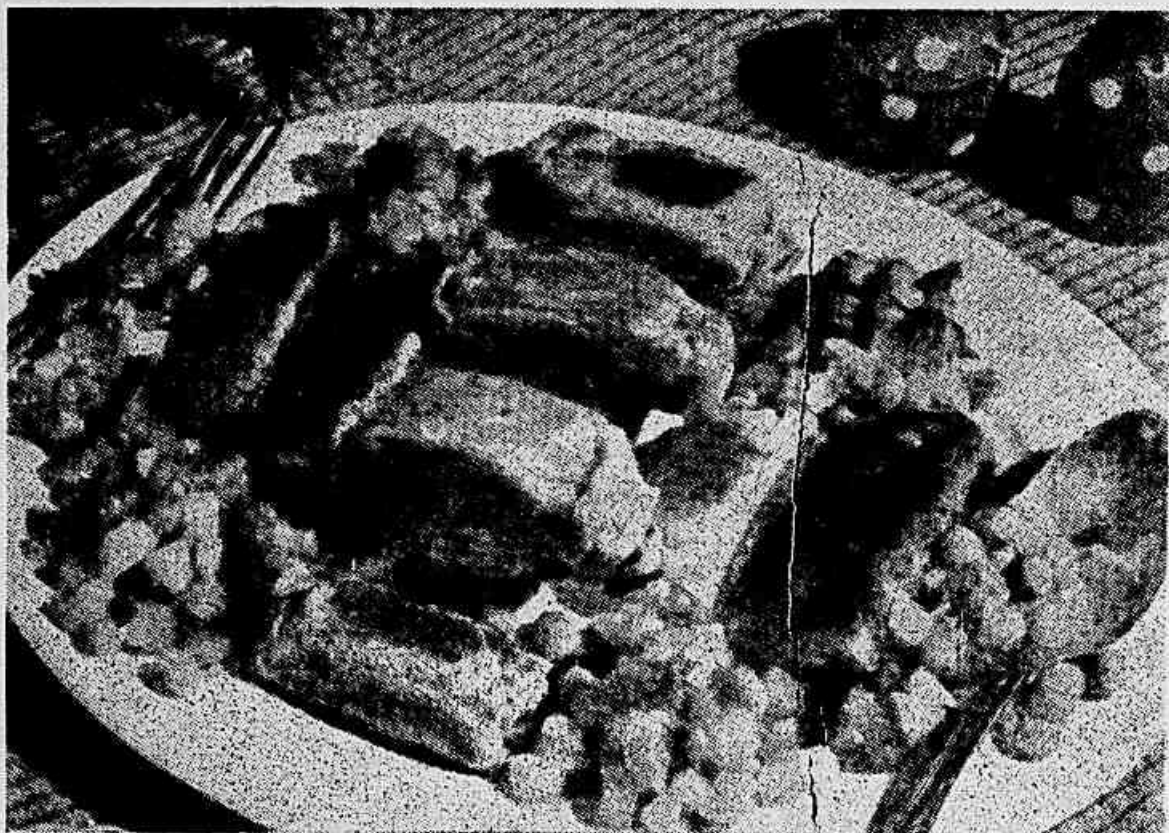
MODELOS DE HOLLYWOOD

HOLLYWOOD continua contribuindo com a sua apreciável quota de sugestões para a elegância feminina. Nesta página mais alguns encantadores figurinos nos são apresentados por três nomes conhecidos dos fans do cinema. Ao alto, à esquerda: Martha Hyer, da RKO, usa elegante modelo em jersey de lã cinza, saia com grandes bolsos, mangas listradas cinza e verde. À direita: Gloria Grahame, da RKO, usa, com uma saia estampada, uma jaqueta de mangas largas e "basque" enviezada. Em baixo: Sobre uma blusa de seda branca, uma jaqueta vermelha. Grande laço em seda estampada vermelho, azul e branco.

Elegantes



O RIACÕES elegantes e maravilhosas de Bruyère, Nina Ricci, Jacques Griffe, Marcelle Chaumont, etc, são aqui apresentadas para essas deslumbrantes noites da "season". Tais modelos são geralmente acompanhados de capas de peles ou de "manteaux" em veludo, jersey ou tafetá.



O presunto é um alimento muito apreciado, sendo empregado em inúmeros e saborosos pratos

FAROFA DE OURO

Leve ao forno para corar, 1/2 quilo de farinha de mandioca e, ainda bem quente, junte manteiga necessária para que fique embebida e solta; adicione 8 gemas cozidas, peneiradas e misture. Deve ficar amarela, com as claras picadas no centro.

CANAPÉS VIENENSES

Recorte tiras de pão de fôrma sobre a largura do pão, com 2 cm. de larg. e 1 cm. de espessura. Amasse 100 grs. de Gruyere com 100 grs. de parmeizão, 1 pitada de Cayenne e manteiga para formar uma pasta. Passe sobre as tiras de pão, aplique em cima 4 rodelinhas de salsichas de Viena, leve ao forno e sirva bem quente.

LÍNGUA DO RIO GRANDE

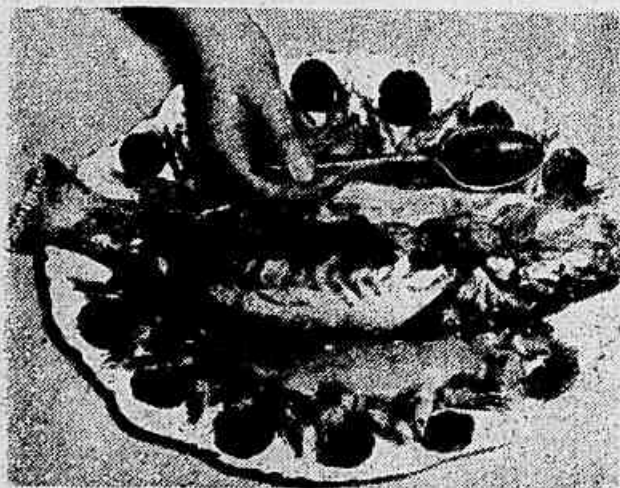
Tome 1 língua e deite de molho de véspera. Cubra com água fria e leve a cozinhar até ficar tenra. Retire a pele com faca afiada e guarde em papel untado de manteiga, para não escurecer. Parta em fatias e sirva fria, ou esquentada dentro do papel e sirva com molho de alcaparras, verduras, etc.

MAÇAS RECHEADAS COM PASSAS

Tome 12 maçãs pequenas, descasque com faca inoxidável, retire os centros com a colher de legumes e deite em água com limão. Enxugue, encha com passas e um pouco de manteiga arrume numa assadeira com 1 cm. de água, 1 colher de açúcar e leve a assar no forno.

PUDIM DE SAGU

Leve a cozinhar 160 grs. de sagu em 4 xícaras de leite e 1 pitada de sal. Retire do fogo, junte 1/2 colher de manteiga, 150 grs. de açúcar, 2 gemas, um punhado de passas e 2 claras em neve. Leve a assar no forno em fôrma untada.



O aspecto do prato é importantíssimo. Dele depende, muitas vezes, o apetite de quem está à mesa

BÓLO FOFO DE MILHO

Desmanche 4 colheres de fubá de milho fresco, em 4 colheres de água quente; junte 1 xícara de leite a ferver, bata alguns minutos com uma colher de pau, adicione 1 pitada de sal, 3 gemas e por último 3 claras em neve. Despeje numa fôrma untada e leve a assar no forno. Sirva simples, com manteiga.

CULINÁRIA

Para tirar o cheiro forte da couve-flor e do repolho, junte um pedaço de pão à água e retire depois de ferver.

Os vinhos para tempero deverão ser de boa qualidade. Os mais usados são vinhos brancos secos, Madeira, Porto e Xerez.

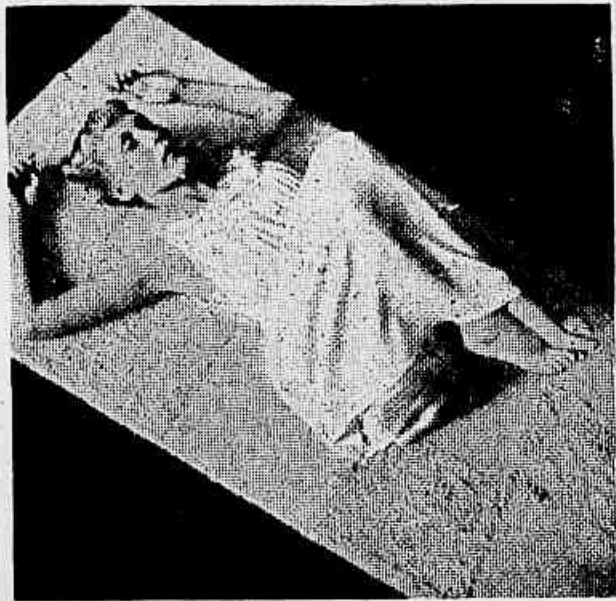
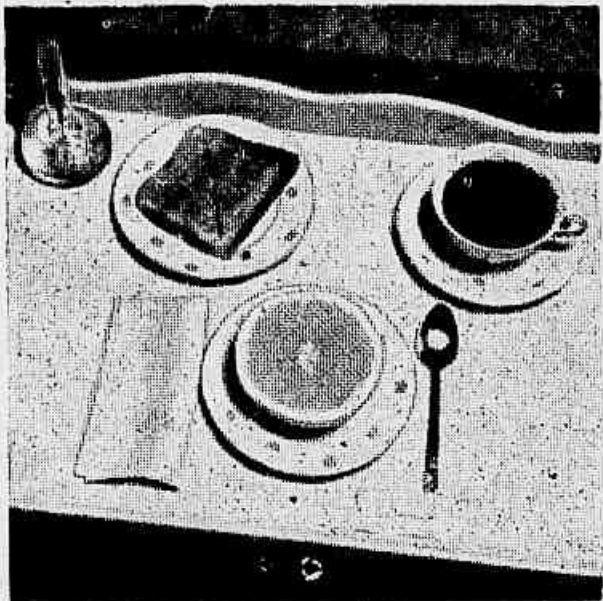
Num jantar de cerimônia, o sorvie é sempre a sobremesa indicada. Pode ser apresentada em taças, guarnecidos com frutas frescas ou secas, compotas, creme de leite batido, etc.



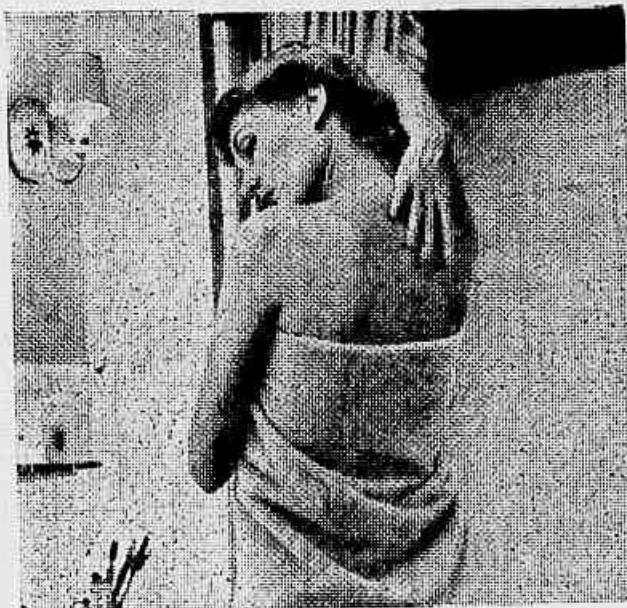
A jornada começa mesmo antes que ela acorde... Um creme suave, que permaneceu no rosto e no pescoço, durante toda a noite, prepara a pele para o dia. Alguns exercícios podem ser praticados ainda no leito

A BELEZA AO ALCANCE DE TODOS

A beleza não é privilégio da mocidade. Frequentemente vemos mocinhas de vinte anos que parecem verdadeiras matronas e, por outro lado, vemos senhoras de quarenta ou cinquenta anos, cuja elegância, graça e beleza despertam a atenção de todos. Uma mulher bela, consciente dos seus encantos, não repousa sobre os atributos que a natureza lhe deu. Ela sabe que deverá cultivá-los com amor e cuidá-los com um carinho todo especial; ela sabe, ou deverá saber, quais os cremes que lhe convêm, quais as "bases", quais as tonalidades que irão realçar os seus traços, qual o tipo de roupa que melhor a veste, qual o regime que deverá seguir. Cuidará da sua beleza metodicamente, dedicando alguns minutos de cada dia à prática de certos detalhes que acabarão por se tornar um hábito. E à custa desses hábitos ela poderá manter sempre o mesmo aspecto encantador, adaptando a sua beleza às circunstâncias cotidianas.



A esquerda: Pela manhã, pouco deverá comer. Café preto, uma fruta, uma torrada sem manteiga. E' muito provável que as suas atividades durante o dia não lhe permitam fazer dieta no almoço ou no jantar; convém então ser frugalíssima pela manhã. A direita: Exercício para a cintura e para o abdômen. Experimente este. Deitada, com os braços na posição indicada, pernas estiradas, encolher o joelho até atingir o busto. Estirar suavemente as pernas. Repetir dez vezes



A esquerda: Também as costas devem ser favorecidas com um bom creme vitalisante. Depois do banho, aplique uma camada suave, retirando o excesso com uma toalha fina. A pele ficará lisa e uniforme. A direita: Um "make-up" perfeito, é indispensável. Para que se possa manter durante o dia inteiro o mesmo aspecto, torna-se necessário o uso da "base" para "maquillage". Para fazer uma boca perfeita, desenhe primeiro, com um pincel, o contorno dos lábios, enchendo-os em seguida com o "baton"



A esquerda: Uma nota de cor acentua a beleza dos olhos. O "rimmel" deverá ser aplicado com discrição, escolhendo-se uma tonalidade que vá bem com a tonalidade da tez. A direita: A beleza da silhueta depende da estrutura do corpo. E' difícil dissimular uma linha defetuosa. Remédio: regime e cultura física



A esquerda: A máscara aplicada sobre os olhos tem um efeito extremamente repoussante. Pode ser feita por meio de compressas umedecidas em loção especial para os olhos ou água boricada. A direita: A limpeza e a massagem à noite, são necessárias à beleza. Para retirar o "make-up", use uma loção e um creme especialmente indicados para isso. Com as duas mãos, faça massagens no pescoço e no rosto

PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS

A LEGIÃO DA DECÊNCIA

Evidentemente, esta é a maior iniciativa que o clero já tomou em defesa do povo brasileiro. Vem mesmo a propósito uma atitude desse quilate, nesta época de dissolutismo e achincalhe aos bons costumes. Quem mais poderá assegurar o futuro de uma nação, além de sua juventude? E' tão constrangedor o panorama que nos sugere a mocidade brasileira, que até nos faz perder as esperanças de melhores dias! Mesmo assim, nunca é demasiado tarde, quando existe boa vontade e perseverança, para arrancarmos das trevas e do caos um elemento em formação. Que a cruzada de moralização, encontrando apólo em todos os lares brasileiros, seja o início do caminho luminoso que há muito deixaram de trilhar os jovens do nosso país.

No entanto, é necessário compreendermos que os louros da vitória só serão colhidos por essa campanha se as diretrizes forem encaminhadas dentro de um critério de sentido amplo e absoluto. Isto é, se atingir não somente alguns jornais, revistas e romances nacionais, considerados impróprios e nocivos à nossa juventude. E' sabido que o verdadeiro "cancro social" não está unicamente enraizado no pequeno número de material literário editado no Brasil. Não. Infelizmente, a sua origem é outra bem diferente. Embora pareça estranho, é prudente concordarmos que ele é nascido da nossa própria irresponsabilidade e sobretudo benevolência em aceitar, de "olhos vendados", TUDO que nos envia o estrangeiro, em matéria de literatura e arte — se é que assim podemos considerar, a abundante coleção de fotografias, em poses inconvenientes — e, principalmente, o que chamamos de sétima arte, ou seja, o cinema. Eis aí, portanto, uma fonte inesgotável de ensinamentos perniciosos, onde mergulham impunemente para o abismo os futuros homens e mulheres do nosso país.

Não deixarei, no entanto, de lembrar mais uma vez, que uma grande parte da ruína moral dos jovens, de hoje, seja também motivada pela ausência absoluta dos cuidados maternos, tão essenciais à boa formação daqueles e daquelas a quem futuramente serão confiados as mesmas tarefas, isto é: orientar as gerações providouras. E' evidente, portanto, que o clero nesta campanha se esforça principalmente para apontar a certas mães, o monstruoso crime que estão praticando com a juventude dos nossos dias. E' deveras entristecedor escutar-se a linguagem usada numa palestra entre os moços de hoje. De tudo discutem: mulheres, jogo, maconha, teatro — o baixo teatro, subentende-se — filmes, quando são impróprios e principalmente, a "grande inovação" que nos enviou a França, o "existencialismo". Todavia, ao discutirem estas coisas parece incrível, que dêem às palavras, um colorido picante não raras vezes. Agora, pergunto: a quem devemos responsabilizar pela corrupção de muitos jovens brasileiros? Somente, a alguns jornais, revistas e romances editados aqui? Ou, a irresponsabilidade de certas mães, que se descuidam lamentavelmente, da boa formação moral de seus filhos? Acredito que a última hipótese, seja a mais acertada, embora preferisse ao contrário. Todavia, com esta afirmação que acabo de fazer, não pretendo de maneira alguma deixar de considerar culpados alguns de nossos jornais e revistas que, muitas vezes, exploram o sensacionalismo pernicioso; o rádio muitas vezes com programas e novelas que constituem um verdadeiro atentado à família brasileira; o cinema nacional que, infelizmente, reluta na divulgação de temas instrutivos e, finalmente, o nosso teatro, cujas peças frequentemente picantes, podemos classificar sem receio, um veículo preponderante à derrocada moral da juventude deste país.

E nosso desejo, portanto, que a população do Brasil possa compreender e auxiliar, nos seus mais cristalinos propósitos, a louvável iniciativa do clero nacional para o soerguimento da boa moral no seio da nossa sociedade.

★

CORRESPONDENCIA

Célia Maria (S. Paulo) — "Houve tempo em que amei verdadeiramente o meu esposo. No entanto... há muito ele deixou de merecer o meu amor. Tenho uma criatura que muito me compreende e sinto por ela uma grande afinidade. Devo dizer tudo ao meu esposo ou continuo a ocultar-lhe a verdade?"

Célia, se você, minha amiga, já não pode arcar com dignidade o seu papel de esposa perante Deus e a sociedade, aconselho, para o seu próprio bem e desse homem que é o seu esposo, que lhe diga toda a verdade. O que atualmente você está praticando não é correto. Já que não o ama, não vejo razões para que o conserve em sua companhia. Seja sensata e diga-lhe, sem rancor e indiferença, o que realmente tem se passado com você e o outro. Faço votos para que tudo corra bem.

Elsa Virginia (Tijuca, Rio) — "Sou noiva de um rapaz que, desde o início do nosso namoro, conseguiu a minha total confiança. Sempre fiz tudo que me pede e agora ele se sente no direito de fazer-me propostas que não considero justas. Tenho medo de perdê-lo. Que devo fazer? Relutar ou aceder?"

Elsa, que negócio é este de aceder? De maneira alguma, minha filha, você deve pensar nisto! O seu noivo, permita-me dizer-lhe, não está se revelando um homem de caráter. Se no período de noivado lhe faz propostas que você não considera justas, ele não é digno de sua confiança. Se você, minha filha, não quer perdê-lo, só lhe resta um caminho: conservar a todo custo a sua dignidade de moça.

★

Lella Maria — Ipanema — Rio.

"Que devo fazer? Além de ter sido um "arranjo" o nosso casamento, ele vive cego por um ciúme sem razão, transformando a nossa vida num verdadeiro tormento. E, até a nossa filhinha de apenas dois anos, é uma vítima constante dos seus maus tratos".

Lella, observei acuradamente a sua carta e você, minha filha, cometeu um tremendo erro em consentir neste casamento que de maneira alguma podia trazer-lhe felicidade. No meio de tantas desventuras, você ainda tem esta filha, da qual você legitimamente se orgulha. Portanto, antes de dar qualquer passo decisivo, pense nela, que nenhuma culpa tem de possuir como pai, uma criatura de tão frios sentimentos. Abandonar este homem, seria um erro e, "um erro, não justifica outro erro". Saiba educar a sua filha que, futuramente você há de compreender que o seu sacrifício não foi em vão.

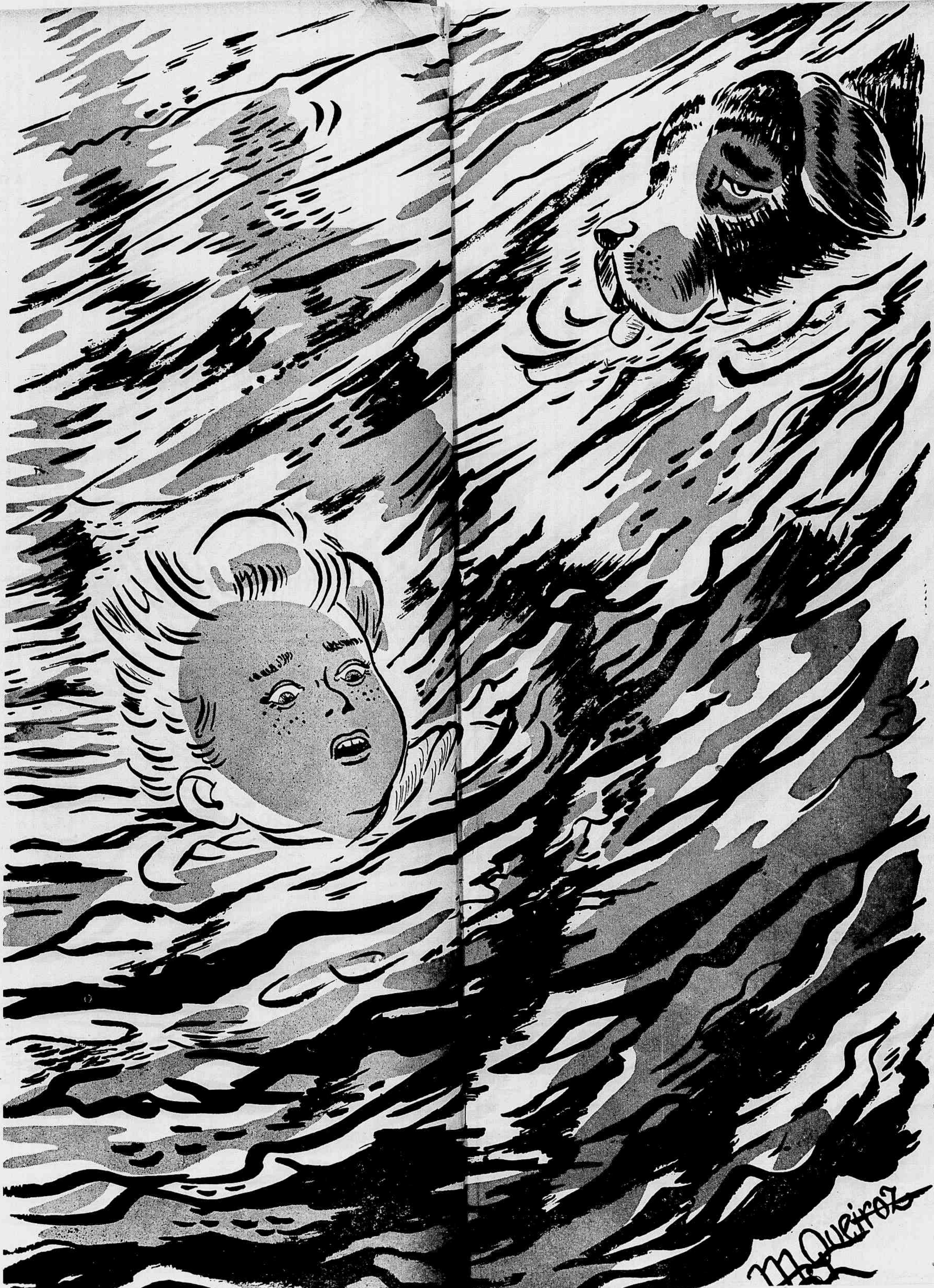
Toda correspondência para esta seção deve ser endereçada para: M. Mercedes Santos — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde Maranguape n° 15, 1° andar — Rio de Janeiro.

"Sem Futuro"

CONTO DE MARIA ADELAIDE MIRANDA
ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIRÓS

NUNCA fôra bonito. Sua mãe havia sido uma cadela de trato, de pêlo branco, sedoso, macio e tinha raça. O pai, no entanto, era feio e esquisito. Como pudera ela enfeitigar-se por um cão tão sem atrativos, foi coisa que jamais compreendera. Gostos! Enfim, já ouvira dizer que os cachorros não fazem grande questão de beleza. Um erro, porém. Porque o resultado ali estava: ele. Feio, um pêlo sem cor definida, orelhas caídas e só com uma qualidade para o fazer aceitável no convívio dos homens: grande. Tamanho ele tinha, ninguém poderia negar, e uns dentes bons também; mas era só. E por isso olhava com uma inveja enorme o cachorro da vizinha, felpudo, bonito, estimado e dormindo até num caixote forrado de panos. O cãozinho era o mimo da casa e ele ouvia chamar Joli o dia inteiro. Aquêle pingão de cachorro parecia até um membro da família. Pequenininho sim, mas importante e impertigado como gente. Era sorte. Porque ele até no nome fôra infeliz: "Sem Futuro". Por que? Não sabia. Sabia só que nascera com o coração cheio de carinho pela humanidade, um carinho insensato e absurdo que os maus tratos nunca puderam fazer cessar e que se manifestava em todo o seu ser, mexendo-lhe até com a cauda que ele não conseguia fazer parar. E sua vida resumia-se num só objetivo: agradar. Acontecia no entanto que o seu dono não o tolerava. — Passa! — gritava aborrecido. — Passa, "Sem Futuro"! Mas a sua amizade era superior a tudo e o seu carinho também. — Passa! Espera aí! E o homem levantava-se nervoso e arremessava-lhe o tamanco com toda força, enquanto que ele corria ganindo de dor. — Não sei por que teimas em conservar este cachorro. Manda-o levar num saco e solta-lo no pontilhão — dizia furioso à mulher. — Não quero cães aqui, já disse! E "Sem Futuro", medroso, corria a esconder-se atrás do tanque, embaixo dum amontoado de caixotes velhos e filosofar na sua sorte. Não podia compreender por que o odiavam. Incomodava tão pouco! Maldade! Maldade, porque ele só pedia um resto de comida, um canto para dormir e uma pessoa a quem pudesse querer bem. Os homens dormiam em camas macias, havia-os até que tinham palácios, carros, cavalos... E ele pedia tão pouco! Sim, maldade, reconhecia. Mas não estava nele; não tomava jeito; gostava de fazer festas. Sabia há muito porque o desprezavam. Descobrira que os homens só agradam a quem lhes possa ser útil. E ele para nada prestava. Andava doente, já não era moço. Vira muito cachorro nascer e morrer, mas ia vivendo, apesar dos maus tratos. Sentia já um cansaço esquisito no coração, não andava bem ultimamente, assim mesmo não deixava de sair, acompanhar as crianças em suas excursões pelo mato e pelo rio. Adorava os garotos. Lauro, o mais velho, tinha doze anos, Luis dez e Chiquinho três. Uma turmazinha travessa e ele louco pelos seus brinquedos. — "Sem Futuro"! — gritavam correndo. E ele corria também o mais que podia, com aquelas velhas pernas a atrapalhar. — Vamos ao Paraíba, "Sem Futuro"! E ele ia. Havia dias, porém, em que o rio estava agitado, e ficava então receoso. Não tinha aquela força antiga e a correnteza era muita. Mas os garotos estimulavam-no e ele caía nágua, acompanhando os movimentos de Chiquinho que ficava na margem a apreciar os irmãos, com os olhinhos brilhando de entusiasmo e uma vontade enorme de meter-se na água também. E ele achava aquilo estranho. Por que não nadava o Chiquinho? Enfim, havia tanta coisa que ele não compreendia! Os assuntos humanos haviam sido sempre difíceis para o seu cérebro canino, e era só quando ele se aprofundava em conhecê-los que sentia menos entusiasmo, menos vontade de fazer festas; não sabia por que... E "Sem Futuro" pensava enquanto nadava. Já mandá-lo embora. Ele sabia. Por que? Era feio, sabia também, mas não havia nas redondezas cachorro que apanhasse com mais ligeireza um pau no Paraíba. E ele nadava enquanto pensava. — Vamos embora, pessoal! — gritou Lauro. E os dois garotos e ele, "Sem Futuro", incluído também naquelas palavras, saíram do rio pingando água pelo capinzal verde, bonito e encaminham-se para o barracão tósco, onde a pobreza morava e o desgosto também. Vira muitas vezes a dona chorar. — Jaci — dissera o pai das crianças naquele dia. — Teremos que ir ao cartório assinar a escritura do barracão. — Não sei — respondeu a mulher com ar humilde, enquanto torcia a roupa que lavava. A vizinha vai sair. Com quem deixarei as crianças? — Deixa-as sozinhas, ora essa! Voltaremos logo. Descansa que ninguém as vai roubar. Quem quer trabalhos? Só mesmo um idiota como eu é que não se pode livrar deles. E o homem sentou-se na pedra que havia em frente ao barracão, olhando o rio que passava. — Soubesse eu a vida que iria ter e outros galos cantariam. Casar! Os homens são uns imbecis!

SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



E ele pôs-se a passear pelo quintal, chutando as pedras, que caíam na água formando rodinhas sem fim. A mulher ouvia-o quieta, de cabeça baixa, temendo falar. O marido era pólvora e a um foguinho á-tou explodia. Era assim todos os dias. Brigavam sempre. Mas era o pai dos seus filhos e as crianças não tinham culpa dos seus desgraçamentos, nem culpa de haverem nascido. Ela sofria sim, mas os garotos prendiam-na ao lar. Tinha esperanças. Talvez o marido mudasse, porque Chiquinho conseguira em três anos o que ela não conseguia em treze. Ele gostava do filho. Tinha orgulho do garoto. Parece um cromo de folhinha, dizia ele. O menino era bonito mesmo, muito branco, lourinho, parecia uma figurinha de revista. E "Sem Futuro" achava absurdo que um homem como "seu" Júlio se lastimasse, vivendo como vivia em colchões macios, comendo e tendo um filho tão bonito e uma mulher tão linda. Sim, porque Jaci era bonita. Os homens rondavam-lhe a porta, ele bem via. Mas ela era esquisita também. Nem ao "seu" João da venda concedera sequer um agrado, como esses que ele fazia a quem lhe fizesse festas. Vira-a mesmo zangada um dia, ainda se lembrava. Fôra na noite de S. João. Ele nunca se esquecia. As queimaduras cicatrizadas dos busca-pés avivavam-lhe sempre a memória. E nunca pudera compreender o pendor que o santo tinha pelos fogos e pelo barulho que eles faziam, amedrontando todos os cães da vizinhança. Bem, nessa noite "seu" João aparecera no barracão. Era um homem bonito o português da venda; bem mais bonito do que "seu" Júlio. E bom; ele pelo menos achava. Não se esquecia nunca de alisar-lhe o pêlo quando lhe passava perto. D. Jaci sentou-se naquela mesma pedra em frente à casa e perguntou-lhe a que vinha, com um ar orgulhoso e a cabeça levantada num desafio. "Seu" João não se deu por achado e riu-se. — Não me convences com esses modos, Jaci! Eu sei que gostas de mim — disse-lhe, chegando-se a ela. Procura esconder, mas não o consegues. E "Sem Futuro" viu a moça empalidecer, tremer e "seu" João apertá-la nos braços fortes. Ela livrou-se porém e gritou-lhe vermelha de raiva: — Vá-se embora! Não o quero ver mais! E ele, encabulado, com um rito de amargura nos lábios bonitos, abaixou a cabeça e encaminhou-se para a cerca; virou-se depois. — Você irá arrepender-se, Jaci. O Júlio não a merece, é um parasita. — Vá! — gritou ela a soluçar. E pronto! Daí em diante via-a sempre a chorar. Ele não compreendia a humanidade. Os homens eram esquisitos, complicados e contraditórios. "Sem Futuro" acordou do seu devaneio com um forte ponta-pé que lhe acertou em cheio no corpo doente, e correu gemendo de dor para o fundo do quintal, semeado de latas e cacos de telha. De lá pôde ver, momentos depois, d. Jaci, bonita como quê, fechar a porta do barracão, sair e "seu" Júlio berrar: — O primeiro que puser o pé fora de casa irá se avir comigo. — Sim, senhor! — responderam os guriç, com a cabeça baixa, olhando de esguelha o pai que saía. "Sem Futuro" abaixou também a cabeça como se aquilo fosse com ele, esperou que os dois desaparecessem na esquina e aproximou-se da porta a uivar um pedido. Lauro abriu e ele entrou. E na casa pequenina iniciou-se então um verdadeiro terremoto, ou antes um pandemônio. Momentos depois abriu-se a porta com estrondo e, apesar da proibição formal do pai, a garotada saiu correndo pelo quintal em direção ao Paraíba, rindo e pulando como cabritos. "Sem Futuro" acompanhou-os como pôde, antegozando a brincadeira boa que iriam ter naquela tarde. E naquele dia até o Chiquinho correu pelo mato que marginava o leito do rio, majestoso, largo, semeado de pequenas ilhotas, e manso como que a convidar a garotada a outro banho. "Sem Futuro" não correu muito. Brincara de mais naquela manhã. Cansara-se, faltava-lhe o ar e sentia como que uma dor esquisita do lado esquerdo. Continuou, no entanto, a brincar e os garotos a jogar no Paraíba as paus que ele, nadando, ia buscar. A tarde estava bonita. O sol ardera o dia inteiro e refletia no Paraíba os seus raios vermelhos. "Sem Futuro" gostava quando o rio estava assim dourado, e gostava dos dias de sol. Não sentia frio e à noite podia dormir debaixo do pé de magnólia que o enchia todo de perfume. Os garotos preparavam-se para nadar. Chiquinho não. "Sem Futuro" teve pena. E ele pôs-se a olhar o menino que sorria para os outros, ansioso, com uns olhinhos pretos e grandes como jacobitabas maduras. — Eta, garotada! Vamos brincar? — gritaram ao longe. O cão olhou. Era uma turma de garotos que vinha pelo caminho da ponte, correndo como falcas. — Vamos, pessoal! — gritou Lauro contente. — Vamos ver quem chega mais depressa à ponte. E entusiasmado, esquecido das recomendações do pai, do irmão, de tudo, iniciou a corrida pelo rio. — Toma conta de Chiquinho, "Sem Futuro"! — gritou de longe. O cão compreendeu e ficou a olhá-los com uns olhos compridos e um desejo grande de segui-los também, mas sem saber o que fazer. Chiquinho não nadava. Podia deixá-lo? Uma interrogação enorme fazia-se no seu cérebro. Ele porém pouco pensou, porque a criança encaminhou-se para o rio. "Sem Futuro" olhava interessado. Sorria até. O que iria o garoto fazer? Teria a coragem de meter-se nágua? Tinha, como não? E ele viu o menino resvalar no rio e mergulhar. Não nadava porém como os outros, nem como os cachorros. Sumia e aparecia de novo, mas gritando, chamando por ele, quase sufocado pela água. Qualquer coisa esquisita se passou com o cão. Ele percebera que algo de insólito havia acontecido à criança. E jogou-se nágua nadando com quanta força tinha. O menino já ia longe. Via-se dele somente um braço erguido. Os outros, já perto da ponte, perceberam também e começaram a gritar. E "Sem Futuro" nadava, nadava sempre, com os olhos fixos na cabeça de Chiquinho que aparecia e sumia. Uf! Que cansaço e que dor do lado! Estou velho, pensou. Mas continuou a nadar. Estava perto; mais umas braçadas e pegaria o menino, nem que fosse pelos cabelos que boiavam no rio, como raízes louras espalhadas pelas águas. Pronto! Conseguira pegar o braço da criança com os dentes fortes. Agora era só puxar. Mas Deus, como era pesado o Chiquinho! Pegar um pau na água era uma coisa, pegar gente era outra.

(Continua na pág. 46)





Rainha Conga, diante do altar de N. S. do Rosário, faz sua oração e pede que a Virgem livre o seu povo dos maus pensamentos do inimigo. Na página ao lado: Os dois pequeninos "Caciques" são protegidos pelos seus vassallos, ao virem tomar parte nas festas dos Congados de Belo Horizonte

OS CONGADOS EM CONGRESSO

AINDA está por escrever-se uma História dos Negros no Brasil, estudando-se os episódios épicos dos Palmares, das serras de Urucungo, das tragédias da escravidão.

Até agora temos apenas estudos esparsos formando resumos entrosados na História Geral do País, sem espaços suficientes para análises mais demoradas e concludentes.

UMA FESTA TIPICAMENTE POPULAR ★ CHICO-REI E SEUS DESCENDENTES ★ RITOS E CANTORIAS ★ TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS QUE PODEM INCENTIVAR O TURISMO

Reportagem de
O elemento negro em nossa terra, trazido nos porões das caravelas e naus desde os primeiros anos de tra-

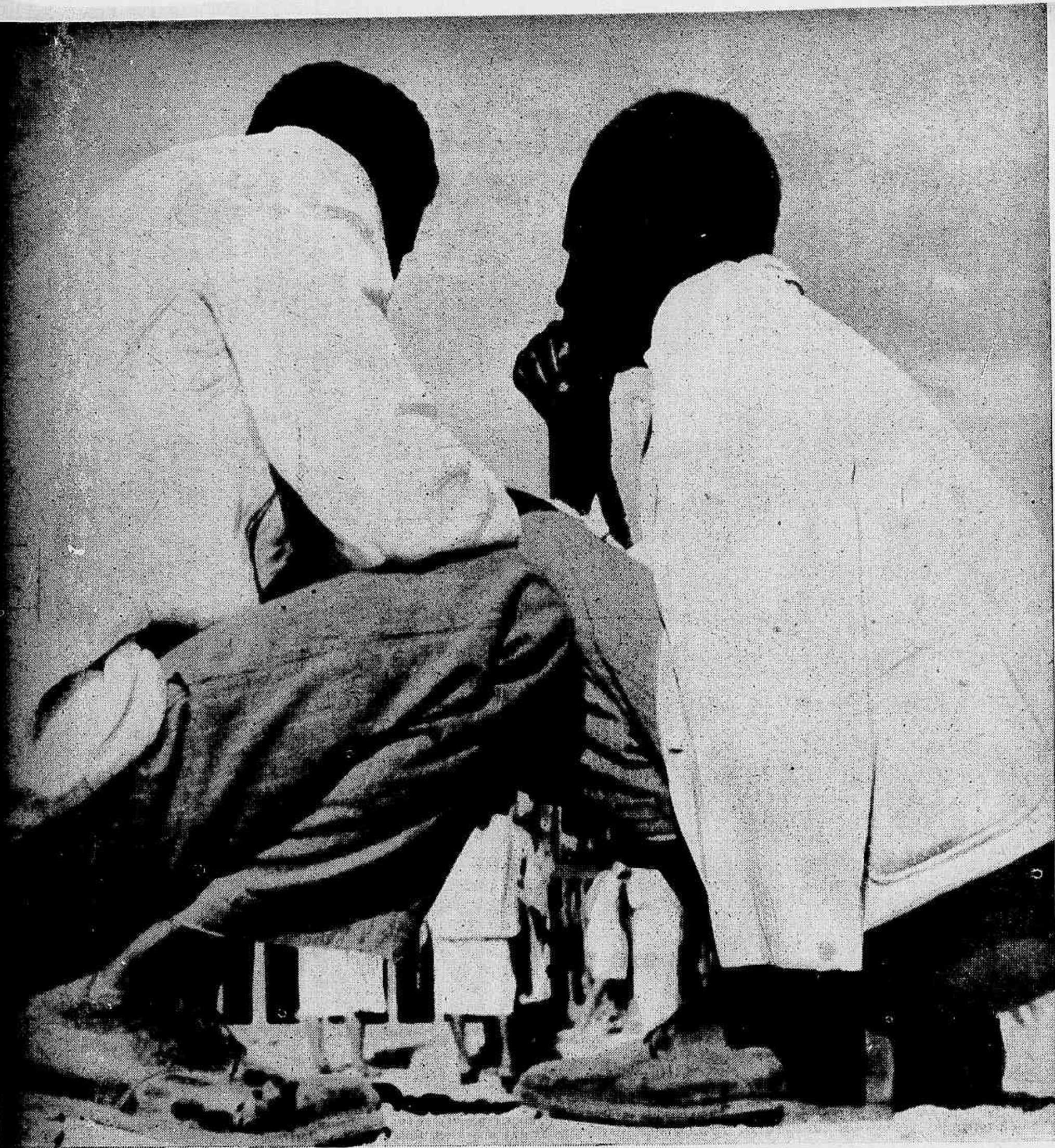
RENATO DE AENCAR
ficância entre a África e nosso litoral mais desenvolvido, proporcionou à lavoura e à exploração do ouro e das

pedras preciosas do Brasil grande surto de progresso, infelizmente esmagado pela política colonial do Reino.

Dentre as páginas mais belas da vida dos negros africanos no Brasil, destaca-se aquele drama de Chico Rei, famoso rei negro que veio para o Brasil trazendo nos pulsos as cadeias da captura e nos pés as correntes da escravidão.



Da esquerda para a direita: A saudação cruzada "batendo as cabeças" diz: "Deus salve, Deus gule! O Rosário de Maria seja a sua salvação". Um princesa, que veio com sua Corte Real lá de Maravilha, em Pedro Leopoldo e está alarmada com o barulho dos foguetes, música e bombas. Um índio, cujo grupo também faz parte do Belnado de N. S. do Rosário dos Congados de Minas Gerais, beija a efígie da padroeira



Posição típica do homem da roça. Estes dois descendentes dos tempos de Chico-Rei, relembram as festas de sua mocidade, que não voltam mais

Chico Rei, que era rei de verdade em sua terra distante e aberta às incursões de ingleses e portugueses à cata de braços escravos para suas colônias, foi vendido a um senhor de Vila Rica de Ouro Preto por volta dos começos do século XVIII, com alguns membros de sua família real e súditos fiéis que o acompanharam no cativeiro. Na travessia morreu-lhe a esposa, chegando ele apenas com um filho.

Chico Rei, porém, jamais perdeu a dignidade dos coroados e a majestade hereditária que seu povo lhe conferiu. "Rei na sua terra, Rei continuaria fora dela". Com as mãos sangrando pelo cabo do alvião e com as costas a arder pela ação do sol e do rebenque do feitor, Chico Rei trabalhou exaustivamente e foi juntando recursos em ouro e em moeda a fim de comprar a carta de alforria do filho e dos seus patricios escravos como ele.

Pouco a pouco foi conquistando essa vitória, para muitos um sonho irrealizável e fugaz, até que resgatou a liberdade dos seus, de contrerrâneos escravizados e conquistou a própria liberdade.

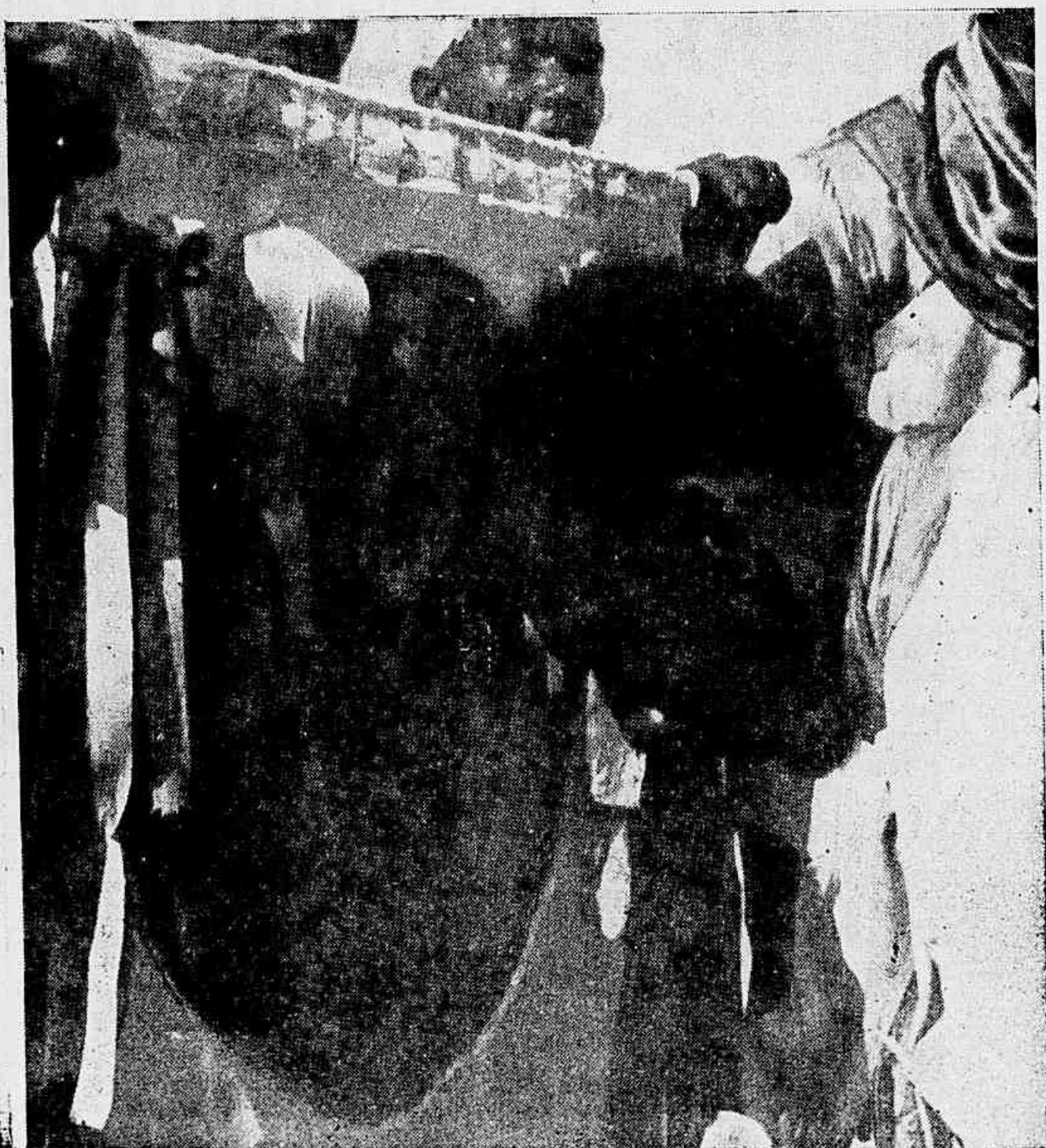
No serviço de mineração do ouro nas encostas e afluentes do Tipi-hi (hoje com a corruptela de Tripui), Chico Rei comprou a mina da "Encardideira", que registrou como de sua propriedade. Ainda hoje quem vai a Ouro Preto vê nos declives de Antônio Dias a entrada da mina do grande negro.

Chico Rei foi quem trouxe de sua terra africana os usos, costumes, indumentos e crenças negras que hoje servem de base aos Congados de Minas Gerais. Fundou a Irmandade de Santa Efigênia, padroeira dos negros e construiu a igreja do Rosário, em Ouro Preto.

Costumava passear pelas ruas acidentadas da então Vila Rica acompanhado de seu séquito real, sob o "pallium" multicor sustentado por quatro súditos. Excursionava descalço, uso que todos os africanos observam. As cantorias rituais eram permitidas pelas autoridades; mas tiveram os negros que procurar deuses e deusas similares na Religião Católica a fim de processar-se a aculturação religiosa no Brasil. E os santos e santas de suas crenças bárbaras passaram a ser batizados com os nomes do agiologia cristão. Iemanjá e Oxun, orixás negros, transformaram-se em Nossa Senhora do Rosário.



O Reitor Geral da União Brasileira de Congados de N. S. do Rosário, sr. José Pedro Alcântara, quando discursava, dando início à festa



Antes da exibição diante do altar da padroeira, os Congados, Moçambiques e índios fazem a sua reverência e pedem proteção

A 11 e 12 de junho, em Belo Horizonte, sob a direção do sr. José Pedro de Alcântara, reitor geral do Reino dos Congados de Nossa Senhora do Rosário, realizou-se o Primeiro Congresso de Congos que já houve no País, em perfeita tradição com a mística africana.

De vários pontos do Estado vieram à capital mineira as "Guardas" já filiadas à "União Brasileira de Congados" que já reúne organizações de sessenta e tantos municípios. Apesar da improvisação que houve, a reunião correu em ordem.

Pudemos registrar as seguintes "Guardas": a sob a invocação de S. Jorge, da Vila Concórdia, em Belo Horizonte, fundadora da União; a que tem por patrono S. Gerardo, de Maravilha, município de Pedro Leopoldo; a de S. Vicente, município de Sete Lagoas; a de Campanhã, em Pedro Leopoldo; a da Serra, arredores de Belo Horizonte; a de Vila Celeste Império e a da Vila Santo Antônio, todas da capital mineira.

Para a formação de um "Reino" são necessárias Sete Guardas, nem mais, nem menos. Logo que há mais de sete, começam a formar outro Reino sempre sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, ou seja, entre os africanos, Iemanjá ou Oxun...

Os índios também podem entrar na confederação, mas sua devoção particular é para Nossa Senhora das Graças. Possuem cantorias e usanças diferentes das dos pretos, sendo uma das mais interessantes evoluções a dança chamada "do mastro" ou "dança do Cipó". Quando estivemos no Congresso, a guarda dos Índios ou dos Cabocos era dirigida por Canto-nilo Alves de Oliveira, trajado a Morubixaba, o mestre de dança. Era o dono do apito, o orientador dos índios juvenis. Não podiam ir a botequim sem estar acompanhados de pessoa de responsabilidade...

Suas cantorias têm a mesma entonação lânguida das dos negros, mas, às vezes, cantam em outros tons e seus versos são de natureza variada de acordo com a finalidade. Assim, há uns que recordam o crime cometido contra um antepassado, um membro da tribo que matou o avô. Invocam Mamãe-Vovó e Papai-Vovô procurando o perdão para o irmão que matou o ancestral. Uma guarda de índios se compõe, normalmente de umas 15 figuras, com os principais elementos: o Morubixaba ou Mestre



Na simplicidade de seus hábitos e tradições que o "Fol clóre" registra, o povo do interior prestigia as festas populares com entusiasmo



O intelectual mineiro e cultor do folclóre nacional, Ayres da Matta Machado, ao lado de uma Rainha Conga, no palanque da festa



Para intérprete dos Congados junto à REVISTA DA SEMANA foi designado o Capitão Ajudante de Ordens, José Gabriel, que faz sua continência



Apesar de serem as Congadas uma associação de tradições africanas, os índios também as integram e delas fazem parte



A chegada de mais uma "Guarda" de Congos e Moçambiques, Índios e Catupés para o primeiro Congresso de Congados de Minas Gerais



Pôse especial de quatro Rainhas, sendo uma, a segunda à direita, Rainha Real e as demais, Rainhas Graduadas, conforme explicação no texto

de Dança, dois Caciques, um Contra-Mestre e dois Pantalões. Segundo apuramos, o Pantalão é o índio que fica em cada cabeça da coluna puxando os demais, e vem de ponta, produzindo aí o derivado Pantalão que eles transformaram, por fácil corruptela, em Pantalão.

Seus versos são ingênuos e muitas vezes têm o sabor dos desafios dos cantadores do nordeste brasileiro:

Nós somos caboquinhos
Viemos do sertão.
Ó seu caboco mestre,
Ó meu senhor Pantalão.

Eh! Caboco!
Lá em cima daquela serra
Passa boi e passa vaca,
Ainda passa Zezé debaixo da taca.

Você diz que nunca viu
Cobra verde batucá;
Finca o rabo na parede
Deixa imbigada zoá.

Essa tacada no Zezé foi recitada pelo Pantalão Argentil Barbosa e se dirigiu ao seu companheiro Zezé Maria de Oliveira...

Inspirados com a vida árdua do pobre, eles tiram versos assim:

A muxiba mais a pelanca
Tiveram uma discussão;
A muxiba por ser mais forte
Deu com a pelanca no chão.

Muxiba é a carne de última qualidade, magra e dura como couro.

As organizações de Congos se compõem das guardas dessa origem e também das de Moçambique, que eles chamam Maçambique. Todos obedecem a Nossa Senhora do Rosário, mas diferem na indumentária, nas danças e certos usos e costumes. Têm de vinte a trinta figuras.

Dentre as dezenas de figurantes que vimos no Congresso de Belo Horizonte, alguns estavam vestidos a caráter e, dentre eles se destacava José Antônio da Costa, Capitão-Congo, do qual damos uma fotografia nesta reportagem.

Ao contrário do que muitos pensam, as "Guardas" de Congos ou de Maçambiques se compõem de variadíssimas figuras e personagens. Vamos dar aqui, ligeiramente, uma notícia dessa organização: em primeiro lugar os soberanos, Rei, Rainha, Príncipes e Princesas; o Secretário Alferes da Bandeira, Mestre, Contra-Mestre e Capitão; o Capitão-Mestre de Engoma, uma parte das Coroas; Capitão-Fiscal, Capitão-Intérprete, etc.

Os Reis e Rainhas podem ser: perpétuos, do ano, Rainhas Graduadas e Reais. As chamadas "do ano" exibem as coroas e os mantos por motivo de alguma promessa. Há ainda Rainhas da Cruz. As Graduadas são uma espécie de Rainhas Honorárias.

As Rainhas devem ser pessoas da



Parte da considerável multidão que afluiu a Alagoinha para ver as evoluções dos Congados do Reino de N. S. do Rosário



Rei e Rainha retirando as respectivas coroas para louvar N. S. do Rosário no coreto, a fim de mostrar que somente a Virgem é Soberana



Grupo de Princesas e Príncipes de Congos e Moçambiques, que vieram render homenagem à REVISTA na pessoa de um seu representante

mais ilibada condição moral e sempre conduzem uma espécie de bastão ou cruz enfeitada à guisa de cetro. Logo que chegam ao Altar de Nossa Senhora do Rosário, depositam o bastão e só o recuperam quando a "Guarda" se vai. Nessa ocasião um Rei perpétuo faz interessante e ingénua preleção sobre a vida das Rainhas, discurso muito parecido com as falas dos pais antigos que davam conselhos e apelavam para os bons sentimentos dos filhos diante das misérias e perigos do mundo. Ai da Rainha que desonrar a coroa que, por graça de Nossa Senhora do Rosário, lhe foi colocada na cabeça! Ao terminar o sermão, diz o Rei ou Capitão: "Vira dobrado!" e então os músicos rompem nas cantorias adequadas agitando os chitangongos, sustentando com seu chiado de ganzá os que tocam violão, cavaquinho ou sanfona, numa marcação impecável de compasso e destreza.

Observamos também como todos se cumprimentam. Não dispensam a atitude de saravá. Cabeça com cabeça, encostando as testas uma na outra,

as mãos direitas se apertam e fazem, unidas, o sinal da cruz reciprocamente, murmurando estas palavras:

"Deus salve! Deus guie!
O rosário de Maria seja a sua salvação."

ou ainda:

"Deus te guarde, Deus te guie!
São Jorge seja nosso guia!"

Isso, naturalmente, de acordo com o patrono de cada "Guarda". São Jorge dos católicos que é o Ogun dos negros africanos, é o santo que mais "Guardas" patrocina.

Conversamos com os mais idosos dentre os Reis e Capitães dos Congos e Moçambiques de Belo Horizonte naquela tarde memorável de 12 de junho na Praça dos Industriários onde se reuniu o Congresso dos Congos de Minas Gerais; porém chegamos à conclusão de que não há por ali nenhum descendente direto de Chico-Rei. Também estão muito deturpadas e corrupteladas as expressões africanas, obser-

(Continua na pág. 48)

A direita: José Antônio da Costa, Capitão Congo, com sua roupagem característica e fielmente tradicional, desde os tempos de Chico-Rei em Vila Rica



Guarda de Moçambique (que eles pronunciam "Maçambique") dançando e cantando diante do altar de N. S. do Rosário, a 12 de junho



BILAC E AS CRIANÇAS



Bilac o amigo das crianças

NUMA tarde de maio passeava Olavo Bilac por um dos jardins públicos do Rio. Depois de muito procurar, encontrou um banco vazio e nele se instalou. Num banco vizinho, estava um casal conhecido do poeta, com um lindo garotinho, que logo correu ao encontro do autor de "In Extremis".

Bilac, embora gostasse muito de crianças, após fazer umas festinhas no garoto rabisçou, visivelmente contrariado, qualquer coisa num pedaço de papel e afastou-se, deixando-o sobre o banco.

Momentos depois, os pais da criança liam os seguintes versos:

"Criança bonita e meiga,
Para os pais: anjo celeste;
Que emporcalha de manteiga
As calças que a gente veste".



O SR. JOHN LEHMANN NO BRASIL — O Conselho Britânico ofereceu, no dia 21 de junho último, um "cocktail" à imprensa carioca, a fim de apresentar o conhecido crítico e editor britânico, John Lehmann. Após as apresentações, esse publicista teve oportunidade de fazer várias declarações aos representantes da imprensa. Instado pelo redator desta página a falar sobre a literatura brasileira e sua divulgação na Inglaterra, disse que, infelizmente, por uma questão de tradição, os nossos livros são pouco lidos em seu país. A seguir, inquirido sobre os autores brasileiros menos desconhecidos na Inglaterra, citou apenas o nome de Pascoal Carlos Magno... Finalmente, com referência à possibilidade de, no futuro, ser mais intenso o intercâmbio literário entre o seu país e o nosso, o sr. Lehmann mostrou-se otimista, esclarecendo que a Inglaterra se interessa pelas literaturas estrangeiras quaisquer que sejam.

No dia seguinte, às 17,45 horas, o sr. Lehmann, ainda sob o patrocínio do Conselho Britânico, pronunciou, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, uma conferência subordinada ao tema: "The Way of English Literature — 1939-1959". O sr. John Lehmann foi muito aplaudido pela numerosa assistência composta de escritores, jornalistas e figuras de relevo no mundo intelectual e social.

No clichê acima, vemos o sr. John Lehmann entre o sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I., e o redator da REVISTA DA SEMANA.

VIDA LITERÁRIA

E. CATETE REIS

TRÊS GRANDES

ZOLA era espetaculoso e, por isso mesmo, açambarcou as maiores glórias do naturalismo. Flaubert que, segundo Le-maitre, "escrevia em mármore", é um dos mais esquecidos para a atual geração, entre os que levaram de vencida a reação contra o romantismo que, aqui e ali, se desmoralizava nas demonstrações piegas dos últimos ramos da frutuosa escola, a qual — verdade se diga — já tinha em Balzac a sua melhor afirmação em alguns atos de sua "Comédia Humana".

O autor de "L'Assommoir" é, ainda hoje, lido e relido, em várias línguas. Mesmo morto, há quase meio século, parece dirigir a propaganda de sua obra. Até o cinema se encarregou de, pela magistral interpretação de Muni, mostrar o seu talento desconforme.

Enquanto o criador de "Mme. Bovary", um torturado da estética, fotografava a vida em um estúdio adrede preparado, exigindo "poses" pacientes de personagens maquiadas e procura o belo nas minúcias menos imperceptíveis, Zola, o incrível repórter do "Ventre de Paris", apresenta-se como o tirador de instantâneos nos becos e vielas onde a ralé fermenta os dramas escandalosos de todos os desregramentos ensejados pela miséria. Um frequentando os "boudoirs" e salões perfumados da burguesia insatisfeita; outro se jogando, de corpo e alma, entre as multidões famintas e sofregoras.

Entre o grande número dos que criticavam Emilio Zola — pois chegou a ser combatido até com relação ao que havia de mais íntimo em sua própria constituição fisiológica — e os que ainda o criticam, antepondo Flaubert como o maior dos romancistas pioneiros do realismo, o que parece existir é uma enorme confusão, se vamos encarar o assunto pelo prisma devassador desse próprio gênero literário.

Não há como dizer que um ou outro foi o maior e o mais verdadeiro intérprete do naturalismo. O certo é que ambos o foram.

Ainda que recorrêssemos à filosofia da arte, baseados, principalmente em Taine, não encontraríamos distinções que separassem os dois grandes vultos da literatura francesa e universal, pois ambos fizeram da arte imitação da vida. Apenas os ambientes é que não foram os mesmos. E se alguma diferença existe entre eles, esta ficará por conta do estilo, que se subordina apenas a alguns cânones estéticos, para distinguir-se à força de cada personalidade. Flaubert era mais apurado e Zola quantioso. Aliás, este mesmo confessou, várias vezes, que usaria, como arma principal para a obtenção de seu triunfo o "volume" de seus livros. De fato, os "Rougon Macquart" foram um veio quase inesgotável e ao mesmo tempo o degrau que mais elevou seu autor...

Vem-nos estas digressões a propósito do centenário de Balzac, que este ano se está comemorando. Balzac é outro grande que o tempo poderia diminuir. Essas comemorações vieram evitar o esquecimento futuro. Porque a verdade é que os novos quase não o lêem, como também não chegaram a conhecer ainda os outros dois gigantes das letras francesas, embora todos eles já tenham, garantidas, a glória e a imortalidade.

GOVERNAR

Uma frase de Tailleyrand, encontrada em uma carta datada de 1804 e que ele enviou ao Príncipe Schwartz-zenberg reza:

— "O que é difícil para governar não é a nobreza nem a plebe, e sim o que lhe fica de entremédio". Esse "entremédio" nada mais é, para os nossos dias, do que a classe média.

CONSELHO

A um jovem poeta que lhe foi solicitar um prefácio para um livro que pretendia publicar, Francis Carco aconselhou:

— Aprenda, meu amigo, a andar sozinho e sem muletas.

ANATOLE E O PRÊMIO NOBEL

Diz-se que, quando Balzac voltou a Paris, após ter ido receber na Suécia o Prêmio Nobel, que lhe havia sido conferido, um amigo perguntou ao extraordinário autor de "A Comédia Humana", qual fora a sua impressão sobre a solenidade, realizada em Estocolmo.

Com aquele mesmo sorriso irônico que marcava sempre suas impressões sobre a vida, respondeu Balzac:

— E' tão séria como um casamento e alegre como um enterro.

VOCAÇÃO

Simonne Ratel, que faleceu no ano passado, tinha cinco anos de idade, quando um amigo, almoçando em casa de seus pais, perguntou-lhe o que ela faria quando fôsse grande:

— Serel escritora — respondeu sem hesitar. Como todos os presentes se rissem, ela os deixou apressadamente e, daí a momentos, voltou, apresentando-lhes estes dois versos:

"Madame de Polinac
Est tombée dans le lac..."

STRINDBERG E A FRANÇA

Auguste Strindberg era grande amigo da França. Duas de suas peças: "Fumées" e "Camargues", se passam em Montmartre. Seu romance "Remords" se desenrola na floresta de Fontainebleau e, no prefácio de "Mademoiselle Julie", ele conta quanto ama a literatura francesa e, particularmente, os Goncourt.

JANGADEIRO PRÁTICO

Um rico e banqueiro, homem de poucas letras... sem avul, conversando com o autor de "Minha Jangada

de Bambu", mostrou-se descrente de que o escritor conseguisse lucrar alguma coisa, depois de tanto trabalho com a publicação do livro. Então lhe disse Renato de Alencar, muito sério: "Pensa você que não sei com quantos paus se faz uma jangada".

DE TÓDA PARTE

Entre as comemorações que serão levadas a efeito em Pernambuco por ocasião do centenário de Joaquim Nabuco, figura a inauguração do Museu de Massangana. Vários escritores pronunciarão conferências relativas à vida e à obra desse grande brasileiro, devendo seguir para Recife os srs. Múcio Leão, Anibal Freire e Celso Vieira e a sra. Carolina Nabuco.

★

O cineasta Slezak vai filmar a vida de Balzac, baseada na excelente biografia que sobre o grande escritor francês escreveu Stefan Zweig.

★

O sr. coronel Laurênio Lago, que é um pesquisador incansável dos fatos de nossa História, sobre os quais vem publicando, há vários anos, interessantes trabalhos, escreveu recentemente, um estudo biográfico — "Nobiliarquia Brasileira — Titulares do Sexo Feminino", editado e divulgado pelo Ministério da Guerra.

IMAGENS E CARICATURAS

... largos borrões de tinta afogavam palavras, truncando orações, abrindo verdadeiros abismos nos períodos. (Coelho Neto — "A Esfinge").

★

A prova de que o homem no íntimo é pessimista está em que destacamos mais os defeitos da virtude do que as qualidades do vício. (Edouard Herriot).

★

A história de cada americano comporta três partes: ele é sucessivamente escravo de sua mãe, de sua esposa e de sua filha. (Thomas Mann).

★

O cubismo é cientificamente incorreto; até os impulsos da luz se movem em ondas. Nas cortantes arestas do cubismo, descubro somente a dureza do espírito moderno. (Lin Yutang).

AS REMODELAÇÕES DO "IMPÉRIO" E OS FILMES EUROPEUS

O tradicional cinema "IMPÉRIO", uma das mais conhecidas casas de exibição da Cinelândia carioca, sofreu uma série de remodelações, tornando-se assim o cinema do circuito do sr. Severiano Ribeiro (Companhia Brasileira de Cinemas), um dos mais confortáveis do nosso centro cinematográfico. Dotado, agora, com a mais moderna aparelhagem de som e projeção, o "Império" sofreu um completo remodelamento em todas as suas instalações. Tem o "IMPÉRIO" agora um perfeito ar condicionado, poltronas estofadas, tapetes e nova decoração.

O "IMPÉRIO" passou também a ser cinema lançador. E vai assim oferecer ao público grandes produções europeias. Dentro deste critério, a direção do "IMPÉRIO" já programou seus próximos lançamentos europeus: "BOULEVARD DO CRIME" (Les enfants du paradis), o notável filme francês do grande diretor Marcel Carné, película que poderá ser considerada como um dos maiores lançamentos de todos os tempos no Brasil, "PÂNICO" (Panique), outro filme francês de grande envergadura, dirigido pelo famoso Julien Duvivier, e apresentando Viviane Romance e Michel Simon nos principais papéis; "FARSA TRÁGICA", filme italiano com Amedeo Nazzari e distribuído pela Republic; "TOSCA", filme italiano distribuído também pela Republic, com Império Argentina e Rossano Brazzi; "TRAVIATA" (Morrer de amor) filme italiano distribuído pela Columbia, com Nelly Corradi e Gino Mattera; "LA BOHEME", filme distribuído pela Columbia, com Marjorie Eggert e Jan Kiepura; "CARMELO", filme distribuído pela Republic, com Doris Duranti e Pat Jevor, e "OS SEGREDOS DE DON JUAN", película distribuída pela 20th Century-Fox, com Gino Bechi e Silvana Pampanini.



CENA de "BOULEVARD DO CRIME", película que será apresentada no "IMPÉRIO" pela U. C. B. "Boulevard do crime" traz Jean Louis Barrault no principal papel. Marcel Carné é o diretor



CENA de "TRAVIATA", que será apresentado no Império pela Colúmbia. A Companhia Brasileira de Cinemas tem mais uma ótima casa lançadora no Rio de Janeiro



CENA de "PÂNICO", com Viviane Romance e Michel Simon. "PÂNICO" será apresentado no "IMPÉRIO" pela U. C. B. "Pânico" pode ser considerado como um dos maiores filmes franceses de todos os tempos

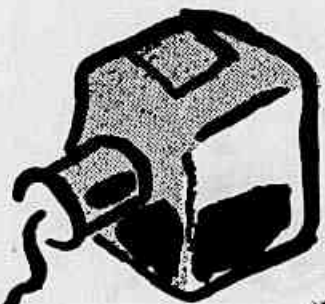


CENA de "FARSA TRÁGICA", com Amedeo Nazzari, filme que será apresentado no "IMPÉRIO" pela Republic. "Farsa Trágica" é mais uma grande obra do moderno cinema italiano



CENA de "TOSCA", com Império Argentina. "TOSCA" será apresentado no "IMPÉRIO" através da Republic. O "Império" torna-se assim um grande lançador da Cinelândia carioca

CINE-REVISTA



GALERIA DE QUADROS

Surrealistas

ENTRADA
FRANCA

PROGRAMA

motivos de cinema

SAÍDA
TAMBÉM

- 1- veronica lake
- 2- edward g. robinson
- 3- deanna durbin
- 4- maisô de esther williams
- 5- van johnson
- 6- tarzan
- 7- jane russell
- 7-A - (continuação)



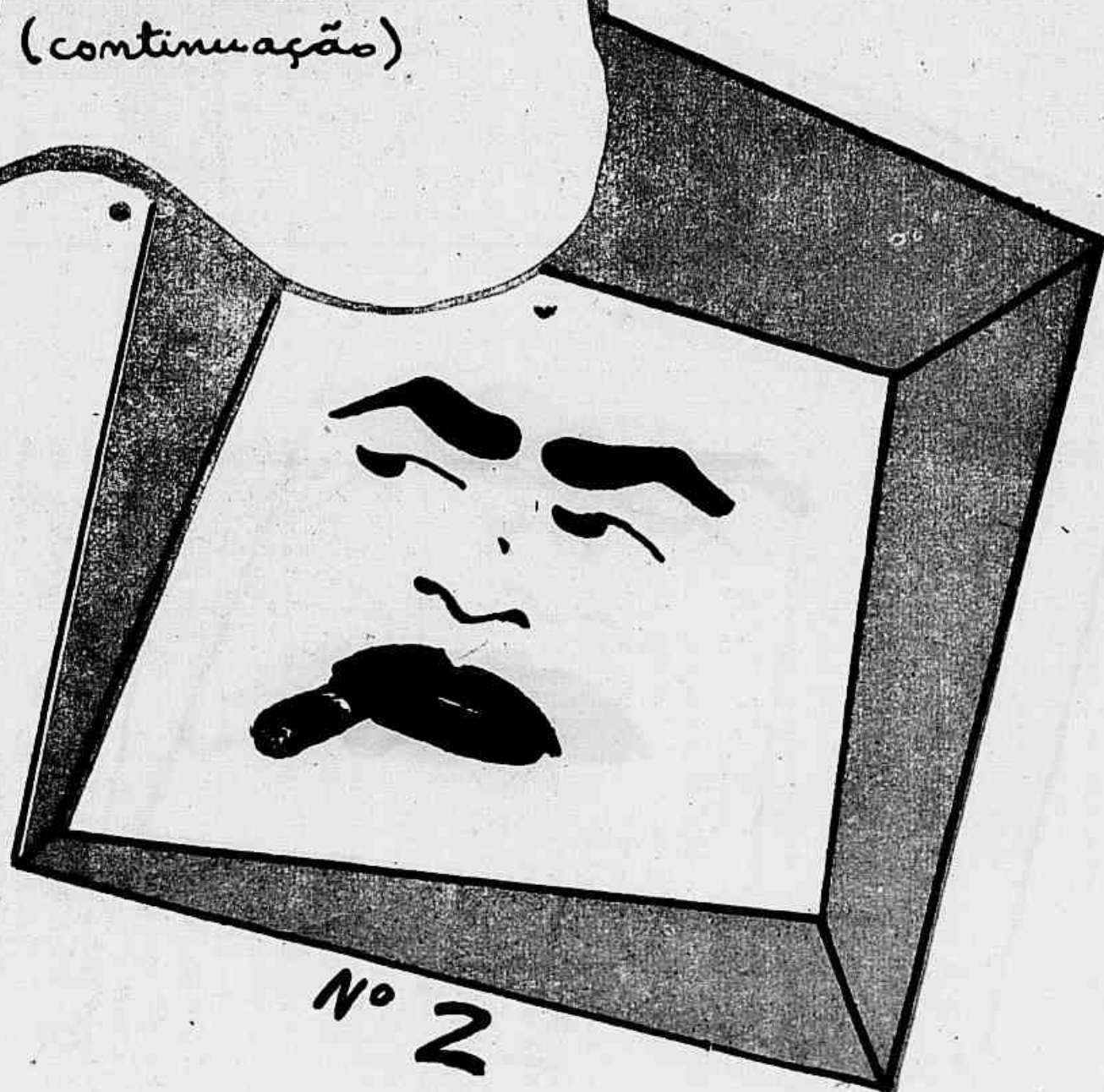
Nº 1

Cr\$ 35.000,00
(Meio quadro, Cr\$ 17.500,00;
c/dois olhos, Cr\$ 70.000,00)

EXPOSIÇÃO DE

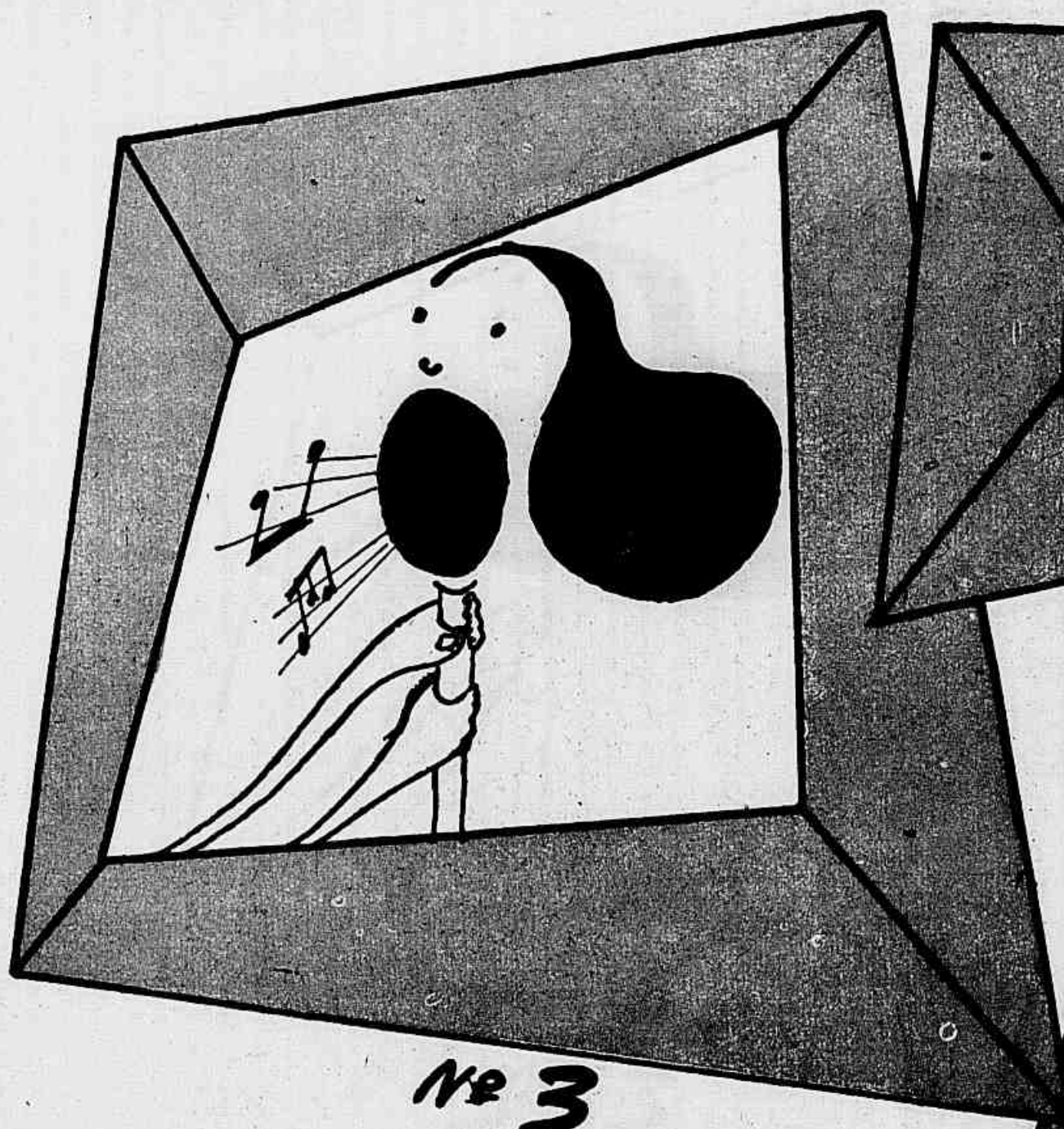
jeon elchhar

Autógrafo conhecido em todo
o Brasil através de "A Cena"



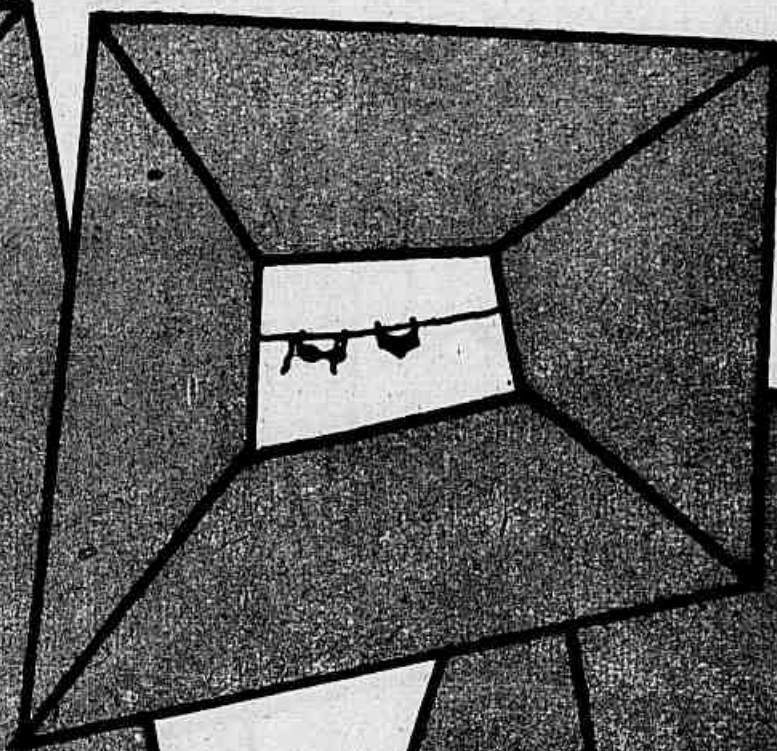
Nº 2

Cr\$ 22.000,00
(Sem charuto, Cr\$ 21.995,00)



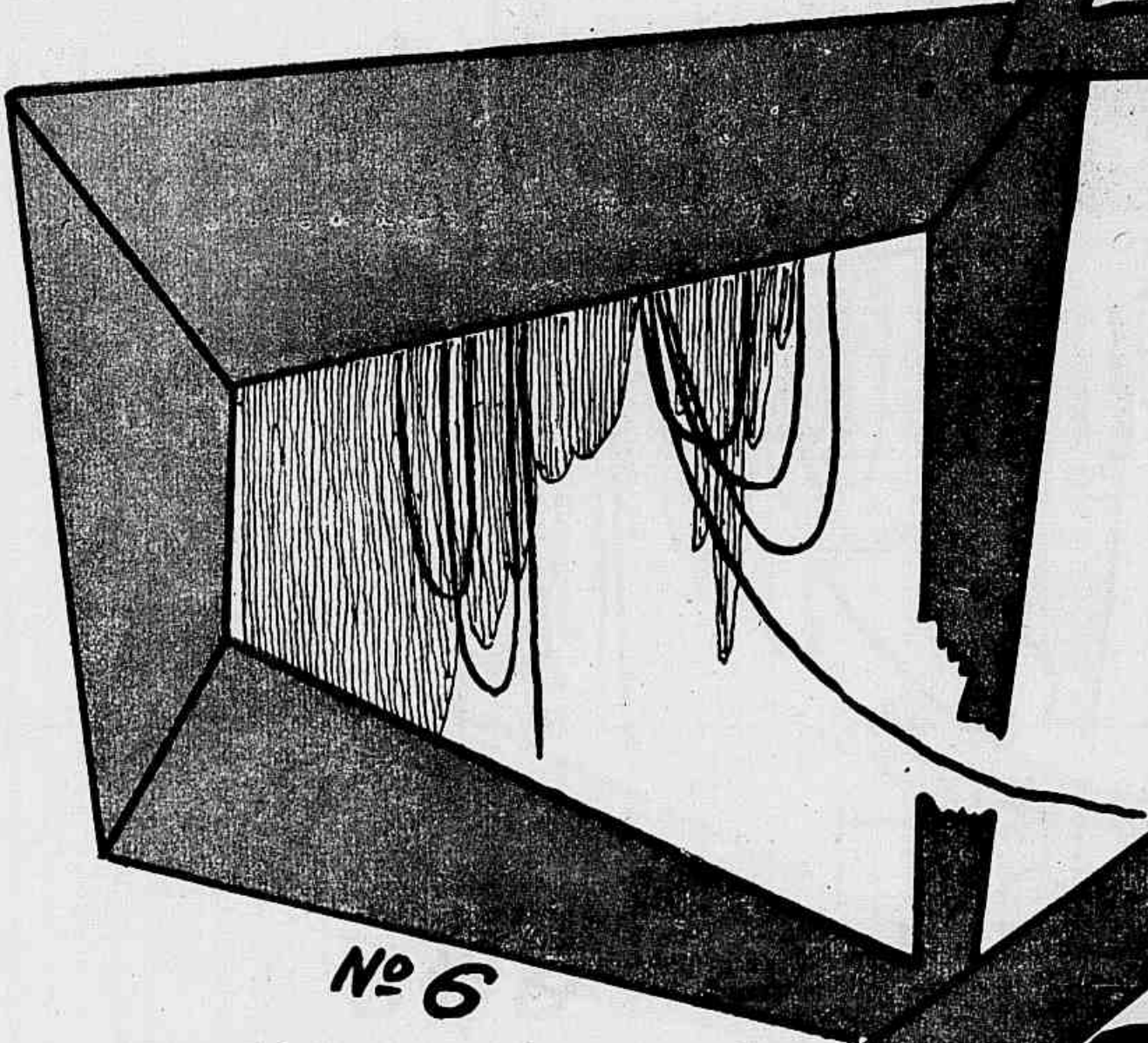
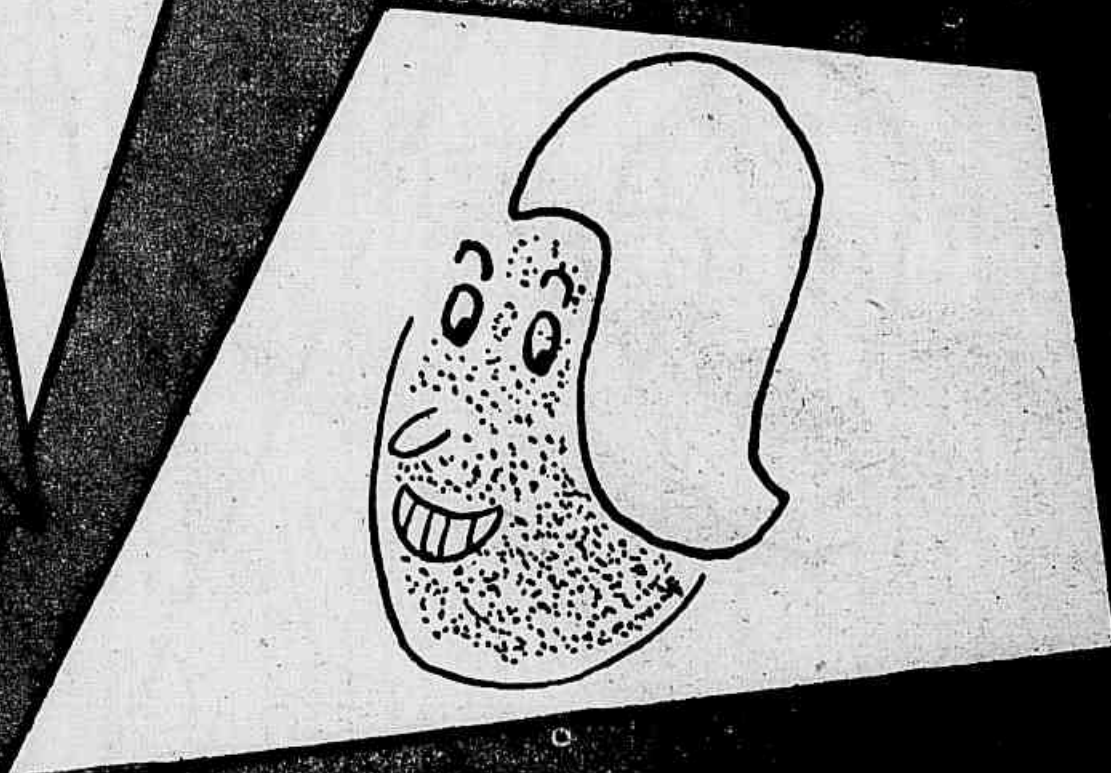
Nº 3

Cr\$ 1.500,00
(Estrangulada, Cr\$ 49.880,00)



Nº 4

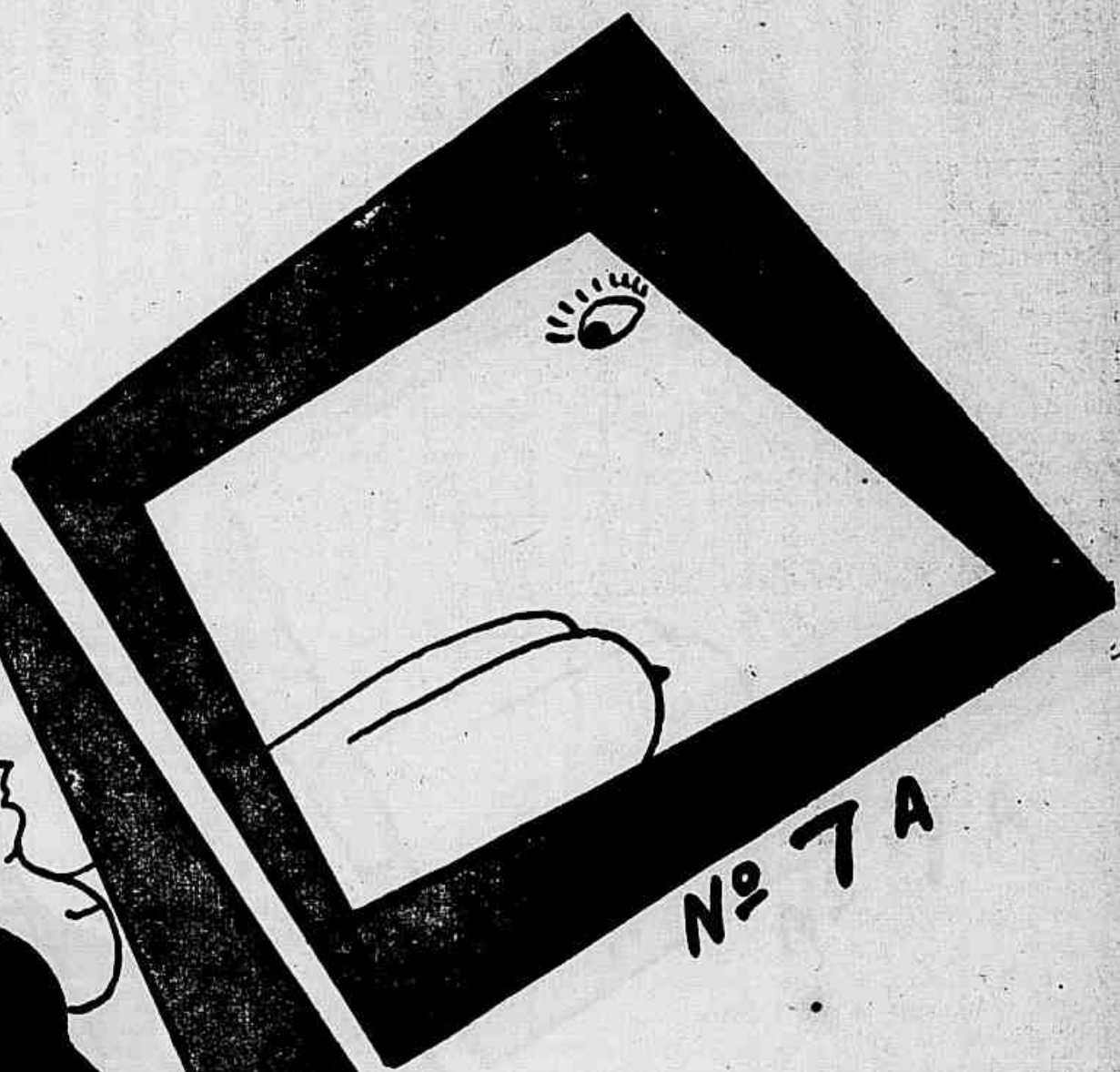
Cr\$ 27.000,00
(Com Esther Williams dentro.
Cr\$ 27.005,00)



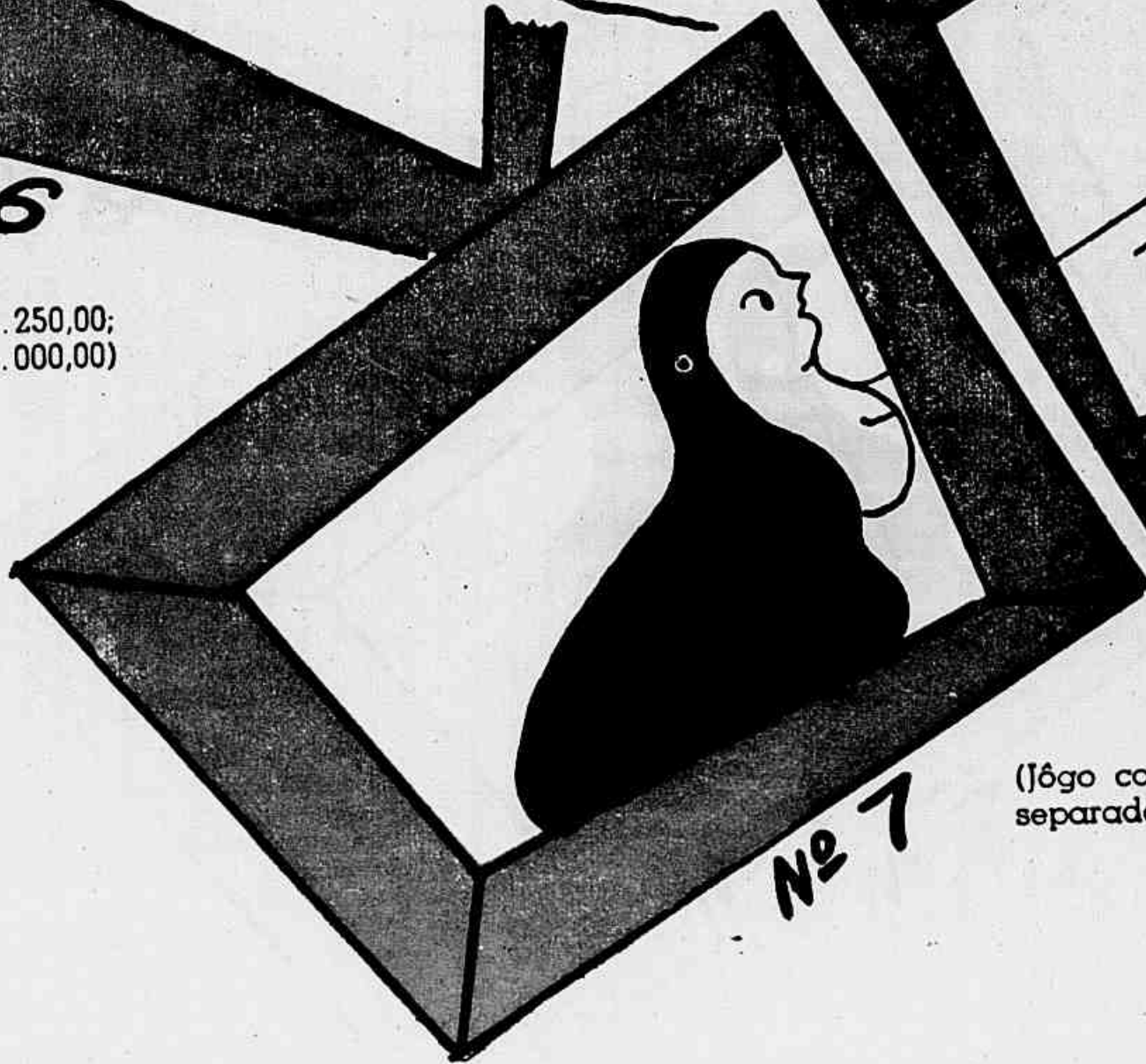
Nº 6

Cr\$ 3.200,00
(Com a Jane, Cr\$ 3.250,00;
com a Cheeta, Cr\$ 4.000,00)

Nº 5
Cr\$ 11.000,00
(Acompanha um preparado para
tirar as sardas)



Nº 7 A



Nº 7

Cr\$ 135.000,00
(Jogo com duas peças. Não se vende
separadamente, a fim de não encalhar
o primeiro)



UM PERFEITO HOMEM DE NEGÓCIOS

CONTO DE G. R E S E N D E

DEPOIS que d. Zizinha se foi, Jenário ficou ainda algum tempo em pé na porta, olhando a paisagem fôca daquela manhã nevoenta de junho. Ali ficara, ante seus olhos, como uma mancha viva no lençol branco do vapor, a fisionomia gasta da "Velha" (como ele a chamava), o rosto encardido e enrugado; a boca cheia de dentês, mastigando as palavras com aquela voz fanhosa e salpicada de lágrimas; os olhos miúdos e sem brilho e os dois brinquinhos de contas nas orelhas pelancudas, que lhe davam um certo quê de criança. Imaginava-lhe a decepção. Ele a planejara, assim que a viu da janela do quarto. Parecia ouvir agora os comentários com d. Cota.

— E é isso, Cota, é isso que a gente ganha. O diabo do homem não disse "ai" nem "oi"... Chegou a sorrir quando disse "obrigado"...

De fato, ele sorria, um sorriso sem graça, única expressão que achou para encher o vazio de um agradecimento forçado. Afinal, ele esperava a notícia; mais tarde ou mais cedo, ela viria. Agora estavam face a face. Ele havia ensaiado a reação. Representara bem até agora... E haveria de representá-la até o fim. Pouco lhe importavam as vaias da d. Zizinha. Afinal, ele nunca merecera os aplausos da "Velha". Nunca...

Volto para o quarto. A cama estava ainda por fazer — o enxergão de arame afundava com o colchão de capim, e havia uma bolsa no lugar em que seu corpo sem carne se deitava. Dobrou o cobertor. A cama tinha ainda o cheiro da noite mal dormida. Sua lembrança o fez tossir — "bronquite, neblina, frio... raios!" — Es-

tiçou o lençol. Ajeitou o travesseiro. Tornou a tossir. Não eram apenas a neblina e o frio, ele o sabia. Jurara a si mesmo que notícia alguma o incomodaria, mas agora, ante a realidade, sentia o coração apertado, a tosse se tornava imperinente e o pensamento não conseguia expulsar de si a fisionomia melancólica da d. Zizinha. E continuava a ouvi-la:

— "O senhor deve ir vê-lo, "seu" Jenário. O que passou, passou. O senhor não imagina como ele está... E é o nosso Zezinho, tão esperto, tão vivo, o nosso homenzinho de negócios..."

Era verdade. Zezinho sempre fôra um menino vivo e esperto, e isto era o seu orgulho. Parecia vê-lo ainda despachando a freguesia da loja:

— "Pode levar, "seu" Juca. E' artigo superior, não é, papai?"

Quando apreendeu a palavra, nada para ele deixou de ser "superior". E a mãe gostava, quando ele dizia do doce de abóbora:

— "Está superior, d. Arminda..."

Depois a Arminda morreu.

Já então a loja não andava bem — a freguesia escasseava, as despesas aumentavam, preocupações, aborrecimentos... Jenário não tinha mais cabeça para nada. E esqueceu-se do filho. Também já era um homenzinho... Todos diziam. Jenário sorria. Olhava-o cheio de orgulho — aqueles olhos muito pretos e muito vivos, o

cabelo encaracolado, e aquele sorriso prosa com a calça comprida de bolso atrás para o caderno de notas... Era um perfeito homem de negócios! Com seis anos já fazia contas melhor que a d. Zizinha. Ela mesma dizia. A Arminda ensinara-o muito cedo. Mas depois, com a doença, teve que dá-lo como diplomado. Queria evitar o contacto directo...

Com a morte da esposa, os negócios foram de mal a pior. E não tardou a falência.

Jenário quase enlouqueceu, e Zezinho, esquecido, se sentiu mais homem que nunca — "E' bom que vá aprendendo a se cuidar desde já. Deixa tudo entrar nos eixos, que eu compro a loja do velho Bento e haveremos de recomçar os dois: "Jenário dos Santos e Filho"...

Jenário sonhava ainda, e Zezinho, com oito anos apenas, não podia deixar de sonhar também seus sonhos fantásticos de chefe da molecada da sua rua e de homem de negócios.

Jenário porém sonhou pouco. Dia a dia, as esperanças minguavam. Não sabia de onde vinham tantas contas: o hospital foi um dinheirão; ele mandou vir especialista estrangeiro; fez conta no banco, afundou-se de vez. No fim quase nada sobrou. Ainda assim, o velho Bento ofereceu-lhe sociedade. Não quis. Não aceitava esmola.

— "Não sei pra que esse orgulho" — comentava d. Zizinha. — "Está pensando, Cota, isto é castigo. Eu tenho muita pena dele, mas verdades sejam ditas: o homem não fiava; grosseiro como ele só; freguês pra ele era cachorro..." — e imitava com

voz rouca — "Se quer levar, leva; se não quer, não falta quem queira."

E era assim mesmo. Jenário lutou para vencer na vida, e fiar, regatear, ele achava, era desmerecer o seu sacrifício. Zezinho era mais frouxo — coração de criança, influência da mãe... Jenário não gostava. Mas talvez fosse ela quem tinha razão. Ele não o admitia, mas pensava sempre nisto...

Agora ali estava ele, naquele quarto de paredes manchadas e chão de cimento. Por cima daquelas flores murchas, que se despetalavam na água lodosa de um copo de louça, Arminda fitava-o com o seu sorriso de mãe que sempre lhe fôra. Ele não tinha parentes. Os dela não a perdoaram nunca por fugir de casa com um caixeiro de armazem vulgar e sem nome. O caixeiro se fez dono da loja, mas o perdão não veio, ou, se veio, foi recusado. Vivia só. D. Zizinha foi a única amiga que conservou, aliás, mais por ela que por ele. Naqueles dias sombrios, acolheu-o em sua casa e esteve sempre a seu lado nas horas de aflição. As vezes falava de mais, o que, a princípio, o irritava:

— "Que boca de azar! Esta mulher tem espírito do demônio, Arminda!..."

— "Nada, meu bem. Ai está uma grande alma..."

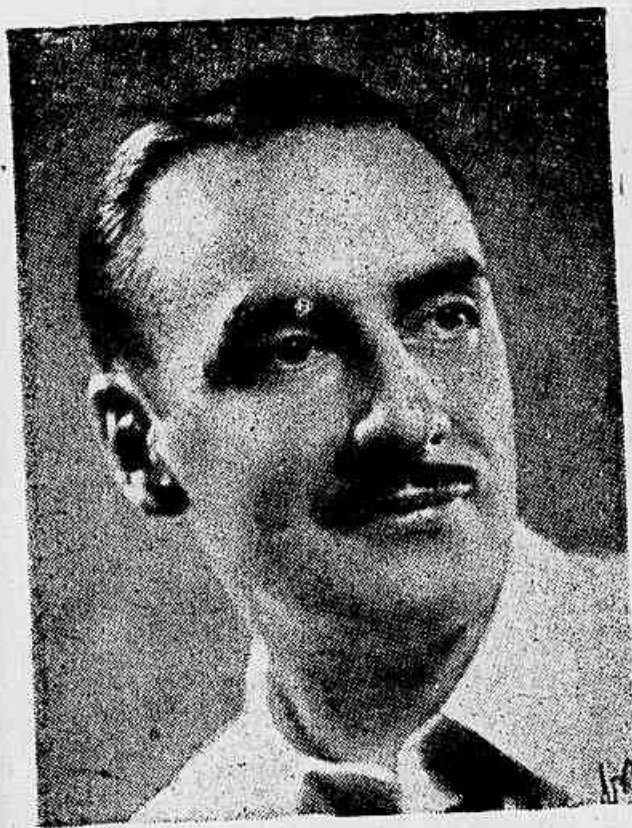
E era verdade. Falava mas tinha sempre razão. Ele acabou por se acostumar, e concordavam sempre que o seu orgulho o permitia.

Lembrava-se de que foi ela a primeira a alertá-lo a respeito do Zezinho. Ele não fez caso:

(Continua na pág. 46)



BROADCASTIST



Henrique Batista responde pela existência de "Samba e outras coisas", o vovô dos programas cariocas

RÁDIO-FLASHES

TRÊS NOVELAS

Raimundo Lopes continua sendo um dos mais ativos novelistas do "broadcasting" nacional. Autor de inúmeras histórias em capítulos, além de outros tantos programas de sucesso, ele acaba de entregar ao desempenho de Wolner Camargo, Amélia Ferreira, Sérgio de Oliveira, Ida Gomes, Graziela Ramalho, Teresa Costa, Antônio Nobre e Rafael de Almeida, sua última produção, a que intitulou "A rosa vermelha". História das mais humanas, vivida por um elenco de primeira grandeza, essa produção de Raimundo Lopes pode ser ouvida às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20.30 às 21 horas, através do microfone P.R.E-3.

Otávio Augusto Vampré, por sua vez, vem de ultimar os capítulos de "Sonhamos outra vez", que já está sendo transmitida pela Nacional, na interpretação de Ismênia dos Santos, Celso Guimarães, Isis de Oliveira, Floriano Faissal, Nélcio Pinheiro e demais integrantes do seu homogêneo "cast" de teatro-cego.

Também Amaral Gurgel, após a brilhante radiofonização de "São Bernardo", vê lan-

çada, com apreciável êxito, sua mais recente novela, "Conceição da Vila", cujo papel central foi confiado a Maria Sampalo. Nessa produção do autor de "Ternura" tomam parte cerca de vinte artistas, figurando, entre outros, Urbano Lôes, Daisy Lucidi e Telxreira Pinto.

Pedro Anísio, após brevíssima passagem pelo quadro redatorial da Rádio Clube do Brasil, fechou contrato com a Globo, tendo iniciado sua atividade neste prefixo com "As novas mil e uma noites". ★ Hélio do Soveral, produtor dos mais categorizados, é o novo elemento da P.R.E-8. Sua estreia nessa emissora dar-se-á através de programas inéditos no broadcasting guanabarrino. ★ Alberto Mendes, pioneiro



Maria Sampalo tem sob os ombros a responsabilidade do papel central de "Conceição de vila", última produção de Amaral Gurgel para o elenco da PRE-3

nas novelas desportivas, retornou às hostes radiofônicas, na qualidade de comentarista da P.R.A-9. Amplia-se, assim, a equipe comandada por Oduvaldo Cozzi. ★ Jaime Moreira Filho, ao encerrarmos esta seção, entra em entendimentos com a Globo, a fim de integrar seu departamento de es-

OUTRO GRANDE MAL

Continuamos na ignorância de, a quem atribuir a culpa do aproveitamento de autênticas nulidades, para a venda de programas. Desconhecendo, em geral, o mérito e a finalidade da mercadoria que têm às mãos, esses vendedores de distrações sonoras, procuram, a viva força, agarrar o anunciante, submetendo-se a todas as vontades do mesmo. Daí, a deturpação de verdadeiras obras primas da radiofonia, em proveito de alguns milhares de cruzeiros. Mercantilizados ao extremo, inúmeros "broadcasts" perdem o primitivo sentido que lhe foi imposto por seu criador, a fim de atender aos desejos do anunciante e garantir a percentagem habitual ao corretor. Esse estado de coisas, porém, deriva da incompatibilidade da maioria de vendedores de programas para com a função. É que, amoldados à vontade do patrocinador, sem recursos para argüir sobre o valor da atração que oferecem, eles têm em mente vender, pouco se lhes interessando a intromissão do comprador. Tais casos, tão comuns nas emissoras cariocas, têm provocado a deserção de apreciáveis "rádio-writers" que, inconformados com a mutilação de uma idéia, preferem sonegá-la ao público-ouvinte a vê-la à mercê do todo poderoso anunciante. O evoluir da radiofonia brasileira está a reclamar mentalidades novas na arte de vender programas. Criaturas que mostrem aos patrocinadores a necessidade de não se comercializar a arte. Porque, assim acontecendo, o prejuízo causado ao povo é dos mais nefastos. Nisto estua uma das bases fundamentais à redenção do "broadcasting" nacional. Não basta vender programas. É preciso, acima de tudo, esclarecer o comprador no tocante à finalidade do mesmo e no valor de um texto bem redigido. Por que submeter-se à vontade do anunciante é retroceder ao período embrionário da radiodifusão em nossa terra. — A. MIGUEIS.

SABIA...

...que o programa "Samba e outras coisas" é considerado o "vovô" do rádio carioca, tendo quinze anos de uma existência bem vivida?

...que Ieda Rios, ora à frente das audições de "Bonde da Folia", é esposa do conhecido professor Zé Bacurau?

...que a locutora Vera Brito, cujo aniversário transcorreu no dia 20 de junho último, já rejeitou vantajosas propostas para atuar em emissoras particulares?

...que Aniz Murad, conhecido rádio-ator e irmão de Jorge Murad, é, nas horas vagas, um exímio vate, somando-se às dezenas o número de trovas que já escreveu?

...que Amaral Gurgel entrega aos amigos a escolha de títulos para suas novelas, só as escrevendo depois de batizadas?

SELEÇÃO

— No rádio, sim, "seu" Menezes.
— Mas que é que você vai fazer no rádio?
— perguntou com uma grande incredulidade.

— Cantar, "seu" Menezes.

Como ele colocava os poetas, os escritores, os pintores, todos os artistas em suma, numa única categoria — a dos malandros — não se conteve:

— Mas isso não é profissão, menina. É malandragem!

(Trecho de "A estrêla sobe", de Marques Rebelo.)



Ronaldo Lupo continua excursionando. O "broadcasting" carioca, ao que nos parece, não lhe interessa muito, haja vista suas villgiaturas pelo interior do Brasil

PEREGRINANDO

Ronaldo Lupo, apreciado "chansonnier" patricio, parece não se dar bem com as ondas cariocas, haja visto suas peregrinações pelo interior do País, onde, diga-se de passagem, é um cartaz dos mais luminosos. Agora mesmo, em companhia de outros "astros", animou a programação de estúdio da Excelsior.

PALABRAS DE MUJER (Bolero)

De Agustín Lara

Palabras de mujer que yé
Escuche cerca de ti,
Junto de ti.
Muy quedo, tan quedo como nunca.
Las quiero repetir para que tú,
Igual que ayer
Las digas sollozando.
Palabras de mujer
Aunque no quiera yo
Ni quieras tu
Lo quiere Dios.
Hasta la eternidad,
Se seguirá mi amor.
Como una sombra irá
perfumará tu inspiración,
Y junto a ti estaré también
En el dolor.
Aunque no quiera yo
Ni quiera tu,
Lo quiere Dios
Hasta la eternidad te seguirá
Mi amor.
Hasta en tus besos me hallará
Hasta en el agua y en sol
Aunque no quieras tú
aunque no quiera yo.

NAO ME PERGUNTE (Samba)

De José Maria de Abreu e Jair Amorim

Não me pergunte
O motivo, a razão.
Não me pergunte
Se direi "sim" ou "não"...
Sabe melhor do que eu que a
Saudade é cruel
E que o amor mais profundo
Si ainda vivo a sofrer...
Não me pergunte
Se ainda posso esquecer...
É bem melhor
Dessa história infeliz
Não falar...
Não desejo, não quero
Que me vejam chorar.

DERNIERE REVERIE

De Agustín Lara

Ma dernière rêverie,
C'est le rêve de ma vie,
C'est une tendre caresse
Qui nous prend
Et nous blesse,
Qui nous laisse sans
Aucun fantaisie.

La dernière rêverie
C'est l'amour qui s'en va
Qui jamais reviendra,
Qui s'en va vers le ciel
Et se tourne éternelle
Comme une triste
Et divine folie
La dernière rêverie.

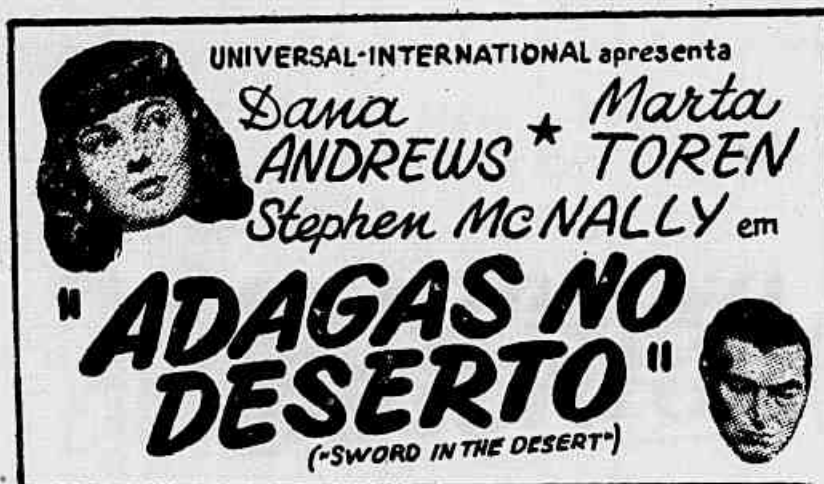
La dernière rêverie
La dernière fantaisie
C'est une tendre caresse
Qui nous prend et nous blesse
Nous laisse sans espoir dans la vie.

Cependant notre cœur
Qui a freiné comme une fleur
Sous la pluie
Il se cache de peur
Et se ferme
Dans les lacs de l'oubli
La dernière rêverie.



Universal
apresenta a

UNIVERSAL-INTERNATIONAL



E AINDA: "NASCIDA PARA AMAR" * "CLANDESTINOS" * "A VIDA DE SOLTEIRO É MELHOR" * "CAÇADA HUMANA" *
"NEM TUDO QUE RELUZ É OURO" * "QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA" * "PARAÍSO PERDIDO" * "O GRANDE PRÊMIO"
"QUE VIDA APERTADA" * "UM PASSO EM FALSO" * "NÓS ÉRAMOS AMIGOS" *

Filmes S.A.
produção da

e de J. ARTHUR RANK para 1949

J. ARTHUR RANK apresenta
Laurence Olivier
em
"Hamlet"
de
William Shakespeare
com
JEAN SIMMONS



J. ARTHUR RANK apresenta

Laurence OLIVIER
em
"Henrique V"
("HENRY V")
TWO CITIES FILM
em **TECNICOLOR**

J. ARTHUR RANK apresenta
Jean SIMMONS • Donald HOUSTON
Noel PURCELL
em
"LAGO AZUL"
("The BLUE LAGOON")
em **TECNICOLOR**

J. ARTHUR RANK apresenta
Fredric MARCH • Florence ELDRIDGE
em
"Cristóvão Colombo"
("CHRISTOPHER COLUMBUS")
TECNICOLOR
com Kathleen RYAN



J. ARTHUR RANK apresenta
Ann TODD • Trevor HOWARD
Claude RAINS
em
"NUNCA MAIS"
("A WOMAN'S STORY")

J. ARTHUR RANK apresenta
Robert Beatty Jack Warner Simone Signoret
em
"HERÓIS ANÔNIMOS"
("AGAINST THE WIND")
com
Gisele Preville Paul Dupuis Gordon Jackson
Produção
Michael Balcon



J. ARTHUR RANK apresenta
Ann TODD • Eric PORTMAN
MAXWELL REED
em
"AMANHECER FATÍDICO"
("DAYBREAK")
STONEY BOX PRODUCTION



J. ARTHUR RANK apresenta
"TRAGEDIA NOS ALPES"
("SNOWBOUND")
com
ROBERT NEWTON • DENNIS PRICE
HERBERT LOM • MARCEL DALIO
GUY MIDDLETON MILA PARELY
STANLEY HOLLOWAY
UM FILME
PRESTIGE



J. ARTHUR RANK apresenta
Eric PORTMAN
"ESCRAVO DO PASSADO"
("CORRIDOR OF MIRRORS")
com
EDANA ROMNEY
APOLLO FILMS



J. ARTHUR RANK apresenta
Margaret LOCKWOOD
Dennis PRICE
Ian HUNTER
Joan GREENWOOD
em
"REDENÇÃO"
("BAD SISTER")



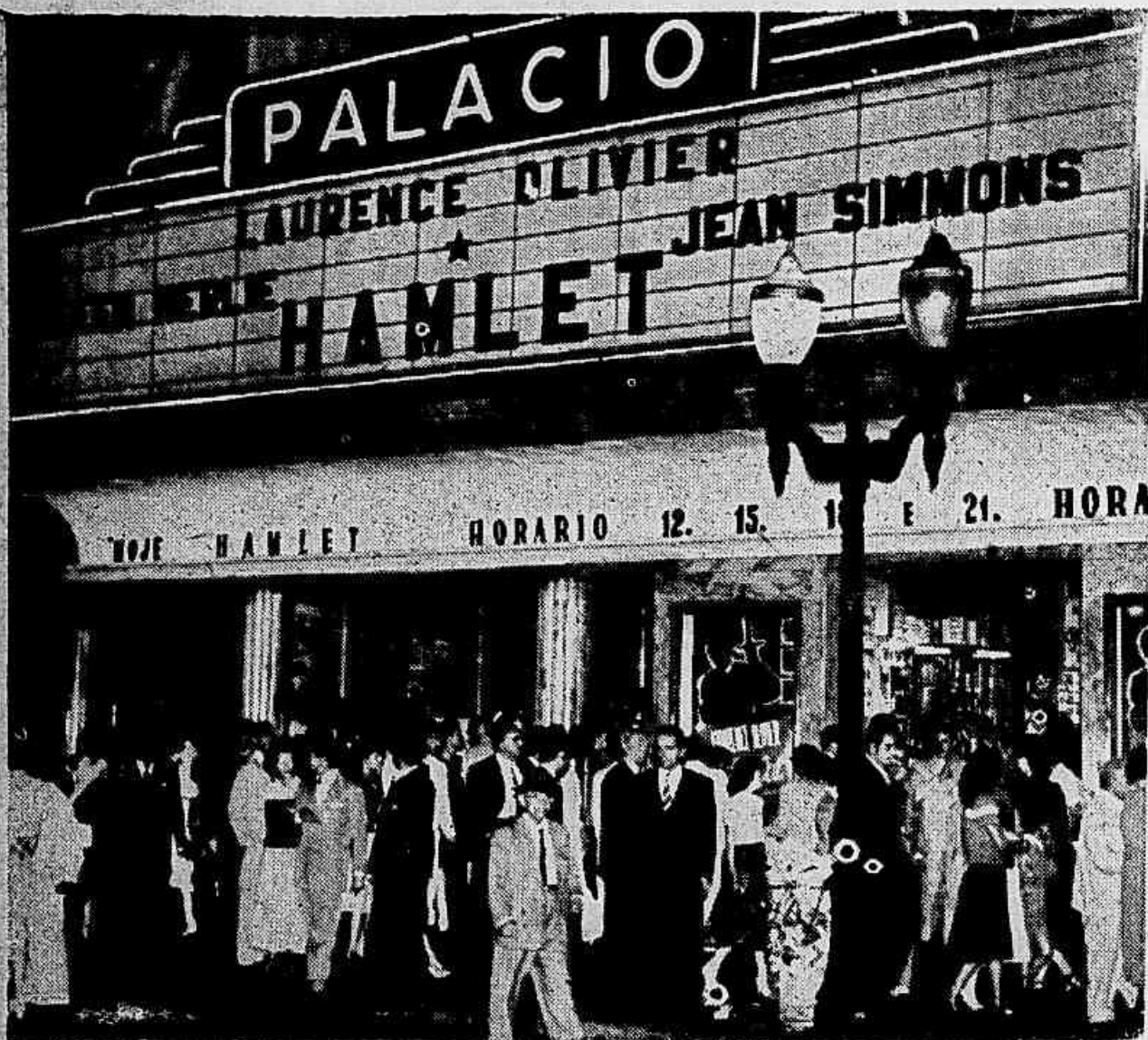
J. ARTHUR RANK apresenta
ERIC PORTMAN
GRETA GYNT
DENNIS PRICE
JACK WARNER
MAXWELL REED
HAZEL COURT
em
"REMORSO"
("DEAR MURDERER")
Carnegie Picture



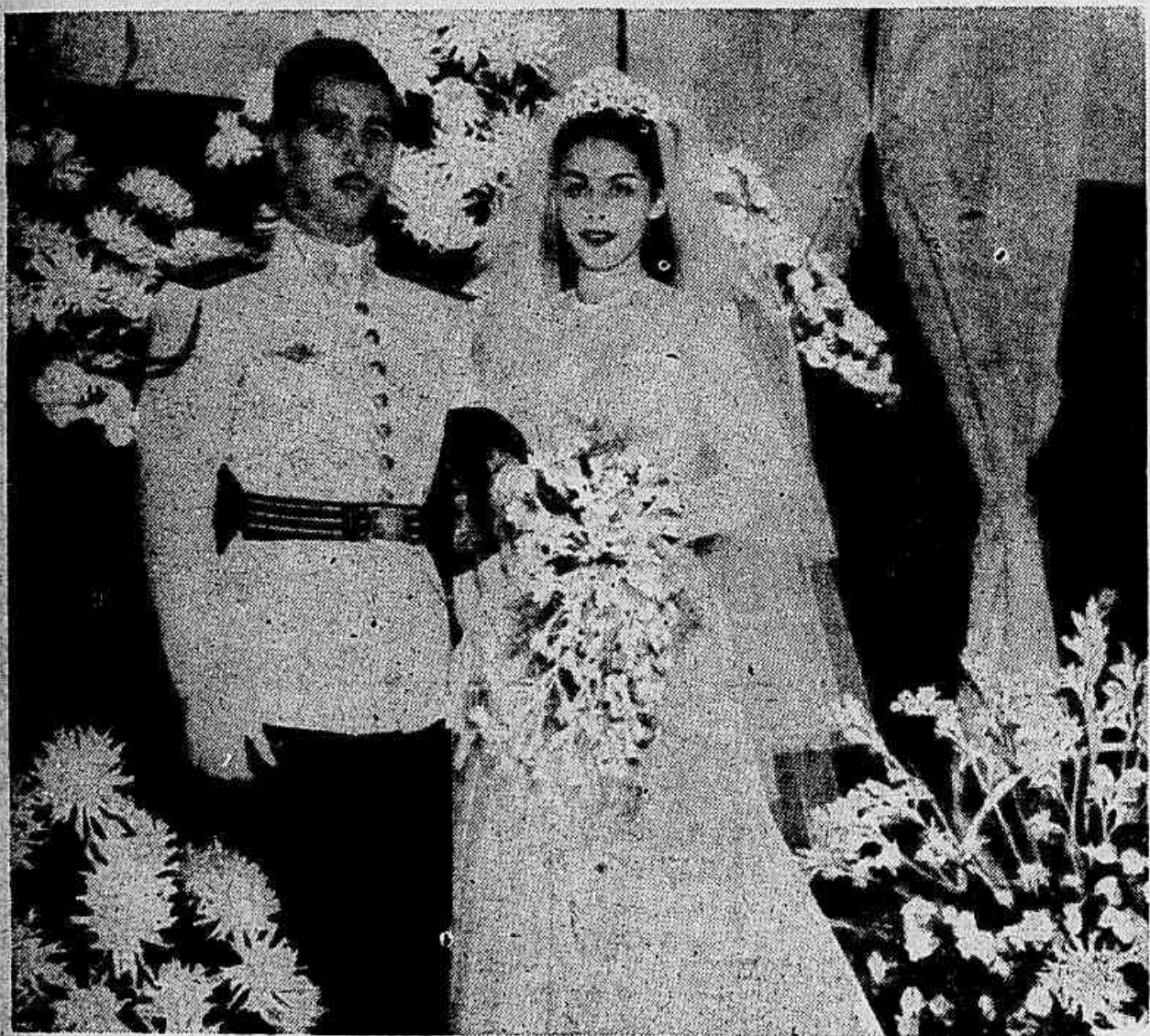
J. ARTHUR RANK apresenta
"CUPIDO em FÉRIAS"
("HOLIDAY CAMP")
com
FLORA ROBSON
JACK WARNER
DENNIS PRICE
HAZEL COURT
GAINSBOROUGH PICTURE



J. ARTHUR RANK apresenta
Stewart GRANGER • Edwige FEUILLERE
em
"INIMIGO das MULHERES"
("WOMAN HATER")



Flagrante feito em frente ao Cinema Palácio, nesta capital, no dia do grande sucesso que foi a estréia de "Hamlet", obra prima da cinematografia inglesa, realizada por J. Arthur Rank, dirigida, produzida e interpretada por Laurence Olivier, distribuição da Universal Internacional



Aspecto tomado durante o enlace matrimonial da Senhorita Maria Tereza Sales Mota com o capitão Lincoln Eduardo de Souza Bitencourt, realizado nesta capital no dia 18 de maio próximo passado sob os melhores auspícios



Um flagrante do baile da coroação da rainha e princesas da Associação Desportiva e Recreativa "Bayer", no dia 28 de maio próximo findo, 1.º aniversário da referida associação. Estiveram presentes os administradores da "Bayer" Cel. Frederico Trota e o dr. Ruy Archer

O AMOR...

(Continuação da pág. 23)

Foi socorrida e posta fora de perigo. O casamento foi adiado. Dulce evitou agradecimentos e comentários à sua dedicação, encerrando-se em sua casa a chorar também. Seu nome andou de boca em boca, louvado e bendito.

Sobreveio uma pneumonia em Zélia. Morreu. No ano seguinte a velha dona Emília fazia outros bôlos de noivado, e diante da massa que a filha batia, corriam lágrimas mas desta vez, lágrimas de alegria e de felicidade... Era dela o casamento com José! E, porque chorava ela, se era feliz?

Porque... o amor é assim.

UM PERFEITO HOMEM...

(Continuação da pág. 42)

— "Que bobagem. Quer que o crie como um maricas?"

Ela não gostou. O falecido chamava-se Maricas — Damião Maricas de Albuquerque. Quando vivo, ele sempre ocultou o segundo nome. D. Zizinha, porém, não lhe fazia segredo, quando queria provar que "essa história de nomes é bobagem".

— "Eu só sei que o meu Damião nunca aturou desafêro de ninguém. A Cota que está aí que o diga..."

A Cota concordava e ela prosseguia:

— "O menino está se perdendo. Olha, "seu" Jenário, eu ouvi dizer que ele anda metido aí nesses becos jogando baralho. O senhor..."

Jenário não lhe dava atenção. Acreditava mais nas explicações do filho, que falava em "transações comerciais".

— "Não estou dizendo? É um perfeito homem de negócios!"

D. Zizinha dava de ombros. Tentou ainda adverti-lo de que Zezinho andava metido em histórias de roubo, mas foi "seu" Tonho do armazém quem o fez ver a verdade, por causa de umas latas de leite condensado. Jenário ainda ficou furioso.

— "Roubo é o senhor cobrar dois e quinhentos por meio quilo de carne seca podre..."

E trocaram uma série de palavrões.

A noite, chamou o filho em particular e conversaram uma longa "conversa entre homens", como ele próprio qualificou. Zezinho negou tudo. Disse que fez um serviço pro "seu" Tonho e ele não queria pagar. "Negócios são negócios", concluiu. Jenário concordou: "Negócios são negócios". Deu-lhe conselhos comerciais: que soubesse com quem tratava.

— "Iá homens que se prevalecem da idade para iludir os menores."

Quase falou "crianças", mas, com quatorze anos, Zezinho já não era mais criança, que absurdo! Prometeu-lhe uma mesada. Que evitasse fazer transações com aquela gente mesquinha. Breve as coisas endireitariam e "seu" Tonho haveria de se ver com ele.

Zezinho concordou e prometeu tudo quanto ele pediu que promettesse, e Jenário deixou, satisfeito consigo mesmo — "um homenzinho".

E tudo ficou naquela promessa. D. Zizinha não se conformava.

— "Onde é que já se viu. Cota?... O menino está cada vez pior e ele só pensa em "quando as coisas melhorarem", quando as coisas melhorarem"... Cada dia chega uma queixa. Ele não fala mas eu sei. De nada serviu aquela "conversa entre homens"..."

Falava com despeito, com repetidos huns sincopados. Tentou mais uma vez convencer Jenário:

SEM FUTURO

(Continuação da pág. 31)

E ele nadava penosamente para a margem, sempre com o menino seguro, sentindo cada vez mais forte as agulhadas no peito.

Agora era na cabeça, sentia-se tonto.

Vamos, "Sem Futuro", disse consigo. Tens que nadar. E' preciso tirar o garoto do rio.

Faltava pouco agora; mais umas braçadas.

Uf! Até que enfim! falou consigo enquanto tentava puxar o garoto para o capim. Mas não pôde mais. Alguém o segurou nos braços. Ele sentiu um barulho esquisito nos ouvidos, uma sufocação no peito, mas ainda pôde olhar. Chiquinho estava ali, pertinho dele com os olhos abertos, bem vivo. E ele sonhava. Sim, era sonho!

Porque só mesmo em sonho "seu" Júlio poderia acariciá-lo e molhá-lo com as suas lágrimas. Que sonho bonito!

— Meu pobre cãozinho! Meu bom amigo! — dizia ele abraçando a mulher e curvados, os dois, na sua cabeça tonta, tão tonta...

E ele gostou de os ver abraçados e ainda fez um esforço para levantar-se, para agradecer, mas não pôde.

Via tudo escuro ao redor. Ficara noite de repente, pensou. Agora, então quase nada via. Mas no seu coração levantava-se um hino de amor por aquela gente toda que o cercava.

Os homens não eram maus, ele estava enganado; pois se o acarinhavam tanto, se até choravam por ele...

Pobre animal! — pôde ainda ouvir dizer. E foi só.

Acabara tudo.

E de longe o vento trouxe, a rodear o seu corpo, aquele perfume de magnólias e de sabugueiro de que ele tanto gostava e que nas noites de verão o faziam sonhar com uma porção de coisas bonitas...

DOENÇAS CONGÊNITAS E...

(Continuação da pág. 24)

São os exames pré-natais os meios que asseguram o controle da gravidez normal e preparam o parto normal.

São a melhor prevenção das moléstias congênitas da criança, sem dúvida, e apenas tanto mais acertados quanto buscados desde os primeiros sinais da gravidez, porque, já então, oferece uma oportunidade sempre indicada para uma revisão do estado de saúde da gestante, inclusive para o diagnóstico da sífilis e da tuberculose, que urge então serem tratadas pelos meios mais profícuos ou para certas medidas ditadas por cada caso.

★

O fato de gravidezes descuradas constitui um dos maiores fatores da natalidade e da neonatalidade (morte da criança nos 7 primeiros dias).

Isso mostra a importância da higiene e dos cuidados da gestante, e sua grande responsabilidade.

Em particular as toxemias gravidícas (náuseas, vômitos, as albuminúrias hipertensivas, etc.) são considerações de suma importância, porque a elas se atribui, hoje, um papel primordial em muitas interrupções da gravidez, e nascimento dos prematuros, que tanto contribuem para a neonatalidade, segundo revelam as estatísticas mais perfeitas.

— "Por que o senhor não interna esse menino enquanto é tempo?"

Jenário se zangou:

— "Que internar, que nada. Ele sabe ler e escrever melhor que qualquer um. Além disso, ele ainda tem pai. Internato é para indigente."

Em verdade, ele já pensara naquilo, mas agora que d. Zizinha falava, ele não queria entregar os pontos. Começava a sentir que fracassara como pai. Zezinho já o evitava, falava-lhe com evasivas. Jenário, que sempre o considerava um homenzinho, temia ao ver-lhe a voz engrossar e ao notar o buço que já se pronunciava. Os conselhos de d. Zizinha eram como um dedo a apontar-lhe os erros passados. Por isso se recusava a ouvir-lhe. Não podia tolerar que ela tivesse razão.

E, porque não a ouviu, Zezinho foi crescendo, assassinando a infância.

★

Um dia foi preso — uma história de jogo. Jenário desesperou. Afrito, andou, pediu — d. Zizinha tinha conhecidos na polícia — e a custo de muitos rogos e humilhações, ele conseguiu soltar o filho.

Foi quando resolveu fazer o sacrifício supremo: conservava ainda algumas economias; teve de rebair-se, mas pediu ao velho Bento que reconsiderasse a proposta da sociedade. O velho tomou partido da situação. Jenário achou que era um roubo, mas aceitou as condições propostas.

Houve então outra conversa com o filho. Desta vez não a qualificou. Foi uma conversa comovida — Zezinho chorou. Jenário chorou e d. Zizinha, quando soube, chorou também.

E ficou assentado que o filho tomaria conta da parte que lhe cabia na sociedade — ele estava envelhecendo e o filho devia começar com o pé direito.

★

Daí as coisas tomaram outro rumo. Zezinho criou alma nova; o velho Bento não se cansava de elogiar-lhe o trabalho.

— "Não há dúvida. O menino mudou. Foi uma feliz sociedade."

Jenário tornou a viver. Encheu-se de projetos. "Como a Arminda não se orgulharia do seu homenzinho!"

E durou bastante este estado de coisas. A transformação foi lenta; as tentações vieram aos poucos, os velhos amigos... E o choque foi tremendo quando Jenário recebeu o bilhete — "Foi preciso, papai. Perdoe-me".

Era dívida de jogo. Zezinho prosperara e, com ele, as apostas. Depois vieram os cassinos, jôquei... e o desfalque na loja do velho Bento.

Desta vez d. Zizinha não comentou. — "Tarde de mais" — talvez pensasse. Jenário teve que pagar, com a sua parte da sociedade, o silêncio do velho Bento. Perdeu tudo, todas as suas esperanças, sua última oportunidade, e o filho...

— "Para mim ele morreu."

E afogou nesta frase toda a sua desgraça.

D. Zizinha porém não a deixava morrer: — "Se o senhor que é pai não o perdoador, quem o perdoará?"

Mas, apesar de todos os seus esforços, mesmo depois que Zezinho voltou, ajuizado e trabalhador (como ela dizia), Jenário cortava sempre a conversa: "P'ra mim ele morreu".

Ela insistia:

— "Eu fui comprar café, sabe? E ele não quis aceitar o dinheiro. Ainda me deu esses docinhos. Disse p'ra mim: 'Leva, d. Zizinha. Este de abóbora é para papai. Diga-lhe que está superior'. E sorriu."

Jenário não respondia e ela acabava calando também. As vezes Jenário o encontrava na rua. Fingia não o ver, virava o rosto, acendia um cigarro...

E assim se esqueceram, morreram um para o outro. D. Zizinha deixou de trazer novidades, não se falou mais no Zezinho.

★

Mas Jenário esperava a notícia, sempre a esperava. Era herança da mãe. Certa vez, ao se cruzarem, ele notou na face do filho o estigma da moléstia. Estava tão pálido... Calou-se porém. Mas à noite a bronquite não o deixou dormir.

Agora d. Zizinha viera:

— "Ele está na pele e osso. 'seu' Jenário. Custei a controlar o choro quando o

vi. Aquêles olhos pretos e vivos, o cabelo encaracolado... nada resta. 'seu' Jenário. Quem me despertou foi a Luzia, a namorada. Brigaram, sabe? Ele andava adentado. Um dia apareceu dizendo que não podiam mais continuar. Não quis dizer o motivo. Depois ela soube que ele se despediu do emprego, aquela confeitaria nova em frente à loja do velho Bento. O dono disse que sentiu muito a falta dele, pois era um empregado de "confiança" (ela frisou bem a palavra e esperou, numa pausa, a reação do pai). Só mais tarde foi que o encontrei, na travessa do Mota num barracão de zinco, sem conforto, sem nada! Disse que às vezes não come o dia inteiro por não poder sair de casa. Coitado! Eu e Cota temos feito tudo desde então. Só não o trouxemos para casa por causa das crianças o senhor sabe..."

Jenário lembrava-se bem de todas as palavras da "V. lha". Ela falava pausado, tornando que algum soluço a traísse. Coitada! Era uma grande alma... Jenário sentiu uma pontinha de remorso... e de culpa. Mas não. Ele não era culpado. Talvez que... Mas não!... Procurou desviar o pensamento. Tossiu. Olhou para o retrato da Arminda. Ela sabia que ele não era culpado. E ele... sabia?... Aquela flor estava murcha. Arranjaria outra. Uma saudade. É uma saudade... Novamente procurou desviar o pensamento.

★

Acabou por fim, a arrumação do quarto um arrumação minuciosa, derivativo para as reflexões inconvenientes. Esquentou o café dormido e bebeu. Vestiu o paletó, pegou o chapéu... Ficou ainda algum tempo em pé na porta olhando o sol que avançava corajoso dissipando a neblina. "Primeiro a neblina, agora o sol, assim é a vida" — filosofou — "a vida"...

Trancou a porta do quarto. Procurou lembrar-se: "travessa do Mota... e o remorso?... Não importava. Ele acertaria". Abafou o chapéu e saiu tosindo — "brônquite, sol, neblina, frio d. Zizinha. Arminda. Zezinho... Raios!"

O HEROISMO DE...

(Continuação da pág. 16)

Na Tormenta, ou na Tempestade, na Branca tudo o que significasse luta torvelinho, agitação. Representantes de um povo secularmente perseguido, sem Pátria, sem Leis próprias, sem bandeira sem moeda, esses judeus se entregaram a uma tarefa verdadeiramente assombrosa, cercado de inimigos por todos os lados, desde a natureza inóspita, até às hostilidades humanas.

Mas, na própria Inglaterra, de onde provinham, já eles estavam unificados pelos laços de sangue, de crença e de ideologia político-social, uma vez que todos pertenciam ao "United Workers Party", ou seja, em português o "Partido dos Trabalhadores Unidos".

O trecho de território que lhes foi adjudicado é o em que, antigamente esteve instalada a fortaleza de Kaukiji, zona não cultivada desde muitas e muitas gerações.

Mas, para mostrar ao mundo que só brigam dois quando ambos querem, logo que esses sessenta judeus chegaram àquela deserto árido e sem recursos, delegações de árabes e druzos que habitam nas vizinhanças vieram até "Yasour" para lhes dar as boas-vindas, num significativo gesto de paz e amizade.

Esses emissários fizeram questão de provar que os recebiam com os braços abertos, sem qualquer demonstração de hostilidade e de mal-estar. Passariam a ser vizinhos bem educados, a trabalhar pelo engrandecimento da região, pelo progresso comum da Palestina.

O trabalho que desenvolveram desde o primeiro dia foi assombroso. Dominaram completamente o terreno, cultivaram-no, converteram aquele deserto árido e hostil, abandonado há centenas de anos, em verdadeiro Jardim do Eden, um novo Paraíso Terrestre, uma Pequena Inglaterra israelita em pleno coração da Galiléia.

E agora, com a organização oficial do Estado Israelita reconhecido pelo mundo, sua projeção será absoluta, sua vitória será definitiva e o exemplo desses sessenta heróis judeus, um feito dos mais brilhantes na História de Israel através do tempo e do espaço.

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX

O primeiro caça americano com asas de flecha, o XP-86, bateu, recentemente o recorde mundial de velocidade, até então em poder do Douglas "Skystreak".

Construído pela North American, o XP-86 está sendo submetido a extensas provas de voo na base militar de Muroc Field, na Califórnia.

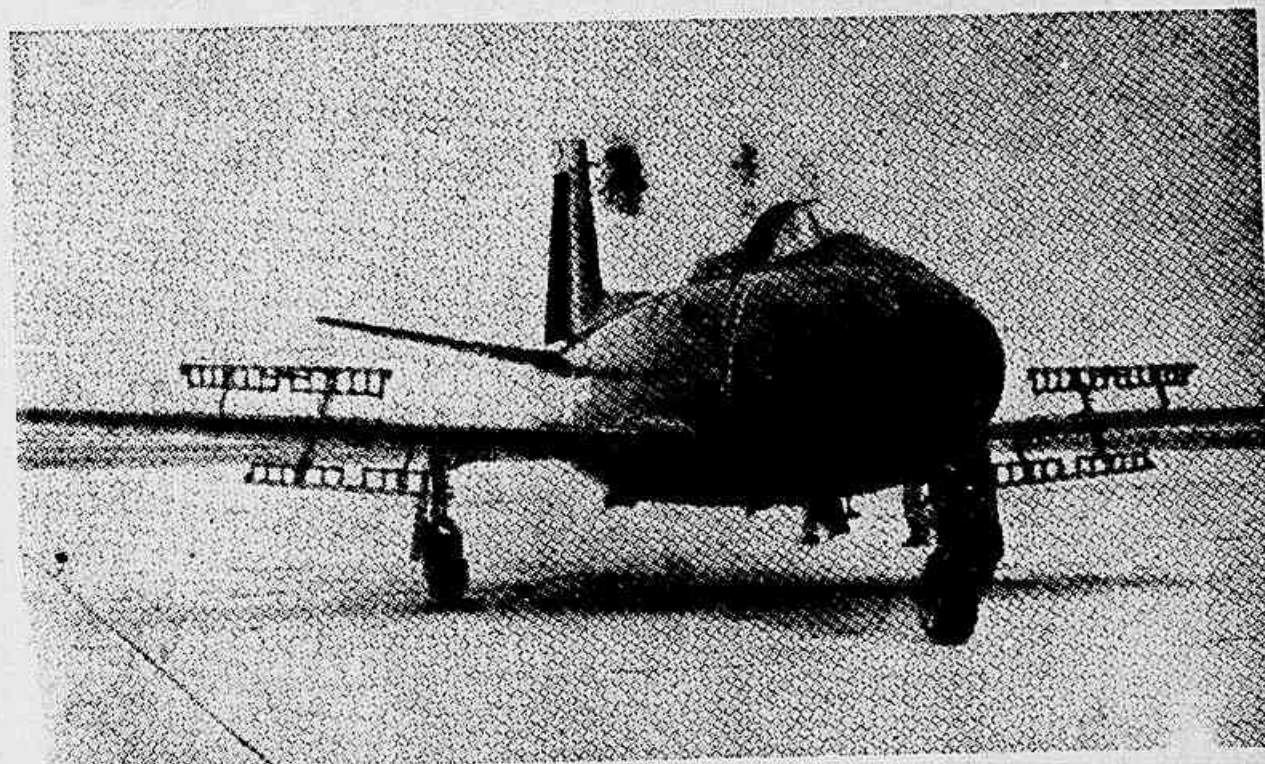
Os pilotos, observadores da força aérea e engenheiros da North American Aviation, qualificaram os primeiros voos de ensaio como "altamente satisfatórios".

Projetado e construído para operar em condições de combate, a velocidades próximas à do som, o XP-86 exercerá sua capacidade máxima a altitudes superiores a doze mil metros. O seu raio de ação nessas condições é de 1.600 quilômetros por hora.

Esse novo aparelho de caça da Força Aérea Americana se caracteriza, imediatamente, pelo enfilechamento de 35° das suas asas e lemes e pela superfície ultra-polida do seu revestimento, essencial para reduzir ao mínimo a resistência ao avanço.

Ainda que a asa em flecha represente uma teoria já bastante velha, o XP-86 é o primeiro caça norte-americano que a emprega para retardar a formação das ondas de compressibilidade.

O enfilechamento permite que o aparelho alcance velocidades superiores às aquelas possíveis com a asa convencional reta. A combinação do enfilechamento e a construção da asa super-delgada contribuem para aumentar a velocidade máxima do XP-86 em voo horizontal.



O novo caça americano — North American XP-86 — detentor do recorde mundial de velocidade

A unidade motriz do novo avião é uma turbina de jato General Electric Allison J35, de corrente axial que produz uma força de tração de 1.814 kg. O XP-86 emprega o condutor reto axial, com tomada no nariz que foi adotado pela primeira vez nos Estados Unidos pela North American, no desenvolvimento do seu primeiro avião de caça a jato, o FJ-1.

De construção compacta para altas performances, nas quais se destacam a alta velocidade, alcance tático e altura operativa, velocidade ascensional e manobrabilidade, o XP-86 é um monoplano de asa baixa, com cabine de pressão e assento de piloto de catapulta.

A sua eficiência tática é aumentada pela inclusão dos mais modernos equipamentos e sistemas de rádio e radar para a navegação. Sua envergadura é de 11,28m., sendo o comprimento de 11,28m. e a altura, de 4,28. O trem de aterrissagem é do tipo triciclo convencional, com a roda dianteira controlável.

★

Acaba de realizar-se no Aéro-pôrto "Santos Dumont", sob o patrocínio da União Brasileira de Aviadores Civis, uma exposição de aeronautica simultaneamente com o Segundo Congresso Brasileiro de Aeronáutica.

A U. B. A. C. convidou a imprensa e o rádio desta capital para um "cock-tail" que lhes ofereceu na tarde do dia 22, na estação central do Aeroporto Santos Dumont.

Aproveitamos o ensejo para felicitar essa novel associação pelos esforços que vem desenvolvendo em prol do desenvolvimento de nossa vida aeronáutica, base central para a mais rápida e completa expansão de nossa própria existência dentro dos limites de nosso próprio território.



"Descubra um noivo para mim..."



Oh! Laura... Não creio!... Honestamente, você também não acredita que a cartomante possa descobrir um noivo para você... Antes, você deve descobrir sua beleza que está oculta sob um excessivo maquilagem.



Sim... Você usa o maquilagem em demasia para disfarçar as imperfeições da pele. E, assim, sua beleza torna-se artificial. O certo é corrigir as imperfeições com Leite de Colonia. E... aguarde o romance.



Foi um conselho de verdadeira amiga... Laura usou diariamente Leite de Colonia e, em breve, recebia declarações como esta: "Querida! Ontem, nos conhecemos... Hoje, estou ansioso para revê-la... Roberto".



Não artificialize sua beleza! CORRIJA imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É um perigo! O exagerado maquilagem para disfarçar as imperfeições do rosto artificializa sua beleza! Ainda mais: prejudica a vital respiração da pele. Corrija manchas, cravos sardas, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia. Use-o, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz. E, à noite, numa última limpeza da cutis. Assim, conquistará aquela irradiante beleza natural... que os homens adoram. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pele.

Leite de Colonia
O EMBELEZADOR DA MULHER

DESLEALDADE

(Continuação da pág. 18)

tempo dispunha. Aceitei a sorrir essas explicações. Logo que Carolina nos deixou a sós, servi-lhe uma xícara de chá e lhe disse:

— Achei prudente comunicar-lhe, Mário, que, daquele nosso romance surgiu sério embaraço em relação a mim.

— Olhou-me com firmeza e depositou sua xícara na mesinha com tanto descontrôle que derramou o líquido. Visivelmente perturbado, falou:

— Mas... Tina! É possível?... Que vamos fazer?...

— O fato, Mário, é que vou ter um filho. E como és o pai dele, julguei razoável comunicar-te.

Ergueu-se e começou nervosamente a dar umas passadas. Olhou-me de revés e rompeu:

— E' preciso fazer alguma coisa, Tina! Naturalmente não podes ter um filho sem maiores explicações! Sem...

Isso depende de ti, Mário. Não achas? Pelo olhar que me lançou pude perce-

ber a luta que em seu íntimo se desenvolvia. Mário era um moço de palavra, de sentimentos nobres, de honradez. Vi que alguém teria de sofrer diante da situação; mas a balança estava a meu favor. Finalmente deixou-se cair numa poltrona e começou a falar como se conversasse consigo mesmo.

— Terei que escrever a Vilma. Dir-lhe-ei que nosso noivado foi um erro e que estamos livres um do outro. E' tudo o que posso dizer.

Depois fitou-me com leve sorriso e tornou:

— Temo que esta decisão não seja muito romântica para Vilma. Vamos precisar de certo tempo para reparar o mal. Entretanto, devemos tratar de nosso casamento imediatamente.

Houve um largo silêncio no jardim, interrompido apenas pelo cantar triste de um pássaro solitário entre as moitas de hortênsias. Ouviria Mário o bater descompassado de meu coração? Fiz um esforço e lhe disse:

— Quando determinares, Mário, iremos tratar do casamento.

E assim foi. Com a mais simples e íntima cerimônia civil, eu e Mário nos unimos.

— Não poderemos fazer a viagem de nupcias — disse-me ele — uma vez que não posso deixar as aulas.

— Muito bem. Quando terminares o curso não terás mais que incomodar-te com a escola.

— Que queres dizer?

— Tenho bastante dinheiro para nós dois e não deves desperdiçar teu tempo a não ser com tua obra, teus quadros.

Ele meneou a cabeça e disse:

— Tenho que cumprir meu fado.

Sorri. Os homens sempre querem ser independentes; esperei que, com o tempo, tudo se arranjasse, com a ajuda de meus planos cuidadosamente estudados.

Depois de nossas bodas, Mário passou a residir em minha casa de Coyoacan. Nunca soube eu que ele tivesse escrito

a Vilma ou que ela lhe houvesse respondido. Em resposta a uma carta minha ela respondera apenas com um telegrama lacônico: "Felicitações". Muito tempo estive pensando que fora apenas deliberadamente irônica, ou que isso não passasse de simples suspeita minha. Mas não me importava. Eu e Mário éramos felizes. Fiz tudo para dar-lhe todas as comodidades e livrá-lo de preocupações financeiras. Ele, às vezes se incomodava, perseguido pelos nossos gastos; mas eu procurava tranquilizá-lo.

— Deixa que seja eu quem me preocupe com estas miudezas, Mário. Tu tens coisa mais importante que fazer.

Muito resistiu em deixar seu posto de professor na Escola de Belas Artes e somente acedeu quando lhe disse que havia conseguido uma casa em Acapulco para os meses de inverno. Ali ofereci muitas festas a um grupo de gente fina que conhecera em Paris, durante a estação de modas. Mário não parecia aprovar essas festas; mas eu o convenci de que isso era necessário para sua própria carreira.

Certa vez o vi muito nervoso e inquieto. Foi quando me ocorreu visitar Guatemala, para distraí-lo.

— Alugaremos uma casa no lago Atitlan, para a primavera. E' tão famoso! E' tão tranquilo! Terás excelente ambiente para os teus quadros.

Ele me fitou estranhamente e perguntou:

— Esta primavera?... E o menino Tina?

Muito distraída, pensando apenas em Guatemala, volvi:

— Que menino? — depois, recuperando a presença de espírito e procurando corrigir aquela distração, expliquei:

— Ah! Mário... Não quis dizer-lhe antes: mas aquela suspeita minha não se confirmou. Foi alarme falso...

Ele passou a olhar-me com estranho brilho nos olhos. Eu volvi com o intuito de justificar meu erro:

— Isso ocorre constantemente, Mário. E' um engano fácil de cometer...

Ele repetiu serenamente:

— Um engano fácil de cometer... e ficou pensativo.

Naquela noite tivemos visitas o casal conosco e somente muito tarde nos deixaram. Mário não quis recolhê-se ao leito e me disse que não o esperasse. Recomecei que não se demorasse. Leitada em meu leito não pude dormir. Contei os minutos, as horas. Tinha ouvidos abertos a todos os rumores noturnos, sem-

OS CONGADOS EM...

(Continuação da pág. 37)

vando-se apenas retalhos de frases num ou noutro verso como este que copiamos:

Océ tá por trato Capitão!

Que nós tratou?

Agora é tarde, Capitão!

Cumbé já oendô.

Esse fragmento idiomático Cumbé já oendô significa, segundo o meu intérprete: o sol já se pôs.

As cantigas dos Congados são, em geral, em devoção a Nossa Senhora e refletem ainda a submissão diante do mistério da outra vida onde eles iriam encontrar a paz, a liberdade e a justiça que não encontravam entre os homens escravizadores.

Cantam os Congos:

Vlamos todos convosco,
Com prazer e alegria;
Vlamos festejar
Nossa mãe Santa Maria.

Vlamos do Congo,
Com prazer e alegria;
Vlamos festejar
A Coroa de Maria.

Eu sou um Capitão,
Que veio de Maravia;
Cortando mares e terras
A defesa da Coroa de Maria.

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças dos senhores — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

pre atenta aos que mais me interessavam: os passos de Mário. Quando, por fim, não pude mais... me e fui procurá-lo. Estava dormindo num amplo divã no terraço. Sentei-me ao seu lado e lhe tomei a cabeça entre minhas mãos.

— Mário! Mário! Não deves desparar-me assim!

Abracé-o e beijei-o. Ele correspondera aos meus carinhos e fora como da primeira vez que nos unimos. Mas, na manhã seguinte... Mário partira definitivamente. Disseram-me os criados que ele se levantara de madrugada e saíra conduzindo uma valise e sua caixa de pintura.

Seguiu-se a isso uma semana de angústias. Telefonei para o México, sabendo dos seus amigos, da Escola, a respeito de Mário. Nada! Ninguém sabia de seu paradeiro. Dez dias depois soube por um amigo nosso que ele estava num hotel de última classe em Veracruz, sem dinheiro e levando uma vida de desgraçado. Corri para buscá-lo; mas ele se recusou. Desesperada, regressé a Guatemala. Esperaria. Uma semana depois, numa recepção a meus amigos, senti-me profundamente enojada. No dia seguinte os sintomas se reproduziram. Corri a tomar um trem para o México. Quando regressé a Veracruz, três dias depois não tinha mais dúvida: ia ter um filho! Agora podia esperar meu espôso com mais tranquilidade. O futuro era mais seguro. Escrevi-lhe e ele veio. Parecia doente e taciturno. Fingi não ligar importância. Era natural que estivesse assim. Com alegria lhe falei:

— Muito me alegro, Mário, que estejas de volta à tua casa. Senti tanto, a tua falta!

Ó meus irmãos!
Vamos guerrear;
Com os poderes da Virgem Pura.
E' a que vai nos salvar.

Eu perguntei ao Bom Jesus,
Se o mundo lá acabar;
Jesus me arrespondeu:
Ajueia no chão, vamos rezar.

Quando eu vinha das Minas Gerás
E passei na porta da inguereja,
Santo tava lá no artá.
Pus minha "tipunga" na mão
E pus ajoio no chão.
Vamos fazê oração.

"Tipunga" é o mesmo que chapéu, boné, gorro. Também têm seus louvores dedicados à raça e suas ramificações:

Fui na horta panhá couve,
Errei e panhei serrage.
Gosto da cor morena
Que é cor que não desmala.

Esces fenômenos de apócope em Minas são muito comuns. E' onde se nota, em todo o Brasil, mais vasto uso de supressão de vogais em começos de palavras: guentar, panhar, sustar (assustar), etc. Essa guerra às vogais chega ao ponto de suprimirem as preposições mesmo indispensáveis à clareza da frase: deu a ele, oferecer a ela, que dizem: deu ele, oferecer ela, etc.

Sempre ligados às coisas metafísicas, os Congos e Moçambiques costumam entregar tudo a Deus. Estes versos de agradecimentos por uma comedia oferecida aos mesmos, é típica:

Lá do céu desceu um anjo.
Ele veio à nossa defesa.
E lá do céu desceu um anjo.
E' para agradecer a mesa.

Têm seus cânticos de guerra e de paz; entretanto jamais exaltam Jesus ou Deus, sem que incluam Nossa Senhora:

Paz! Pedimos paz!
Paz e harmonia!
Com Deus nós vencemos
E os poderes da Virgem Maria.

Os capitães precisam inspirar confiança aos comandados. Esta quadri-nha é um exemplo interessante:

Vamos meus irmãos!
Vamos guerrear!

— Esta já não é mais a minha casa, Tina. Vim somente para despedir-me e anunciar-te que retirarei minhas coisas da casa de Coyocacan.

Olhei-o atônita. Ele continuou rudemente:

— Tudo se acabou, Tina, graças a Deus!

— Não, Mário! Não podes fazer isto! Não o permitirei!

— Penso que não tens muito que dizer...

— Sou a tua espôsa!

— Não... já não és. Desde ontem, para ser exato...

Tirou de seu bolso uns documentos dobrados e m'os entregou. E prosseguiu:

— Divorciamo-nos em Cuernavaca de acôrdo com a lei. Estávamos vivendo separados, conforme se noticiou até nos jornais.

— Não é verdade! Não é legal! Isto é uma farsa!

— Não falemos de farsas. Tina! Lembra-te da que me impingiste?

— Mário! Mário! — gritei. — Deves ouvir-me! Deves crêr-me! Faz três dias que fui consultar o médico e te juro que desta vez é verdade!

Olhou-me e respondeu com um riso sarcástico.

— Que tolice, Tina! Achas que serei capaz de cair duas vezes na mesma burla?

Arrojé-me em seus braços e lhe supliquei, retendo-o a viva força. Mas era inútil. Ele me repeliu, libertando-se de meus braços. Cai em soluços numa poltrona enquanto ele saía calmamente, sem ao menos dizer-me adeus...

Quando pego nesta espada,
Todos devem arrespeitá.

Em meio de versos e cantorias, há também uma espécie de exortação aos comandados dita pelo Capitão:

"Sabe que nação de povo é aquela que vieste sentá ao teu palácio, ao meu paraíso? Ou tu tem medo? Medo?! Enquanto haver força neste peito, fortaleza neste braço, o golpe desta espada Vossa Majestade não será ofendido. Voltai a toda pressa dizer nossos dançantes instrumentos afinar, calcanhar amolado para dança, a dança-trocá em louvor do Rosário de Maria."

Chama a atenção de quantos ascissem às evoluções dos Congos e Moçambiques, a enorme quantidade de versos, estribilhos e toadas que eles usam. Gostam muito de bisar e levam horas a repetir versos assim, muitos dos dançantes a cantar em harmonias de primeiras e segundas vozes, esguelando-se desesperadamente a ponto de serem ouvidos a quilômetros de distância:

"Marinhoiro, nossa padroeira onde está?
Côro: Onde está Onde está?
Nossa padroeira onde está?"

Quem tem a Coroa do Rosário?
Côro: O rei levou.
Quê dê a Virgem do Rosário?
Côro: O rei levou.

Este cântico com estribilho é dos Moçambiques:

"Nosso Rei já está no céu.
Onde está Nossa Senhora?
Côro: Está no céu!"

E repetem isso indefinidamente, dançando e evoluçionando.

As festas do Primeiro Congresso da União dos Congados de Minas Gerais devem ser repetidas todos os anos para correção de suas falhas e defeitos oriundos da improvisação. A Prefeitura de Belo Horizonte prestigiou a iniciativa, mandou armar co-reto, forneceu refeições gratuitas no SAPS da Municipalidade, fez o que pôde; mas falta planejar com mais antecedência o segundo Congresso, e chamar à capital de Minas outras Guardas existentes no Estado, dar-lhes maior assistência e vesti-las dentro das tradições históricas. Seria interessante dar-se busca entre as camadas da população negra para des-

(Continua na pág. 52)

TEATRO

JOSÉ FOMM

PROSSEGUINDO o Festival Shakespeare, o Teatro do Estudante apresenta "Macbeth", uma das sete obras primas do gênio de Stratford-on-Avon. Macbeth, como as outras seis, é a tragédia de um homem entregue a uma obsessão. Cesar é traído pelo desejo da Glória, Antônio pela paixão, Tarquínio pela luxúria, Coriolanus pela nobreza, Ângelo pela Moral e Hamlet pela sagacidade. Todos eles falham pelo desejo excessivo.

"Macbeth", porém, ultrapassa a ambição. Certos espíritos famintos têm dentes e é perigoso despertar-lhes a voracidade. Macbeth era assim e encontrando Lady Macbeth que lhe instiga o trôno, não titubeia em empregar a violência; daí obrange o Crime e deixa de ser humano, sendo apenas um autômato inconsciente agindo furiosamente para o mal. Principia por matar Duncan, despencando-se, então, no abismo, saltando de um crime a outro crime ainda mais vil, até que atinge a Loucura.

E' quase inacreditável que um grupo de jovens estreantes interprete essa difícilíssima tragédia. Só mesmo a mente inquieta de Paschoal Carlos Magno poderia engendrar tal idéia, e, vitorioso, conseguiu concretizar mais um de seus audaciosos sonhos.



José Ricardo

feita. Miriam fatalmente ingressará no teatro profissional.

José Ricardo, que se revelou "Romeu e Julieta", apresentou um bom Macbeth, não superando, porém, o seu Mercúrio. Sua dicção continua um pouco falha, mas poder dramático não lhe falta.

Adaury Dantas, que interpretou Ben-vólio em "Romeu e Julieta", apareceu agora no "Banquo", dentro das mesmas características com que salientou o primeiro "role". E' um ator que reclama um papel principal.

As bruxas, Lais Perez, Therezinha Rivera e Magda Pietro, foram muito felizes. Gilberto Martinho, porém, obteve o papel de "Macduff" e foi a nota dissonante do espetáculo. Está forçado em todas as cenas, salvo no último ato, em que pareceu mais sóbrio.

Os outros elementos mantiveram o equilíbrio geral do espetáculo em pequenos papéis.

Muito contribuíram para o abrilhantamento os lindos e expressivos cenários de Pernambuco de Oliveira; não se pode entretanto dizer o mesmo com relação aos figurinos, pois enquanto alguns apresentam harmonia na combinação de cores, outros primam pelo mau gosto, como o manto amarelo de Lady Macbeth.

Uma cena muito fraca e que necessita mais ensaios é a do duelo, pois impressiona muito mal.

A tradução de Oliveira Ribeiro Neto é excelente, onde as palavras são fluentes e muito ajustadas.

Esther Leão dirigiu o segundo espetáculo do Festival Shakespeare e com sempre, grande parte do êxito lhe é devido.



Mirian Carmen

A melhor figura do espetáculo foi Miriam Carmen, que interpretou Lady Macbeth, irradiando todas as nuances do seu temperamento; é admirável a sobriedade dos gestos e a dicção per-

DO ESTRANGEIRO

Em maio, Paris prestou uma comovedora homenagem a Georges Pitoeff, ator russo, que tanto prestigiou o teatro francês, juntamente com a inauguração de uma exposição de "maquetes" de cenários do artista, diretor, ator e "metteur-en-scène". Nessa ocasião, usaram da palavra, Georges Duhamel, Jean Anouilh, Jean-Louis Barrault, Louis Jouvet e outras personalidades exultando o nome do "poeta da cena", assim como Alain Cuny, Jean Louis Barrault, Pierre Fresnay, Claude Dauphin e outros interpretaram diversas cenas do repertório de Pitoeff.

Nascido em Kiev, no ano de 1885, filho de um grande diretor teatral russo, Pitoeff fez intensos estudos em Paris, onde se estabeleceu por insistência de Henri-René Lenormand, cuja "Le temps est un Songe", serviu para sua estréia em paleos parisienses. Desde essa data nenhuma tentativa lhe pareceu audaciosa demais para fazer triunfar uma obra de arte e para enriquecer sem cessar a arte dramática com novas experiências. "Entreis

em comunhão com a Arte, antes de tudo", aconselhava; "Subordineis, em seguida, à concepção que resulta dessa fervorosa comunhão, e conciliareis, então a ilustração plástica". Era este um princípio que Jacques Copeau reconheceu como dele.

Pitoeff parece não ter outro critério senão o real valor artístico e é isso que explica a proximidade em seu repertório de "Oedipe" de André Gide com "Voyageur sans bagage", de Anouilh, "Jean Le Maufranc", de Jules Romains, com "Angélica", de Leo Ferrero, "Sardanapale", de Boussac de Saint Marc, com "Belle au bois", de Superville. Lidando intensamente com as literaturas estrangeiras, Pitoeff apresentou os nomes de Tchekhov, Strindberg, Pirandello, Shaw, Knut Hamsun, Schnitzler, Ibsen Goldoni, Shakespeare, etc., onde revelou-se também um adaptador emérito.

Georges Pitoeff faleceu em 1942 quando se encontrava na Suíça, deixando uma impreenchível lacuna no teatro francês.



Clovis Bueno Paiva (B. Horizonte) — Agradecidos pelas felicitações. Foi aprovado o seu conto "A Surra". Não se esqueça de que o pronome quem, leva o verbo ao singular.

Lucy F. Milagres (B. Horizonte) — Não temos a julgar nenhum conto com o nome "O cavalinho branco".

Ilmar de Carvalho (S. Francisco do Sul, Santa Catarina) — A gerência vai providenciar a respeito do assunto.

E. A. da Silva (São Paulo) — Foi aproveitado o seu conto "A Lista de Caridade". Quanto àquelas emendas, chegaram tarde.

Arnaldo Brandão (Rio) — Está muito curtinho o seu "Festa de São João".

Eduardo Correia (Rio) — E' indispensável estirar mais umas duas páginas no seu "Eterno Feminino".

Eduardo Gota Carretero (Rio) — Vai sair, brevemente "Bonde Errado". Mas procure aumentar os seus conhecimentos de grafia vernácula, especialmente sobre o emprego do s e do z.

J. D. G. (Rio) — Não está de todo mau o seu "Pádua da Vida"; porém se resente de sério defeito: estilo enfadonho. E' preciso que o amigo melhore o poder descritivo, tornando-o mais vivaz, mais fluido. E estude também nossa grafia.

H. P. (São Paulo) — Não foi possível aprovar o seu "Ilusão que mata". Há nele, erros de linguagem e um estilo que já ninguém suporta. Dê aos seus contos um ar de leveza, de descrição paisagística sem coisas como "Astro Rei" e semelhantes.

Eugênio Morato (Rio) — Muito bom o seu "Um Castigo Original". Continue.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº
NOME Nº
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

Artes PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL

E STAMPAMOS nesta página duas produções de arte moderna, saídas dos pincéis de dois grandes nomes da pintura nacional: Di Cavalcanti e Clóvis Graciano.

Ao leitor pouco afeito à técnica do desenho revolucionário, que foge dos traços e das concepções do classicismo, pode parecer que tais quadros podem ser feitos por qualquer um e até mesmo pelas crianças; mas isso não é tanto assim.

A pintura chamada moderna e que hoje se espalha por todos os países do mundo, tem encontrado adeptos geniais e mesmo críticos de arte que a defendem com absoluta segurança, lógica e profundos conhecimentos de psicologia humana.

O que, aliás, se dá com as artes plásticas, se dá e se deu com a música. Há partituras interpretativas e que refletem o estado de alma dos seus grandes compositores. Na tela se dá o mesmo fenômeno.

Clóvis Graciano, por exemplo era um ferroviário quando começou a pintar seus bonecos, as cenas da vida, as paisagens e os tipos que sentia. E' hoje professor de cenografia da Escola de Arte Dramática de São Paulo, e procura sempre aprofundar-se mais no sentimento de seu talento, na direção do que vê e transporta ao painel de suas produções de arte pictórica.

O quadro "Colonos", do qual damos aqui uma amostra, nada mais é do que a visão de como o artista sente os deserdados da sorte, os que vivem a clamar por justiça, terra e direito.



Tela de composição de Clóvis Graciano, denominada "Colonos"



Quadro a óleo de Di Cavalcanti, denominado "Retrato de L."

de viver. São entes fantásticos que o classicismo sentiria de outra maneira, inspirando mais piedade ao observador do que desejos de libertação.

E Di Cavalcanti? Era um discípulo de Themis, um estudante de Direito, um futuro advogado, um bacharel como tantos que há por esse Brasil semi-írigem.

Em 1916, Di Cavalcanti largou para um lado os seus Códigos e programas jurídicos e foi dedicar-se à pintura e ao desenho pelas coisas da Arte.

Seu nome é citado de norte a sul e se projeta no estrangeiro como uma das mais belas e puras expressões de nosso desenvolvimento artístico na direção do modernismo.

Aqui reproduzimos um retrato saído de sua paleta de mestre denominado "Retrato de L.". E' de estilo moderno, mas sem os exageros das linhas incompreensíveis e puramente subjetivas.

Aliás, entre os cultores da arte modernista se nota o seguinte: embora não se afastem da técnica e dos traços desse regime de inspiração as figuras que são "retratos" de pessoas vivas, conhecidas ou desconhecidas, mas identificadas, deixam de ser interpretativas para serem compreensivas. Quando, porém, se trata de assuntos indeterminados ou gerais, como "cabeça de mulher", "um homem na rua", "criança que volta da escola", etc., aí então os traços assumem aspecto que nem todos compreendem e quase todos criticam e acham horríveis...



Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos e usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERA

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 28-2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Bilhetes

DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

DEIXAMOS a Suíça pelo túnel "Simplon", que nos parece ser ainda o maior do mundo e faz parte duma série que há na zona alpina. Saindo de Lausanne passa-se por várias cidades pitorescas margeando o lago Lemano, como Vevey, Montreux e outras. Apesar das elevações do terreno, os agricultores, por meio de paredes e muros de proteção e plataformas, ainda conseguem plantar. Mas há também grandes vales, planos, onde o trabalho é fácil.

Nesta parte do lago Lemano há pouco gado e mesmo as galinhas são raras. Só se cuida da agricultura, especialmente a fruticultura, havendo muita uva.

Em Domodossola vieram os cavaleiros da Alfândega verificar os passaportes. Tudo simples, e aqui também não se interessaram pelas nossas malas e nem quiseram marcar nada a giz. No mesmo carro, entretanto, por baixo dos assentos, escondidas, encontraram, entre as malas dos bancos estofados, grande quantidade de caixas de papel para cigarros. Os guardas tiveram algum serviço retirando-as. O compartimento onde foi encontrado o papel estava sem passageiros, de maneira que não acharam o dono. Se fosse um ou dois pacotes, disse-nos o chefe, ainda vá lá, mas tanto papel! Arrecadaram tudo e desembarcaram na estação seguinte. Sem dúvida brevemente o papel será vendido em leilão.

Almoçamos numa boa estação onde o trem parou uma hora. O primeiro prato foi "spaghetti". Vinho "Chianti" não havia. Tivemos que nos contentar com o vinho de casa, que, como na França, é servido em garrafas brancas, anônimas. Agradou a refeição inicial italiana.

Chegamos a Milão às 15 horas. A Estação Central é uma das maiores do mundo e notável como obra de arte. Foi inaugurada em 1931, quando já havia em muitos países estações sem escadarias enormes. Mas aqui fizeram a maior de todas — um verdadeiro suplicio! Imaginem que gastaram mais do custo de uma boa estrada de ferro para construir apenas uma estação sem pensar no fim para a qual seria utilizada: uma centena de degraus para subir e descer e uma parelha de elevadores ao lado, que ainda dá maior relevo ao erro de previsão.

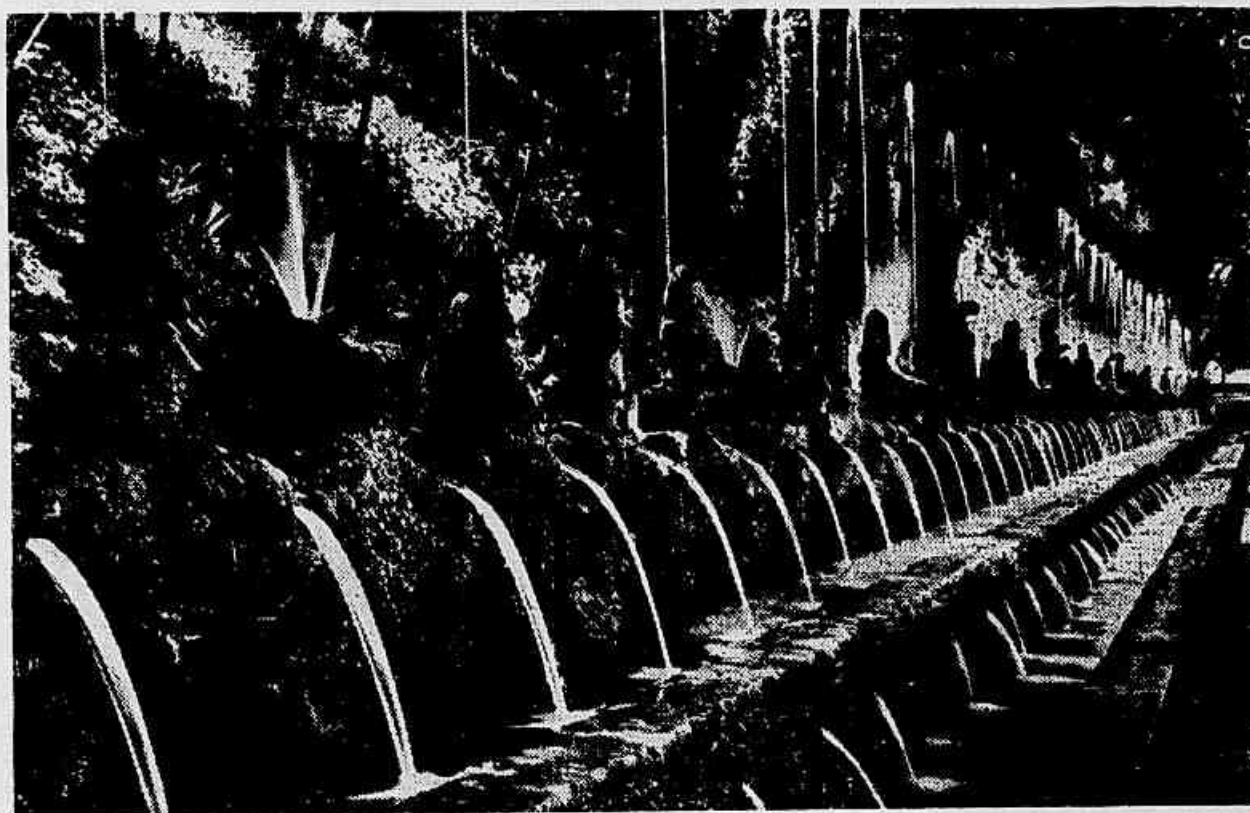
Valeria a pena ver o arquiteto esperando a condução vertical, cinco minutos antes da partida do trem das 10,34, num dia em que a eletricidade não funcionasse, como muitas vezes acontece.

As várias seções da estação são, também, separadas entre si, de maneira que se se quiser despachar uma encomenda há que entrar num recinto e sair pelo lado externo, no frio intenso do inverno milanês.

Acompanhando a grandiosidade da obra, as várias partes do edifício são construídas em grandes proporções, de maneira que o teto tem uns 15 ou 20 metros de altura. E, mesmo que possuísse calefação, seria difícil aquecer o recinto, de modo que tanto os pobres funcionários, como o coitado do público, ficam gelados! Aquela maravilhosa obra de arte não foi construída com a menor preocupação para o conforto do povo e para o verdadeiro clima do norte da Itália. A nossa Central do Brasil, com a pequena nova estação de Pedro II, é muito mais prática e serve melhor ao público. Estão construindo agora uma grande estação em Roma, que será ainda maior do que a de Milão, mas com espírito muito mais prático para o fim a que se destina.

E o elefante branco de Milão continuará como um documento de ineficiência.

Na estação do Rio começaram a cometer um grave erro, felizmente descoberto em tempo. Iam fazendo uma cobertura geral para todas as plataformas, coisa que não se



Uma série das 3.000 Fontes em VILLA D'ESTE, residência do Cardeal, filho de Lucrecia Borgia — perto de TIVOLI. O Cardeal gostava tanto d'água que até no seu dormitório tinha água jorrando dia e noite

usa mais, pois as coberturas parciais, uma para cada plataforma, são as mais indicadas e mais práticas, além de muito mais econômicas.

Apesar de a mulher italiana ser ativa, o número delas nas ruas é bastante menor do que o de homens. Nota-se isso logo ao chegar à Itália. Nas portas dos cafés, nas galerias, e mesmo no interior dos bares, pode-se dizer que "só dá homens"... Formam grupos em palestras animadas em toda parte, parados a discutir negócios, música, política ou câmbio negro. E mesmo no inverno é assim. No verão deve aumentar ainda mais o número desses grupos.

Felizmente as calçadas são largas e sobram para os que estão caminhando. Isso acontece em Milão tanto como em Roma e outras cidades que já visitamos. Estávamos com vontade de assistir a uma ópera no Scala (feio e simples por fora), mas levavam "Othello", peça que não apreciamos. Fomos a um grande cinema com número de variedades. Estava repleto e o preço do ingresso era de Cr\$ 15,00.

O fumo aqui é mais abundante do que na França, e há charutos à vontade. Experimentamos uns toscanos; a princípio tudo correu bem, mas quando terminamos o segundo sentimo-nos mal e tivemos que nos recolher à nossa insignificância... De agora em diante teremos mais respeito ao charuto toscano. Sem dúvida o vinho que se toma com as refeições, misturado à nicotina, não dá certo. O governo também vende cigarros americanos das principais marcas. O fumo é privilégio do Estado.

Vimos de Milão para Roma num trem rápido, elétrico, em mais de sete horas. O terreno plano continua por muito tempo abaixo de Milão, sempre passando por boas terras cultivadas. Somente depois de Bologna é que o aspecto começa a mudar.

Os assentos do carro são de costa baixa e quase vertical, oferecendo um mau encosto para tantas horas de viagem. E, porque a calefação é feita numas aberturas entre os encostos, sente-se o ar quente na cabeça e, em pouco tempo, torna-se bastante desagradável a viagem.

Quente lá em cima e frio nos pés, quando deveria ser justamente o contrário. Parece que quem construiu esses bons carros elétricos se esqueceu da espécie de animal que iria utilizá-los. Provavelmente queria que os passageiros se deitassem no chão com os pés para cima. Pagamos Cr\$ 150,00 em primeira classe. No nosso bom trem não havia carro-restaurante. Nas estações vendiam uma cestinha com frios e frutas. Muitos passageiros compraram e foram comendo no trem: cada cestinha, um almôço de Cr\$ 35,00. Foi a primeira longa viagem que fizemos nos nossos passeios sem encontrar carro-restaurante. Há pouquíssimo gado vacum. Encontramos, entretanto, muitos carneiros e porcos. Uma raça de carneiro pequeno e porcos brancos com manchas pretas — mas de tamanho regular — menor do que o Duroc Jersey. As galinhas são geralmente cruzadas, puxando mais ao tipo Leghorn, o qual, aliás, é de origem italiana, como o próprio nome indica: Livorno.

A uva é cultivada em muitas partes. Frequentemente usam um arbusto para o encosto da videira em lugar de paus comuns. O arbusto deve dar poucas folhas para não atrapalhar o desenvolvimento da parreira.

Há boas fazendas, com silos, e na maioria com arados a boi. Vimos poucos tratores. Usam muito a irrigação e utilizam para esse fim as águas dos rios que descem das montanhas. Pela extensão das pontes e volume atual das águas, vê-se que estamos num longo período de seca, a qual, aliás, tem afetado muito a hidro-eletricidade do centro da Itália. Em Roma estão cortando a corrente elétrica dois dias por semana, devido à falta d'água nas represas.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chipsa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marrom e havana.

De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR

Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marrom, solado de borracha. De ns. 33 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marrom. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e forrado. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES

O nome "ZEFERINA" é uma garantia

Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte



Atração magnética NOS OLHOS



STUDIO ERIC

O verdadeiro espetáculo de beleza está nos olhos das mulheres que usam Cilion. Cilion alonga, escorece e recurva os cílios e impede a formação de caspas e terçois.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.



CILION

embeleza e protege os olhos



TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tinta. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Publicidade para A CENA MUDA em

São Paulo: — Rua Álvares Penteado,

180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÓRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

OS CONGADOS EM CONGRESSO

(Cont. da pág. 49)

cobrir-se algum descendente de Chico-Rei, porquanto ele, enviando na viagem para o cativo, casou-se em Vila Rica e, tanto desse matrimônio como por parte do filho, deve existir descendência.

A vida desse famoso soberano negro não é episódio desprezível em nossa terra. As provas de tenacidade e devoção daquela gente em prol de sua liberdade e da constituição de uma sociedade negra a cavaleiro da dos brancos é qualquer coisa de épico nos anais de Ouro Preto. Basta que se saiba como conseguiam fundos para a construção, por exemplo, de igrejas e fundação das suas irmandades. As negras vinham orar aos pés da imagem de Nossa Senhora do Rosário no templo que construíam para ela, e lavavam as gaforinhas empoadas do ouro da mina de Chico-Rei nas pias da igreja, deixando nãgua o pó que traziam nos cabelos. Eram os donativos para manter a irmandade e os serviços da igreja.

Além disso é empolgante conhecer as lutas pela liberdade que Chico-Rei sustentou em Minas, tornando-se, no consenso dos nossos historiadores, o primeiro chefe negro abolicionista do Brasil.

Esta revista agradece as atenções de que foi alvo e faz sinceros votos para que os poderes públicos de Minas Gerais amparem a "União Brasileira de Congados do Reino de Nossa Senhora do Rosário", fundada a 10 de outubro de 1948, e promovam com os filiados de Congos, Mocumbiques, Caboclos e Catupés um segundo Congresso que possa atrair a Belo Horizonte estudiosos da história afro-brasileira, cultores do nosso folclore, turistas ávidos de apreciar alguma coisa tradicional digna de ser vista por todos os brasileiros que sentem nessas tradições as imagens de nossa terra cada vez mais desfigurada pela invasão de costumes e coisas do estrangeiro.

QUARENTA ANOS DE...

(Continuação da pág. 58)

UM APARTE E UM "ACORDO"

Qual foi a discussão ou o aparte que mais o impressionou, durante todo o tempo que tem dedicado às suas atividades no Parlamento?

— "Um deputado, certa vez, assomou à tribuna, para fazer uma grave revelação. Disse que um eminente homem de Estado estava louco e, depois de referir-se à vida pública desse homem, que foi uma das figuras a quem o Brasil deve assinalados serviços, apelou para um colega de bancada, médico como ele, para dizer se era ou não verdadeira a afirmativa. O outro, apanhado de surpresa, ao invés de ir à tribuna e fazer um discurso refutando a acusação, limitou-se a proferir este surpreendente e arrasador aparte: — "Sr. presidente, sempre ouvi dizer que todo maluco pensa que os outros é que o são."

DUAS RETIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Novas figuras e fatos são comentados. Júlio Barbosa nos diz então que a sua amizade com Quintino Bocaiuva, no "O País", lhe valeu, ao entrar para o Senado, em 1909, ser convidado, pouco depois, para secretário daquele grande jornalista da Abolição e da campanha republicana. Antes, era secretário de Pinheiro Machado e correspondente de "A Federação", de Porto Alegre, função que exerceu até a morte de Pinheiro, a 8 de setembro de 1915.

— "A minha indicação a Pinheiro para seu secretário foi feita por Tobias Monteiro, então nosso colega do "Jornal do Comércio". E por falar em Tobias Monteiro, tenho a declarar que ele foi um dos maiores amigos de Campos Sales, sobre cujo governo escreveu uma série de brilhantes artigos no "Correio Paulistano", com a assinatura de José Estêvão. Esses artigos foram atribuídos, recentemente, em um livro publicado sobre Campos Sales pelo seu ilustre biógrafo, dr. Sales Junior, a José Avelino, o qual, na época, realmente, era tido como o autor de tais publicações.

"Outra retificação que convém assinalar é a da trasladação do corpo do nosso grande romancista Aluizio de Azevedo. Como se sabe, o autor de "O Mulato" faleceu na Argentina, quando exercia as funções de cônsul do Brasil em La Plata. O seu corpo ficou durante muitos anos depositado no jazigo da família Velga, por gentileza desta, no Cemitério de Ricoleta, em Buenos Aires.

"Em uma de minhas viagens à capital argentina, visitei o corpo de Aluizio, pois, em vida, tive a oportunidade de travar íntimas relações de amizade com esse consagrado escritor, ao tempo da "Gazeta de Notícias".

"Anos depois, comentando essa minha visita a Urbano Santos, que era na ocasião ministro da Justiça, governador licenciado do Maranhão, terra de Aluizio, ele, aproveitando minha ida ao Rio da Prata, encarregou-me das providências necessárias à trasladação do corpo.

"Por intermédio do correspondente do "Jornal do Comércio" em Buenos Aires, dr. Alfredo Bastos, e do jornalista Justo Sola, de "La Nación", tive entendimentos com o intendente municipal daquela cidade, sr. Llamblas, e todas as medidas foram tomadas, vindo o corpo para o Rio de Janeiro, onde esteve, até ser levado para o Maranhão, na Academia Brasileira de Letras, que então funcionava no Edifício do Sylogeu. Daí, a suposição errônea de ter a Academia provocado a vinda do

corpo de Aluizio para o Brasil. As despesas todas foram autorizadas por Urbano Santos e pagas pelo líder da bancada maranhense na Câmara dos Deputados, dr. Artur Colares Moreira, hoje desembargador aposentado. Há mesmo um livro de memórias que atribui tal fato à Academia e cujo autor, informado do equívoco, não pôde retificar o erro, uma vez que faleceu."

FIM DE UMA VIAGEM SENTIMENTAL

Os minutos se escoavam como moedas de ouro nas cornucópias mágicas das fadas benfazejas. Júlio Barbosa integrara-se, num transporte eufórico, no delicioso enlêvo de suas recordações. O borborinho da praia do Flamengo morria de encontro às amplas janelas do apartamento, ali, na rua Almirante Tamandaré; e, no silêncio de seu gabinete, a palavra fluente e colorida traduzia e pintava emoções e paisagens que ficaram longe...

D. Stella, a devotada esposa de Júlio Barbosa, abrindo de mansinho a porta, nos acordou, como que a nos lembrar que estávamos perdidos no espaço e no tempo:

— "Julinho, o sr. Pessoa já está aí."

Levantamo-nos. Julinho refez-se para o presente.

— "Vamos sair?" — convidou.

Ao passar de seu gabinete para a ampla sala de estar toda atapetada, onde se dispõem, com arte e bom gosto, jarros antigos, e estatuetas raras, o repórter não pôde conter sua admiração diante de um armário de vidro, em cujo interior se viam medalhas e condecorações e vários pequeninos objetos.

Julinho adiantou-se a nos satisfazer a curiosidade:

— "São pequeninas lembranças, o meu relicário. Tudo isto é tocado pela presença espiritual de velhos e queridos amigos."

— E as medalhas e condecorações? — quisemos saber.

Júlio Barbosa, com natural modéstia, procurou e conseguiu desconversar:

— Olhe este álbum."

E levou-nos a uma poltrona.

Folheada a coleção de fotografias, voltou-se novamente para o pequeno museu e passou, então, a explicar significados e origens de quanto se achava ali recolhido. Depois, como que nos dando uma satisfação:

— "Ora, para que você quer saber de minhas medalhas e condecorações?"

Ainda uma vez, d. Stella, sorrindo complacente, veio com outra delicada advertência, para dizer que o "chauffeur", solicitado, chegara à hora marcada e já passavam alguns minutos...

Júlio Barbosa, agora apressado, dirigiu-se, outra vez, para o seu gabinete, a fim de apanhar os óculos que ali deixara. O repórter, com o visgo da curiosidade, grudara-se à ilustre presa, no afã de não perder nada e sempre na esperança de aumentar suas anotações. E teve sorte, porque Júlio Barbosa, circundando o olhar pelo gabinete e sentindo-se apenas em companhia do repórter, ainda teve oportunidade de mostrar-lhe alguns retratos que se encontravam nas paredes, todos com expressivas dedicatórias, cuja tinta esmaecida tinha nuances violáceas que a imaginação dos poetas reservou para a saudade. Encimando a todos, o medalhão em bronze de Pinheiro Machado, a águia sangrada mortalmente por Mâncio de Paiva.

Saimos, finalmente. No automóvel, a palestra prosseguiu:

— Qual a sensação que sente, contrastando a calma e a tranquilidade do passado com o "brou-ha-ha" do Rio tentacular de hoje, nessa vertical febricitante do progresso?

— "Pequena diferença. E' que, para mim, o Rio antigo tinha mais vida... interior."

— E gostaria, então, de voltar ao passado?

A resposta veio pronta, incisiva e desconsolante:

— "Não!"

Em seguida, suavizou a negativa:

— "A não ser que pudesse levar toda a minha felicidade do presente. O melhor é mesmo recordar e, com isto, viver duas vidas. Sou o homem mais feliz do mundo, porque nunca sonhei e pude realizar tudo ou quase tudo que, para os outros, constitui a felicidade..."

Junto ao elevador, no Senado, Júlio Barbosa perguntou-nos:

— "Então? Gostou da viagem sentimental ao passado?"

Sacudimos a cabeça, numa afirmativa repetida como movimentos pendulares, enquanto o seu vulto desaparecia, de cima para baixo, através das grades do elevador, que subia serenamente...

Sabir! Sempre subir! Maravilhoso destino, o desse homem simples, modesto e afável, que veio do nada para tudo e, tendo tudo, é como se nada tivesse, porque continua sendo a mesma alma compreensiva e boa, que soube entender o mundo e as outras almas...



LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas n° 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Nº 12

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM



DESESPERADO, MR. EQUIVICO LEVE SEU FILHO PARA CONFESSAR.



PAPAI EU NÃO LHE CONTEI TUDO...



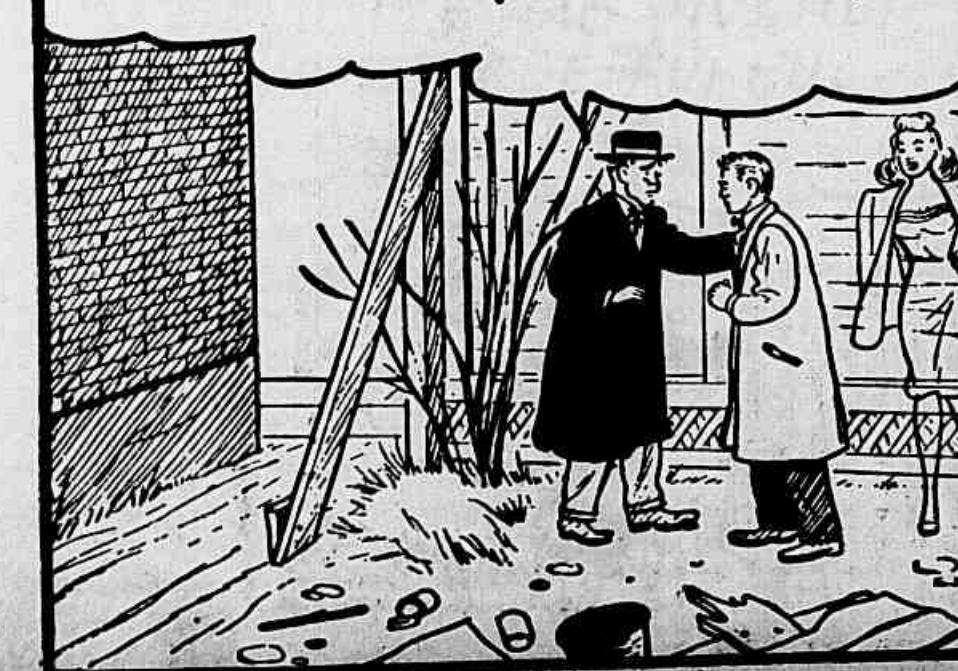
EU LHE DISSE QUE ESTAVA LEVANDO O MENINO PARA O HOSPITAL, MAS NÃO É VERDADE.



TAMBÉM ATROPELEI UMA MOÇA E NEM SEI SE ESTAVA MORTA.



FILHO, EU ESTOU VELHO, SOFRO DO CORAÇÃO E NÃO VIVEREI MUITO. DIREI QUE FUI EU.



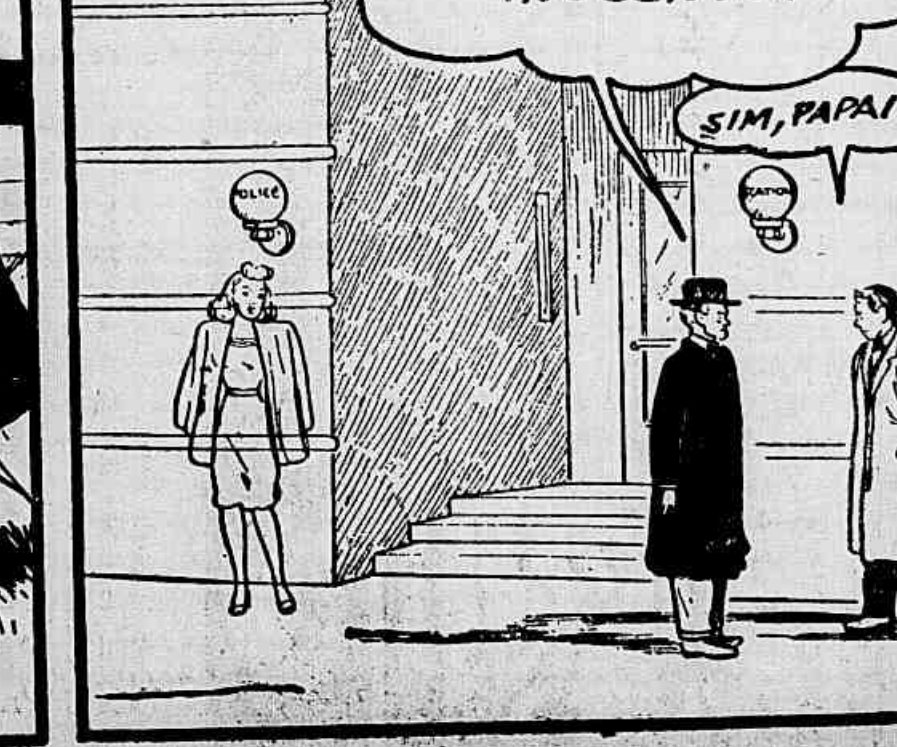
PROMETO ME MODIFICAR, PAI,



LEMBRE-SE QUE PROMETEU!



IREI AGORA VEREMOS SE SABE SE PORTAR INOCENTE.





BONECOS DE RAFAEL ★ PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS-ARTE MANHÃ-DIVERSÕES★ DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES

SEMANA: PERIGO DAS CARTAS

C. SALAMALEQUES

Quando ainda era eu, o Conde de Salamaleques, rapazinho ingênuo e pegado no rabo da saia da mamãe, a viscondessa de Puchacako, descendente em linhas gentilmente oblíquas dos Duques de Espoleta, já ouvia dizer que esse negócio de Cartas, só as da mesa para esclarecer uma situação confusa.

Desde muito vem o Brasil a brigar por causa de cartas. Há quem atrapalhe uma vida com as cartas falsas, outros, intrigam a gente citando a lort e a direito uma tal de Carta Magna que ainda ninguém sabe onde está, nem quem seja; prende a polícia os que jogam as cartas; e há mocinhas que choram de amargor com a Carta de Bete Davis. No Congresso Nacional dormem os deputados e senadores quando um deles lê

...ENTÃO, QUEM É FRANCÊS É DA FRANÇA; QUEM É ITALIANO É DA ITÁLIA. E QUEM É FLAMENGO, RESPONDA.



um carta... pácio, e ferve a política nacional, intranquiliza-se o governo, correm daqui para ali e dali para acolá por causa de uma carta ministerial que lugu da gaiola da conveniência e voou para o estrangeiro por motivo de uma cartada em falso. Vão para a cadeia as cartomantes somente porque teimam em ver no baralho o passado, o presente e o futuro de quem joga e de quem não arrisca no Pil-Paf. Erram os meninos de nossas escolas porque estão atrasadas as nossas cartas geográficas: vamos gente citada nos lúzios simplesmente porque não querem honrar as cartas de liança. Franco treme no trono diante das ameaças de Carta... gena; e nossos comandantes do Lóide



só querem viajar agora com Carta de Prego: os inspetores de veículos desejam trabalhar com Carta Branca, e todo mundo reclama a demora do correio em entregar as cartas, como quem dá cartas e joga de mão. Por tudo isso e mais que se segue e consta das Cartas-Patentes de minhas invenções imortais e seculares, eu, o Sr. Conde de Salamaleques que Deus me Guarde até mais logo quando vier o cobrador do telefone, decreto indulto nacional para toda espécie de carta prejudicial à raça humana, com exceção das de baralho, as únicas isentas de imposto graças ao contrabando.

Conde de Salamaleques



LER MUITO É PREJUDICIAL, DESCANSE 5 MINUTOS DEPOIS PROSSIGA.

PREVISÕES

Segundo os designios do Astral que fica ali na rua Treze de Maio, dentro de poucos dias vamos ter grandes melhoras em nossa cidade: vai subir o preço do açúcar, o que trará grandes

INCONGRUÊNCIAS do FOOT-BAAL

O "RAPID" SER MOROSO E UM AMOROSO SER RAPIDO

O FLUMINENSE NÃO JOGAR NO ESTADO DO RIO E O ESTADO DO RIO NÃO CONHECER O FLUMINENSE

O BOTAFOGO TER MEDO DE JOGAR COM CALOR E O CALOR FALTAR AO BOTAFOGO NOS DIAS DE ENTUSIASMO

O FLAMENGO NUNCA TER IDO A BELGICA E FLANDRES DESCONHECER POR COMPLETO O FLAMENGO

O OLARIA NÃO SABER FAZER TIJOLO E O "TIJOLO" NADA QUERER COM O OLARIA

O CANTO DO RIO MORAR NUM RECANTO DE NITEROI E NITEROI NÃO CONSTITUIR NENHUM CANTO DE RIO

O BONSUCESSO JAMAIS TER CONHECIDO A RAZÃO DO SEU NOME E O SEU NOME SO CABER A OUTROS CLUBES QUE NÃO SÃO DE BONSUCESSO

O VASCO DA GAMA NUNCA TER DOBRADO O CABO DA BOA ESPERANÇA, NEM ESTE JAMAIS TER VISTO UM SOPE DO CLUBE DE SEU NOME



SUCIAIS



FÉRIAS — Nosso prezado conterrâneo Ze Cospe Fogo, depois de ter gentilmente matado a cacetadas o seu desaleto Chico Come Brasa, foi honrado com uma sentença especialmente encomendada por uma de nossas Varas Criminais, para passar alguns anos de férias na Ilha Grande. Caso deesse lugar estamos às ordens.



ALUGA-SE — Com a mudança da estátua de Caxias, aluga-se o local em que estava com seu modesto cavalinho. O local é sombrio e

pitoresco, mas não serve para criança, por estar num jardim, coisa proibida aos pequenos e somente permitida aos adultos com as suas respectivas namoradas a qualquer hora do dia e da noite.



CASAMENTO — Já estão amarrados de pés e mãos os nossos amigos Maria Agado e Joaquim Embry. Parabéns e felicidades muitas ao novo casal Embry-Agado.

FORMATURA — Apesar de muito burro e incapaz de aprender a dar um laço de gravata, recebeu um diploma de analfabetismo o jovem Palácio, filho do sr. Manuel Pará e d. Jandira Noica. Parabéns à família Pará-Noica.

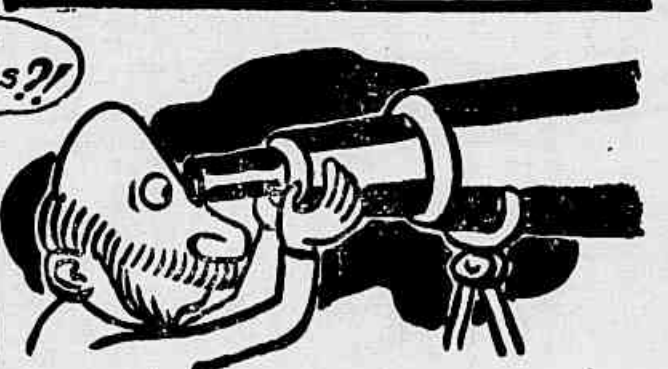


alegras aos usineiros que precisam edificar mais arranha-céus e comprar automóveis de luxo para a excelentíssima família.

Vai subir também o preço da carne de todas as espécies, para que os marchantes e criadores possam dar seus passeios ao estrangeiro e fazer propaganda de nossa cara Pátria amada idolatrada, salve! salve!

Vai melhorar muito, também, o preço das pensões, dos hotéis, das passagens de trens e ônibus, a fim de que as madamas e os madamos, as companhias de transportes e a Central do Brasil consigam maior lucro, pois o de 200 por cento ainda é muito pouco em face de uma nação rica e feliz como esta.

Todas estas previsões são oferecidas como um



presente de Natal e Ano Bom ao glorioso povo carioca, que precisa comer menos açúcar, por causa da diabetes; comer menos carne, por causa do ácido úrico e andar mais a pé a fim de gastar mais sapatos, dando movimento ao comércio de calçado, às portas da tolerância pelo tato de os nossos industriais de solas só quererem tirar o couro do povo em lugar de estolar os legítimos bois do Piauí e outras Repúblicas desconhecidas.

Barão do Buteco





Júlio Barbosa em sua residência. Na parede, os retratos de amigos falecidos: Miguel Couto, Alberto Farani, Azeredo Coutinho, José Barbosa, Olavo de Carvalho e Félix Pacheco e o medalhão de Pinheiro Machado

QUARENTA ANOS DE SENADO

Júlio Barbosa, testemunha de meio século de literatura e política ★ De simples caixeiro de despachante da Alfândega a um dos mais altos postos da República ★ Bacharel, deputado e senador, mas, antes de tudo, jornalista ★ Reminiscências de dez lustros, revivendo a boêmia galante do Rio antigo ★ Nas redações dos jornais, as tertúlias literárias que enriqueceram o patrimônio intelectual do Brasil ★ "Desapertos" de um reporter sabido para atender às exigências de "João Velhinho" ★ Uma pianola fazendo "sucesso" no Museu do Louvre, graças à "gaffe" de um redator novato ★ Rio Branco faz garatujas para "matar o tempo" ★ Quem estava "louco" não era Campos Sales e sim o deputado psiquiatra... ★ Rui Barbosa aprova o Estado de Sítio, pedido por Epitácio ★ A anistia em favor de João Cândido e seus asseclas ★ Duas sessões memoráveis na mais alta Câmara do Parlamento Nacional

Têxto de HERCULANO RUY



Fotos de ARNALDO VIEIRA

HÁ cinquenta anos um rapaz, criado por tios pobres, trabalhava como caixeiro de despachante da Alfândega, na rua Visconde de Itaboraí. Ganhava, apenas, quarenta mil réis por mês. Uma quantia que, mesmo àquela época em que o vintém fazia mais vantagens do que um irrisório cruzeiro da atualidade, não bastava senão para atenuar as agruras da vida. Seu patrão, o sr.

Alípio do Vale Cabral, mandava-o, com frequência, ao escritório da firma Amoroso Costa & Cia, na antiga rua de São Pedro, hoje desaparecida sob o crepe do asfalto. Ali, Júlio Barbosa de Matos Corrêa, o rapaz que com tanto sacrifício se iniciava, mereceu as simpatias de um dos sócios da firma, sr. Amoroso Lima, que o levava ao botequim da esquina, onde, então, lhe dava conselhos



Nesta fotografia, aparece Júlio Barbosa, em sua residência, ao lado de sua neta mais velha, D. Risoleta de Lamare Leite Ribeiro, esposa do sr. Paulo Leite Ribeiro



A doce e suprema ventura de ser avô: Júlio Barbosa tendo ao colo seu netinho José, filho do casal Maria Stella Barbosa Pinheiro Guimarães-Ministro Plínio Pinheiro Guimarães



De privilegiada memória, Júlio Barbosa não precisaria de arquivos e fichários para melhor guardar os seus "recuerdos". Mas é também caprichoso e metódico e seus papéis estão sempre em dia

valiosos que muito influiriam, mais tarde, na formação do seu espírito e do seu caráter.

Júlio Barbosa, em setembro de 1899, ainda estudante de humanidades no Mosteiro de São Bento, curso que fazia de graça, depois de obter alguns preparatórios na Instrução Pública, ingressou em "O País", como revisor. E aí se iniciou, então, a vida trabalhosa daquele que, agora, passado meio século, vamos encontrar ocupando um dos cargos mais elevados da República — o de Diretor Geral da Secretaria do Senado Federal.

ANTES DE TUDO JORNALISTA

Há dias, Júlio Barbosa foi justamente homenageado por todo o Senado, ao comemorar o 40º aniversário de sua atuação na mais Alta Câmara do Parlamento Nacional.

Para a gulodice de um repórter, tamanho acervo de atividades, acrescido de dez lustros de jornalismo militante, faz de qualquer mortal que o possui uma "avis rara" que sabe a iguarias poucas vezes encontradas nos "menus" nem sempre bastante variados de nossa imprensa.

— "Estou muito comovido com as homenagens que me foram prestadas, disse-nos. Foi um dos grandes momentos de minha vida e as recebi como o coroamento dos esforços que dediquei para o bom desempenho de minha função pública. Todavia, devo acrescentar que, tendo exercido cargos eletivos, como deputado e senador por Pernambuco, onde nasci, e comissões diplomáticas e outras funções, além de ser também bacharel em Direito, nunca deixei de ser jornalista. Há dez lustros ininterruptos que trabalho em jornais. De revisor em "O País", passei a repórter. Ali conheci Quintino Bocaiuva, que era nessa ocasião redator-chefe. De repórter, em assuntos policiais, fui para a redação dessa folha. Depois trabalhei na "A Notícia", na "A Tribuna", na "Gazeta da Tarde" e na "Gazeta de Notícias", como um dos seus redatores. Em 1904, a 23 de julho, convidado por José Barbosa, então secretário da redação, ingressei no "Jornal do Comércio", para fazer o serviço de reportagem política do grande órgão, função que deixei para substituir, como cronista parlamentar, o dr. Antônio Pereira Leitão, que falecera."

A BOÊMIA GALANTE DO RIO ANTIGO

Júlio Barbosa, cuja boêmia e cuja memória os anos nem sequer arranharam de leve, vai desfilando para o repórter uma série colorida de episódios interessantes, ligados às suas atividades jornalísticas. Com um sorriso largo revestindo o rosto rosado e liso, acende com displicente elegância um longo cigarro americano e prossegue em suas reminiscências:

— "Conheci a boêmia galante do Rio no começo do

século. Bons tempos aqueles! A "Gazeta de Notícias" ra o jornal dos literatos. Ali estavam sempre, entre outros, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Henrique Chaves, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, José Veríssimo, Vieira Fazenda... A "Gazeta" era dirigida por Henrique Chaves, o homem todo bondade e coração, e "A Notícia" por Manuel Jorge d. Oliveira Rocha, criatura de grande inteligência e finura, de requintada elegância.

"Saí da "Gazeta" pouco tempo depois que Oliveira Rocha, o Rochinha, como era chamado, foi dirigi-la. Nessa ocasião, julho de 1904, entrei para o "Jornal do Comércio", como já disse, a convite de José Barbosa, um bom e ilustrado português que viera para o Brasil depois da revolta do Porto, em 91. Com ele, se não me engano, vieram também João de Souza Lage, que mais tarde haveria de ser uma das grandes figuras de nossa imprensa; Julião Machado, caricaturista de quem a velha geração ainda se lembra com saudades; Barjona de Freitas, que logo seguiu para São Paulo, onde teve brilhante atuação em vários jornais, e Bittencourt Rodrigues, médico que se tornou célebre também na capital paulista.

"Julião Machado, juntamente com Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro, estes dois ainda vivos, completava um trio respeitável, cujo lápis verberava costumes e escarpelava com fina ironia figuras da época.

"Bittencourt Rodrigues, anos depois, voltou para Portugal, onde já se achava José Barbosa que, tendo entrado na política, chegou a ser deputado, ministro e presidente do Superior Tribunal de Finanças de sua pátria. Morreu há anos, pouco depois de haver saído da prisão, onde esteve por haver se insurgido contra o governo de Sidônio Pais. Bittencourt também ocupou importantes cargos na política portuguesa, entre os quais o de ministro das Relações Exteriores, e foi de suas mãos que me vieram as insígnias de Comendador da Ordem de San Tiago de Espada, honra que muito me sensibilizou."

RIO BRANCO JORNALISTA

Agora, voltamos, novamente, para o "Jornal do Comércio", a cuja redação de tantas décadas passadas, Júlio Barbosa nos leva, enleando-nos com a sua prosa fluente e colorida:

— "Como disse, as redações dos jornais eram, naquela época, verdadeiros clubes literários. O "Jornal do Comércio", entretanto, distinguia-se mais como reduto de políticos e ministros de Estado. Entre estes, destacava-se a figura de Rio Branco, que ali ia quase todas as noites. Muitas vezes, o nosso grande chanceler auxiliou Vasco Abreu e João Luso no preparo de telegramas do exterior sobre política internacional; outras vezes, conversava durante longas horas com José Barbosa, Felix Pacheco Er-



Uma fotografia histórica, na qual vemos Júlio Barbosa, como repórter, palestrando com Rio Branco, em frente ao Palácio do Catete. Na época, as calças brancas deviam estar muito em moda...



O Diretor Geral da Secretaria do Senado, enquanto revive para o reporter os mais interessantes episódios de sua vida de imprensa, vai lhe mostrando, também, vasto documentário histórico

nesto Sena e comigo, ou então distraía-se desenhando figurinhas e caricaturas nos cadernos de papel almassc em que escrevíamos".

UM HOMEM DE PALAVRA

— "Uma noite, Ferreira da Costa, então ministro do Brasil em São Petersburgo, licenciado nesta Capital, estava de costas para a porta de entrada da redação e de frente para o secretário do jornal, emitindo queixas amargas a respeito de Rio Branco que, apesar de seu amigo havia longos anos, "o deixava morrer de frio na Rússia"..."

"Ferreira da Costa era muito surdo e não ouviu que a porta se abria e que, através dela, entrara Rio Branco. Só se apercebeu da presença do grande chanceler pela fisionomia dos que o escutavam. Voltou e, dando com Rio Branco, que ouvira parte de suas reclamações, para ele se dirigiu e, em termos vivos, muito exaltado, reproduziu tudo quanto dissera. Como homem de caráter, não podia agir de outra maneira..."

"Rio Branco, absolutamente calmo e risonho, ouviu as queixas de Ferreira da Costa. Daí a instantes, em uma das mesas da redação, sentados, entraram em acôrdo e fizeram as pazes..."

"JOÃO VELHINHO" PEDE UMA BIOGRAFIA DE CESÁRIO ALVIM

Agora, Júlio Barbosa, rindo gostosamente, nos conta um "desapêto" de repórter:

— "Foi em maio de 1903. Como representante da "Gazeta", segui para Belo Horizonte, a fim de assistir à inauguração do Congresso Agrícola, Comercial e Industrial de Minas Gerais. No trem, de bitola estreita, de Lafayette àquela capital, sentei-me ao lado do velho Cesário Alvim, que era um "causeur" admirável e que me contou várias passagens referentes à sua vida de político. Ao saltarmos em Belo Horizonte, Cesário, que viajava com o seu filho Décio Alvim (hoje desembargador aposentado), me disse: — "Tudo isso que lhe contei talvez sirva um dia para você escrever a minha biografia".

"Uma tarde, encontrava-me na redação, quando João Lopes Chaves, entrando, nos disse que Cesário Alvim havia falecido e já fôra enterrado."

"O secretário do jornal, outro João Chaves, conhecido por "João Velhinho", voltou-se para mim e determinou que eu escrevesse um artigo sobre o ilustre extinto: "Procure notas com a família"..."

"Sentei-me, e meia hora depois entreguei-lhe a notícia completa acerca dessa grande figura da República."

"João Velhinho", espantado depois de ler o que eu escrevera, inquiriu-me: — "Como conseguiu tudo isso?"

— "Simplesmente, respondi-lhe. Foi o próprio Cesário Alvim quem me contou tudo"..."

"Realizara-se, infelizmente, a profecia de Cesário Alvim."

A "GAFFE" DE UM NOVATO

A diferença entre um jornal de hoje e o de quarenta anos atrás é bem de ver-se, apresenta-se incomensurável. Um fato ocorrido de manhã em Nova York pode ser divulgado horas depois no Rio de Janeiro ou em outra cidade qualquer e, muitas vezes, até com fotografias televisivadas. Antigamente, não havia agências especializadas e difundidas por toda parte, como hoje. O "Jornal do Comércio", por exemplo, tinha correspondentes em numerosas capitais e cidades da Europa e da América. Os telegramas iam surgindo e os redatores davam-lhe o revestimento indispensável, ligando as palavras do melhor modo possível, desabreviando-as convenientemente.

A propósito desse serviço, Júlio Barbosa nos relata um fato curioso.

— "Havia sido inaugurada, no Museu Louvre, em Paris, a sala com quadros célebres que lhe foram doados pelo velho Suchard, dono dos Armazens Louvre. Veio-nos, então, um telegrama com referências elogiosas à célebre tela o "Angelus", de Millet, que estava tendo grande sucesso."

O redator de serviço, novato ainda, confundiu o nome da tela com o da marca de uma pianola, também lançada com sucesso no mercado desta Capital. E, ao "traduzir" o despacho, fez sentir que a "Angelus" (e não podia ser outra!) era procurada no Louvre com assombroso êxito..."

"Claro que o representante da pianola aproveitou a reclamação e mandou uma carta para o jornal, explicando que o instrumento não podia ser premiado porque já era "hors concours"..."

"O redator que cometeu o "cochilo" foi alvo de numerosos e seguidos "trotes" dos companheiros de redação. Hoje, esse antigo "chicharro" não é outro senão uma das grandes figuras do magistério militar e tem como letras iniciais de seu nome um D e um C..."

RUY BARBOSA E A ANISTIA AOS ASSECLAS DE JOÃO CÂNDIDO

Vamos, agora, ao Senado, rememorar os grandes dias do Parlamento. Júlio Barbosa, quarenta anos de convivência com os maiores oradores, os expoentes máximos da eloquência brasileira, as personalidades mais destacadas da República, nos leva ao passado. Com paciência, e ao mesmo tempo se comprazendo em trazer à lembrança os fatos que mais o impressionaram, quebrando a gravidade de um deles com a jocosidade de uma anedota

picaresca em que são partes respeitabilíssimas figuras, lembra, em seguida, um dos acontecimentos mais importantes de nossa agitada política republicana.

— "Foi a 24 de novembro de 1910. Discutia-se o projeto de anistia aos revoltosos do "Minas Gerais", chefiados pelo marinheiro João Cândido."

"Ruy Barbosa, o gigante, fez um longo discurso para recomendar ao Senado, a pedido de Severino Vieira, a medida. O projeto concedia o favor se os insurretos que estavam de posse de dois dos maiores couraçados do mundo, se submetessem às autoridades constituídas dentro do prazo marcado pelo governo."

"Pinheiro Machado, em princípio, concordou com Ruy. Historiou os fatos passados na véspera e a ida do comandante José Carlos de Carvalho a bordo do "Minas Gerais", para confabular com o chefe revoltoso."

"Como se sabe, a sedição foi motivada, diziam, nos principais responsáveis, por causa dos castigos corporais. A propósito disso, Ruy Barbosa teve frases candentes sobre a dignidade humana aviltada pelo uso da chicota. Pinheiro, no seu discurso, disse que a anistia defendida no momento pelo eminente representante da Bahia era um ato de generosidade que lhe parecia inoportuno por estarem os amotinados de armas nas mãos."

"Foi uma sessão emocionante, de alta vibração. Por fim, o projeto, em virtude de urgência requerida por Severino-Vieira, foi aprovado unanimemente."

OS 18 DO FORTE DE COPACABANA E O ESTADO DE SÍTIO

— Outra sessão, também memorável — prossegue Júlio Barbosa — e também sobre ordem pública, foi a de 5 de julho de 1922, por ocasião da revolta do Forte de Copacabana. Votava-se um projeto de lei, reclamado por Epitácio Pessoa, então presidente da República, declarando o estado de sítio no Distrito Federal e no Estado do Rio.

"Francisco Sá, uma figura de relêvo inexcédível no Parlamento, de grande coragem e sólida cultura, pediu a palavra para discutir o assunto, quando Ruy entrava no recinto. Disse da tribuna que "a sessão acabava de receber uma consagração histórica". Parecia "que se ia celebrar o rito da liberdade, porque, enquanto os pregoeiros da discórdia, os arautos da subversão da ordem social saíam pelos desvãos, estava entrando pela grande porta, em meio às aclamações de todos, o grande sacerdote das nossas liberdades".

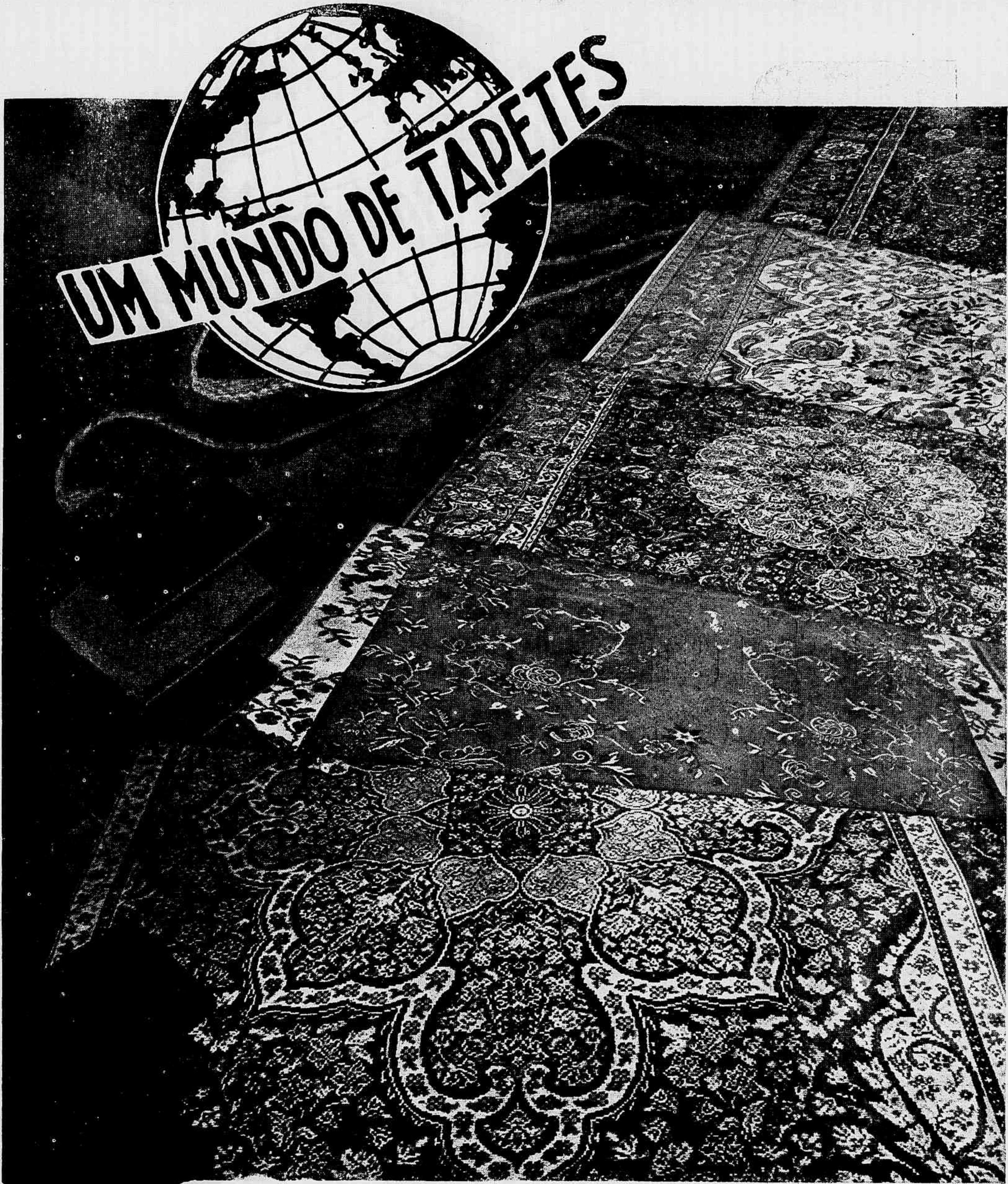
"Ruy, ao entrar, tinha sido recebido com uma calorosa salva de palmas. Não se furtou ao apêlo e declarou que, naquela ocasião tão grave, saberia cumprir o seu dever, como tantas outras vezes, em circunstâncias idênticas, já no governo de Prudente de Moraes, já no de Rodrigues Alves e, também, no do marechal Hermes. Apesar de sua irreconciliável prevenção contra essa medida constitucional, ia atender ao pedido encaminhado ao Senado, concedendo o estado de sítio — dever penoso, ressaltou — mas que se achava consagrado em nossa Carta de Lei Política e que nunca fôra dado — queria lhe parecer — em situações que o não exigissem."

"O grande tribuno e jurista, apóstolo da liberdade e da democracia, votou pelo estado de sítio com as naturais restrições impostas. Era presidente da República, como já se disse, Epitácio Pessoa, que fôra seu competidor na eleição presidencial..."

(Continua na pág. 52)



Quando de sua visita ao Brasil, em 1933, Columba, grande caricaturista da revista "Caras y Caretas", de Buenos Aires, traçou com o seu lápis seguro, esse perfil de Júlio Barbosa



UM MUNDO DE TAPETES

VENDA ESPECIAL de
TAPETES E PASSADEIRAS — francêses, inglêses, orientais, tche-
cos, portuguêses e nacionais, recebidos diretamente das fábricas
— a preços especiais —

Orçamentos e su-
gestões executados
por técnicos-deco-
radores

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 Rua da CARIOCA 67 — Rio



**modificam-se
os sistemas
de trabalho...**



**...mas
a preferência pelos
cigarros Continental permanece**

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro
de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — hoje as mulheres tomam o
lugar dos homens e os negócios se
mecanizam... mas a popularidade
dos cigarros Continental permane-
ce inalterada. Porque Continental
manteve sempre a alta qualidade

que fez dele o cigarro mais popu-
lar do Brasil... hoje como há quin-
ze anos atrás. Sim — cada vez mais
numeroso é o público que dá prefe-
rência a Continental, o cigarro de
qualidade mais vendido no Brasil!



Lisos ou com Ponteira

Cigarros

Continental

uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**